



וזהו יושב על הצלב
ΟΥΤΟΣ ΕΣΤΙΝ ΙΗΣΟΥΣ
Ο ΒΑΔΙΑΕΥΣ ΤΗΣ ΙΟΥΔΑΙΑ

A morte de Jesus foi para a
remissão de pecados?

© 2011
Genevra
Kornbluth

Paulo Neto

A morte de Jesus foi para a remissão de pecados?

(Versão 8)

“Do momento em que um erro é demonstrado, o amor-próprio tem mais a perder do que a ganhar obstinando-se numa ideia falsa.” (ALLAN KARDEC)

Paulo Neto

Copyright 2016 by
Paulo da Silva Neto Sobrinho (Paulo Neto)
Belo Horizonte, MG.

Capa:

[http://www.kornbluthphoto.com/images/
DelgadoCrux4.jpg](http://www.kornbluthphoto.com/images/DelgadoCrux4.jpg)

Revisão:

Hugo Alvarenga Novaes
João Frazão de Medeiros Lima
José Reis Chaves

Diagramação:

Paulo Neto
site: www.paulosnetos.net
e-mail: paulosnetos@gmail.com

Belo Horizonte, março/2015.

Índice

Prefácio.....	4
Apresentação.....	9
Introdução.....	15
Aprendestes com os antigos.....	20
Para Jesus o que garantiria a salvação?.....	83
O Cristo foi morto por qual motivo?.....	90
1º) Por motivação política?.....	92
2º) Para cumprimento de profecias?.....	137
3º) Para algum tipo de resgate?.....	152
Um mergulho no passado.....	181
Conclusão.....	186
Referências bibliográficas.....	197
Dados biográficos do autor.....	203

Prefácio

Não seria injusto dizer, que Paulo Neto, é atualmente, o estudioso e pesquisador do Espiritismo que mais conhece a doutrina e que melhor absorveu a racionalidade de Kardec. Seus artigos são profundos e esclarecedores. Nos mostram o quão atual é a Doutrina Espírita. Nessa jornada Espírita, surgem ataques de todos os lados: dos religiosos, dos ateus e, lamentavelmente, dos próprios companheiros espíritas.

Como Kardec, Paulo se mantém firme e com olhares no futuro, não caindo na tentação da troca de insultos, mas no esclarecimento, na comunhão de diálogos sinceros através dos seus escritos. Como um homem honesto e maduro, não se deixa abalar por críticas destrutivas, mantendo o seu espírito de pesquisador, de coerência, de clareza, que reflete em seus artigos, numa linguagem que facilita a compreensão de todos os seus leitores, nos tirando do véu da ignorância e colocando-nos a

par dos fatos.

Na leitura desse artigo, é imprescindível que o leitor, mantenha o seu raciocínio livre de preconceitos. Jesus nos disse para buscarmos a verdade, pois ela nos libertará. Não obstante, nessa busca pela verdade precisamos ter cuidado, para não acreditarmos que já estamos com um “copo cheio de certezas”, pois muitas vezes, julgamos estar “libertos” e “salvos”, por ter encontrado uma “verdade relativa” e passamos a olhar o cisco no olho do vizinho, estando nós, na verdade, completamente equivocados. Ora, a verdade é só uma, mas no que concerne as verdades bíblicas, encontramos milhares de denominações religiosas, com pensamentos completamente diferente uma das outras. Sendo muito comum ouvirmos: “Estou com a verdade”. Bom, o Espírita não deve ser assim! Não devemos rejeitar pensamentos. Devemos estar sempre abertos a descobertas, a “novas paisagens”, ou pelo menos, observar antigos pensamentos, sob novos pontos de vista, sempre, é claro, passando pelo crivo da razão e do bom senso. Bom, mas como fazer isso, sem estudar

aquilo que é dito pelo vizinho? Como podemos saber se estamos completamente certos ou pelo menos, no “caminho”, sem conhecer os argumentos que são utilizados contra nós, ou contra nossos pensamentos?

E foi justamente nessa busca de conhecimento, que Paulo Neto, como um grande pesquisador, diferente da maioria de papagaios, que aceitam e repetem aquilo que ouviram dos outros. Joseph Goebbels dizia: “Uma mentira dita, reiteradas vezes, se torna verdade” - acabam adentrando num pântano de erros e que, muitas vezes, fazem com que o homem cego, jogue lamas e mais lamas em quem está limpo e no caminho reto - Diferente disso, Paulo manteve-se distante de preconceitos e de maneira imparcial, elaborou um texto enriquecedor, instrutivo e libertador, para todo aquele que respeita a Bíblia e principalmente os ensinamentos de Jesus.

Sim, nós Espíritas respeitamos a Bíblia, apesar de não a adotarmos como manual de fé. É inegável que naquele conjunto de livros, existem

muitas verdades e a maior coletânea delas, está nos dez mandamentos e naquilo que foi dito e Jesus vivenciado por ele, mas não a idolatramos, pois foi escrita por homens.

Como homens imperfeitos, poderão produzir algo perfeito? Como uma ferramenta imperfeita (escritor), por melhor auxílio que tiver de um bom ferreiro (“Espírito Santo”), poderá produzir um objeto perfeito “bíblia inerrante”?

A não ser que tiremos o aspecto positivo daquilo que foi realizado. A prova da imperfeição do mesmo, está na quantidade de contradições e de visões diferentes acerca de determinados acontecimentos, variando de autor para autor.

Como podemos então, nos aproximarmos da verdade?

Visualizando os ensinamentos de Jesus. De agregação e não segregação. De perdão imprescritível e não de condenação irrevogável. De amor infinito e não de egoísmo humano. É assim que separamos o joio do trigo. Pois os ensinamentos de Jesus são como uma árvore que

produz bons frutos, mas do momento que aqueles ensinamentos saíram da boca do Mestre, eles passaram décadas depois na “mão” dos escritores. Décadas depois, nas cópias dos copistas, séculos adiante, na mão de poucos homens poderosos que tinham acesso aos textos e na escolha daquilo que deveria ser utilizado ou não pelos cristãos. E foi neste percurso, que jardineiros bons e jardineiros maus estiveram em mãos o evangelho e foram lapidando a sublime árvore dos ensinamentos de Jesus, cabendo a todo estudioso sincero na Bíblia, procurar a verdade, mantendo a cabeça aberta para novas descobertas daquilo que foi ocultado.

Feliz estou, de poder fazer parte, neste prefácio, de um trabalho fantástico do pesquisador Paulo Neto. Grato pela oportunidade!

Alexandre Silva Henrique

Apresentação

A maior parte do cristianismo tem Jesus como o salvador.

Jesus, o maior missionário, espírito elevadíssimo, veio para ensinar elevada moral a humanidade, era preciso sofrer tanto como ele sofreu?

Se Jesus veio para nos salvar, porque continuamos “pecando”? Por que tanto desequilíbrio nos dias de hoje?

As religiões sempre lutaram para impor a seus seguidores uma fé ingênua e ignorante baseado em dogmas.

Buscamos através dessa obra a profundidade de um estudo com lógica que nos leva separar a quimera do real, uma fé raciocinada baseada no estudo e na compreensão das ideias. Essa obra nos esclarece sobre as ideias errôneas e superficiais que muitas pessoas ainda possuem.

Jesus foi agredido na sua fé por amor ao Pai. E quantos são agredidos para viver com o Cristo. Sua missão foi a de ensinar a lei de amor, Jesus não tinha a intenção de curar.

Considerado mestre, filho de Deus, deixava os maiores religiosos do mundo revoltados, pois, vangloriavam de possuir os oráculos de Deus e sua ortodoxia os levou a crucificar o amigo, mestre Jesus.

Os judeus cultivavam o espírito de vingança com seu ódio pelos romanos. Tentaram destruir a lei de amor ensinada por ele. A sua presença era um perigo constante. Além do mais, João Batista tinha sido executado por Herodes, na Galileia, por motivos banais. Jesus, com certeza, tinha consciência do perigo que corria. No entanto, sua morte traria grande impacto em prol da causa que sustentava. A investida violenta contra os vendilhões do templo deu início a grande revolta entre os participantes, bem como atingiu frontalmente as lideranças políticas e religiosas, envolvidas com as negociações.

Anás era um homem rico, e uma de suas principais fontes de renda era a venda de sacrifícios no templo. Por este fato, tinha razões para matar Jesus, que, por duas vezes, purificou o Templo, que eles tinham transformado num “covil de salteadores”. Os animais eram vendidos a preços exorbitantes. Os cambistas trocavam moedas que os visitantes traziam pela única aceita pelo Templo. Esse dinheiro junto com os impostos cobrados de todos os judeus adultos, faziam do Templo mais do que uma igreja. Na prática era o “Banco Central” da Judeia, empregando em torno de homens, que administravam e guardavam imensa fortuna. Esta situação contrariava tudo o que Jesus pregava: igualdade, fraternidade, caridade, etc.

Pilatos não poderia negar um pedido dos judeus (matar Jesus). Não importava se inocente ou culpado. Seu dever era evitar atritos com os líderes religiosos, garantindo o fluxo de impostos para si e para o império. Pilatos, como um líder romano, era também responsável pela segurança do império. A vingança, os conflitos, a inveja, a antiga corrupção, o medo de perder o trono crucificaram Jesus e

deram como título o de “rei dos judeus”.

Jesus não pagou “pecado” nosso. Como se erros cometidos por um fosse pago por outro. Ninguém, por mais sublime que seja, pode reajustar o que desajustamos. Seria injusto, não estaria de acordo com as leis de Deus se Jesus quitasse dívidas de todos. É uma visão estreita, infantil, não seria sublime. Uns devem mais, outros menos. Na cruz, Jesus deixou claro que é o filho de Deus, que Deus é amor e que sem os seus exemplos ninguém chega ao Pai.

Jesus, o caminho a verdade e a vida, disse: *“ninguém vem ao pai se não por mim”*.

Jesus veio para nos mostrar o caminho que nos leva ao Pai, seus ensinamentos passam pelo caminho e tem como objetivo a sublimação. Que quanto mais nos purificarmos dos nossos erros, mais próximo do Pai estaremos e, conseqüentemente, mais espiritualmente envolvidos no amor Universal. O Cristo interno de cada um de nós, a nossa autossalvação. A salvação parte de nós mesmos, da nossa reforma íntima, nós

é que temos que nos perdoar, nos comprometer com a paz, empenhando em salvar a nós mesmos. Assim, estamos nos despojando do homem velho para dar lugar ao homem novo. Essa autossalvação baseada na vontade e na razão. Conhecendo a verdade ela nos libertará.

As religiões no geral esperam pela ajuda de Jesus, por sua salvação, que ele nos salve. A lei de amor, trazida pelo próprio Cristo, ensina como nos autossalvar. O Cristo nos ensina como se faz fazendo que é a lei de amor, a lei da caridade, coordenado por ele, o Cristo, com o nome de Espírito de Verdade, o Consolador prometido. Jesus não só evangelizou como mostrou na prática a lei de amor. Jesus, tão convicto na cruz, teve seus momentos de fraqueza e clama ao Pai, e sendo amparado seu Espírito, entrega-se totalmente ao Pai, e com todo sofrimento continua a nos ensinar a perdoar, orar por aqueles que nos perseguem, praticar sempre a lei de amor.

Jesus será lembrado pelos judeus e gentios de amanhã. Reconhecendo em Jesus a sublimidade

integrando na responsabilidade de viver.

Uma obra profunda em conhecimentos é o que vimos em ***A morte de Jesus foi para remissão de pecados?*** Para falar sobre Jesus é preciso torna-se pequeno como uma gota no oceano ou um simples grão de areia. Alma querida para que ser um oceano se ele mesmo não é mais útil do que a gota e a areia que um grão? Uma gota, um grão!! Vai saciar corações partidos pelo orgulho e a vaidade.

Obrigado Paulo Neto, por mais esse aprendizado lendo essa sua excelente obra, que recomendo aos estudiosos de temas bíblicos, por ter elementos que, certamente, ampliarão os seus conhecimentos. Boa leitura!

Um grande abraço, caro amigo Paulo Neto!

Valdirene Peixer

São João Batista (SC), julho/2016.

Introdução

Sempre ouvimos dos cristãos tradicionais, mais incisivamente os do segmento evangélico, que Jesus teria morrido na cruz para remissão dos nossos pecados. Isso é um descalabro. Certamente não corresponde aos fatos históricos, pois, na realidade, a sua morte, conforme será demonstrado, foi por questões políticas, obviamente, com o incentivo dos líderes religiosos de sua época que não toleravam o seu discurso.

O que percebemos é que as pessoas, que pensam dessa forma, querem, de fato, é a salvação “de graça”, pela qual nada têm que fazer para “ganhar” o “céu”. Aliás, modernamente, tem-se entendido que o “céu” e o “inferno” são estados de consciência e não lugares geográficos.

Acreditamos que essa visão seja mesmo a interpretação lógica, levando-se em conta que Jesus disse aos fariseus *“o reino de Deus está*

dentro de vós” (Lucas 17,21).

Isso nos remete à conclusão que somente a transformação moral pode levar-nos a implantá-lo dentro dos nossos corações, de forma que todas as nossas ações sejam pautadas na recomendação de *“amar ao próximo como a si mesmo”* (Mateus 19,19).

É importante, para nosso estudo, saber a ordem cronológica dos textos bíblicos, pois isso nos auxiliará na tentativa de descobrir quem seria o autor epígrafe dessa crença de que a morte de Jesus foi para remissão dos pecados, que reputamos, absurda e de cunho totalmente pagão.

Tomaremos como base a ordem cronológica da obra ***A Bíblia judaica e a Bíblia cristã***, de autoria do professor Julio Trebolle Barrera, doutorado em Filosofia Semítica e Teologia, membro do Comitê internacional de publicação dos Manuscritos do Mar Morto, autor de vários livros sobre crítica textual.

1 Tessalonicenses (51)

2 Tessalonicenses (51 ou anos 90)
Gálatas (54-57)
Filipenses (56-57)
1 Coríntios (57)
2 Coríntios (57)
Romanos (58)
Filêmon (56-57 ou 61-63)
Colossenses (61-63 ou anos 70/80)
Efésios (61-63 ou anos 90/100)
Marcos (anos 65-70)
Tito (65 ou 95-100)
1 Timóteo (65 ou 95-100)
2 Timóteo (66 ou 95-100)
Hebreus (anos 60 ou 70/80)
Mateus (anos 70/80)
Lucas (anos 70/80)
Atos dos Apóstolos (anos 70-80)
1 Pedro (64 ou anos 70/80)
Tiago (62 ou anos 70/80)
João (anos 90)
1 João (anos 90)
2 João (anos 90)
3 João (anos 90)
Apocalipse de João (anos 90)

2 Pedro (100-150) (1) (Nas transcrições e no texto normal todos os grifos em negrito são nossos. Quando ocorrer de não ser, avisaremos.)

Vejam, então, qual será o critério para a “salvação”, se é pelas obras, pela morte de Jesus na cruz ou, se ainda, por algum outro motivo.

Para reflexão, trazemos de Leonardo Arantes Marques a seguinte explicação constante de ***História das Religiões e a dialética do sagrado***:

[...] **A história religiosa sagrada de todos os povos sempre ou quase sempre tenta demonstrar que seus fundadores ou seguidores tiveram algum tipo de morte trágica ou faleceram como mártir.** A morte como mártir (herói) impressiona mais que a morte comum ou a morte por causas naturais. Após a morte do herói, sua história comum transforma-se em mito (hierofania ou história sagrada). O personagem histórico (real) é transfigurado inicialmente em herói exemplar e seus acontecimentos históricos (vida comum) convertidos em categoria mítica. **Primeiro temos o herói, depois o mito.** Após a metamorfose do herói em mito, ninguém toca, encosta, discute ou mesmo duvida de que tenha realmente praticado ou falado tudo o que dizem sobre ele. [...]. (2)

Assim fica bem fácil compreender porque as existem pessoas optam em ver Jesus como o bode expiatório de seus pecados, daí pensam que em razão de sua morte na cruz que irão diretamente para o “céu”, após despojarem-se do corpo físico.

Aprendestes com os antigos...

Para os judeus, a questão do entendimento a respeito da salvação, a nosso ver, tem boa possibilidade de ter surgido quando Moisés estabeleceu o ritual do bode expiatório para remissão dos pecados do povo, passando, assim, a fazer parte de sua cultura religiosa. Vejamos o seguinte passo:

*Levítico 16,5-16: “Receberá da comunidade dos filhos de Israel **dois bodes para o sacrifício pelo pecado** e um cordeiro para o holocausto. Depois de oferecer o bezerro como sacrifício pelo seu próprio pecado, e de ter feito a expiação por si mesmo e pela sua família, Aarão pegará os dois bodes e os apresentará diante de Javé, na entrada da tenda da reunião. **Tirá a sorte sobre os dois bodes: um será de Javé e o outro de Azazel. Pegará o que foi sorteado para Javé e o oferecerá como sacrifício pelo pecado. Quanto ao bode que foi sorteado para Azazel, será colocado vivo diante de Javé, para fazer a expiação, e***

depois será mandado para Azazel no deserto. Aarão oferecerá o bezerro do sacrifício pelo seu próprio pecado. Em seguida fará o rito de expiação por si mesmo e por sua família, e imolará o bezerro. Então encherá um incensório com brasas tiradas do altar diante de Javé e pegará dois punhados de incenso aromático em pó. Levará tudo para trás do véu, e colocará o incenso sobre o fogo, diante de Javé; uma nuvem de incenso cobrirá a placa que está sobre o documento da aliança; assim ele não morrerá. **Depois pegará sangue do bezerro** e aspergirá, com o dedo, o lado oriental da placa; depois, diante da placa fará com o dedo sete aspersões de sangue. A seguir imolará o bode do sacrifício pelo pecado do povo e **levará o sangue** para trás do véu. **Com esse sangue, fará o mesmo que fez com o sangue do bezerro, aspergindo sobre a placa e diante dela.** Fará desse modo **o rito de expiação pelo santuário, pelas impurezas dos filhos de Israel, pelas transgressões e por todos os pecados deles.** Fará o mesmo com a tenda da reunião, estabelecida entre eles no meio de suas impurezas”.

Por necessidade, Moisés atribuiu esse ritual como tendo origem divina. Embora não tenha

nenhum sentido em julgá-lo por conta disso, não quer dizer que ainda devemos praticar atos tão bárbaros como os aqui mencionados.

É bom deixar bem claro que Jesus, aquele a quem incondicionalmente seguimos, veio com a missão específica de ensinar o “*caminho de Deus*” (Mateus 22,16), não para servir de bode expiatório para “lavar” os pecados dos homens.

Aliás, acreditamos que para não ficar algo forte designá-lo de “bode expiatório”, buscamos, capciosamente, amenizar denominando-o “cordeiro expiatório”. Mudaram o termo; porém, a função continuou a mesma: morrer para pagar pelos pecados dos outros.

Vejamos mais algumas passagens indicativas de que seremos responsabilizados pelas nossas ações:

Êxodo 34,7: *“Ele conserva seu amor por milhares de gerações, tolerando a falta, a transgressão e o pecado, **mas não deixa ninguém impune**: castiga a falta dos pais nos filhos, netos e bisnetos”.*

Números 14,18: *“Javé, paciente e misericordioso, que perdoas a culpa e a transgressão, **mas não nos deixas sem castigo**; que castigas a culpa dos pais em seus filhos, netos e bisnetos”.*

A crença de que haverá punição é algo bem claro nesses dois passos; porém, salta aos olhos a injustiça de se penalizar os filhos pela culpa dos pais. Da forma como está, certamente entra em conflito com *“Os pais não serão mortos pela culpa dos filhos, nem os filhos pela culpa dos pais. Cada um será executado por causa de seu próprio crime”* (Deuteronômio 24,16, ver também Jeremias 31,29-30 e Ezequiel 18,20).

É melhor explicarmos, pois, na verdade, não há injustiça alguma. Vamos ver o primeiro passo, na versão dos tradutores da *Bíblia de Jerusalém*:

Êxodo 34,7: *“[...] e castiga a falta dos pais nos filhos e nos filhos dos seus filhos, **até** a terceira e a quarta geração.”*

O problema é que a preposição **“até”**, utilizada no texto, diz que os filhos e netos sofrem pelos erros dos pais, coisa totalmente injusta,

indigna mesmo daquilo que podemos chamar de Justiça Divina; porém, se ela fosse alterada para “**na**”, ainda que não seja a tradução correta, nada de injusto aconteceria.

Veja, caro leitor, que essa simples mudança da preposição faz uma enorme diferença, porquanto se a pena ocorrer “**na**” terceira e quarta geração, o próprio espírito infrator pagaria, em “suaves prestações”, pelo erro que cometeu, uma vez que reencarna como seu neto ou bisneto, o que tornará a lei justa, vamos assim dizer, pois o espírito, que está sendo punido, não é outro senão aquele mesmo que a transgrediu.

Recentemente, tivemos a oportunidade de conhecer como é o teor deste texto (Êxodo 34,7) na Torá e o anterior que fala quase a mesma coisa (Êxodo 20,6):

*Êxodo 34,7: “[...] visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, **sobre** terceiras e quartas gerações”. (3)*

*Êxodo 20,6: “[...] que visito a iniquidade dos pais nos filhos, **sobre** terceiras e quartas*

gerações, aos que me aborrecem; [...]”. (4)

Certamente, que a preposição “**sobre**” não tem o mesmo significado de “**até**”, está mais para ter o de “**na**”, conforme nossa sugestão, um pouco mais acima, para se alterar o “**até**”, que consta de muitas traduções bíblicas cristãs.

Vale a pena colocar o que o profeta Ezequiel disse:

*Ezequiel 18,20: “O indivíduo que peca, esse é que deve morrer. **O filho nunca será responsável pelo pecado do pai, nem o pai será culpado pelo pecado do filho. O justo receberá a justiça que merece e o injusto pagará por sua injustiça”**.*

Este é o senso de justiça que todos deveríamos ter: a pena deve somente ser aplicada ao próprio infrator. E, diante disso, cabe-nos fazer a pergunta: Como nos imputam o pecado de Adão e Eva, qual é a base que tomam para sustentar tamanho disparate?

Em Deuteronômio encontramos um trecho bem significativo, do qual podemos tirar

interessantes conclusões:

Deuteronômio 25,1-3: *“Quando houver demanda entre dois homens e forem à justiça, eles serão julgados, absolvendo-se o inocente e condenando-se o culpado. **Se o culpado merecer açoites**, o juiz o fará deitar-se no chão e mandará açoitá-lo em sua presença, com número de açoites proporcional à culpa. **Podem açoitá-lo até quarenta vezes, não mais**; isso para não acontecer que a ferida se torne grave, caso seja açoitado mais vezes, e seu irmão fique marcado diante de você.”*

Retomando de nossos comentários, que alhures dissemos:

1 - **“absolvendo-se o inocente”**: isto significa que não se deve condenar um inocente.

2 - **“condenando-se o culpado”**: por questão de justiça o culpado deverá ser condenado.

3 - **“se o culpado merecer açoites”**: sinal que pode haver situação especial em que o culpado não mereça receber um castigo; uma repreensão poderia, talvez, ser mais útil.

4 - **“o juiz... mandará açoitá-lo em sua presença”**: a presença pessoal do Juiz indica a necessidade de se ter certeza do cumprimento da pena, se o culpado a merecer.

5 - **“com número de açoites proporcional à culpa”**: sendo o castigo proporcional à culpa, significa que não poderá haver pena igual para todos os tipos de infração à lei.

6 - **“podem açoitá-lo até quarenta vezes, não mais”**: significa, incontestavelmente, que tudo tem um limite, que a pena não poderá ser eterna, muito menos de morte, já que a pena deve ser efetiva, mas não definitiva.

Alguma dúvida quanto a necessária e justa punição, que se deve aplicar ao culpado? Aliás, é comum dizer-se, quando da ocorrência de algum crime bárbaro: “errou tem que pagar”. Será que esse mesmo senso de justiça, que advogamos, não se deve também o atribuir a Deus no julgamento que fará?

2 Samuel 7,13-14: *“Ele é que vai construir*

*uma casa para o meu nome. E eu estabelecerei o trono real dele para sempre. Serei para ele um pai e ele será um filho para mim. **Se ele falhar, eu o corrigirei** com bastão e chicote, como se costuma fazer.”*

Merece ser ressaltado que a intenção é corrigir quem errou e não punir, como pensa a maioria das pessoas. A correção indica o uso do amor, para reconduzir o infrator ao caminho certo, já a punição leva-nos a crer que ela poderia estar motivada pelo sentimento de vingança, no qual não há nenhum intuito de mostrar o que deveria ter sido feito, visando a melhoria do infrator.

1 Reis 8,32: *“Escuta do céu e age. Julga os teus servos: **condena o culpado, dando-lhe o que merece**, e absolve o inocente, tratando-o conforme a justiça dele.”*

Além de absolver o inocente é intrínseco ao critério de justiça condenar somente o culpado. Dessa forma, já se pode ver que a crença comum, naquela época, nada tem a ver com remissão de pecados.

2 Macabeus 6,12-16: “Recomendo àqueles que lerem este livro, que não fiquem perturbados por causa de tais calamidades. Ao contrário, pensem que esses castigos não vieram para destruir, mas apenas para corrigir a nossa gente. **É sinal de grande bondade não deixar por muito tempo sem castigo aqueles que cometem injustiça, mas aplicar-lhes logo a merecida punição.** O Senhor não age conosco como faz com os outros povos, esperando pacientemente o tempo de castigá-los, até que os pecados deles cheguem ao máximo. Ele quis agir dessa forma conosco, para não chegarmos primeiro ao extremo dos nossos pecados, e só então nos castigar. Significa que ele nunca retira de nós a sua misericórdia. Mesmo quando nos corrige com desgraças, não está abandonando o seu povo.”

Fantástica a assertiva de que “*é sinal de grande bondade não deixar por muito tempo sem castigo aqueles que cometem injustiça*”, melhor que isso não será preciso; porém, temos mais; sigamos em frente.

Jó 34,11: “**Deus paga ao homem conforme as suas obras e retribui a cada um**

conforme a sua conduta.”

Provérbio 3,11-12: “Meu filho, não despreze a disciplina de Javé, nem se canse com o aviso dele, porque **Javé corrige aqueles que ama, como o pai corrige o filho preferido.**”

Eclesiástico 18,8-14: “A duração de sua vida é de cem anos no máximo. Como gota no mar e grão na areia, tais são os seus poucos anos frente a um dia da eternidade. **É por isso que o Senhor tem paciência com os homens, e derrama sobre eles a sua misericórdia.** Ele vê e reconhece que o fim deles é miserável, e por isso multiplica para eles o seu perdão. A misericórdia do homem é para o seu próximo, porém a misericórdia do Senhor é para todos os seres vivos. **Ele repreende, corrige, ensina e dirige, como o pastor conduz o seu rebanho.** Ele tem compaixão dos que aceitam a correção, e dos que se esforçam para lhe cumprir os mandamentos.”

Isaías 26,10: “**Se absolvermos o malvado, ele nunca aprende a justiça;** sobre a terra ele distorce as coisas direitas e não vê a grandeza de Javé.”

Diante de coisas tão claras, como ainda

querem atribuir a salvação ao fato de alguém ter sido morto, não por sacrifício a favor de alguém, mas puramente, por questões políticas?

A questão que se coloca é: será que Jesus falou alguma vez que a sua morte na cruz seria para remissão dos pecados da humanidade? Em princípio, muitos fiéis diriam que sim; porém, a passagem que tomam como base, carece de uma análise mais profunda, coisa que, dificilmente, esses fiéis fazem, já que, em geral, confiam cegamente no que seus líderes lhes passam.

Vejamos o passo, que, nas Bíblicas católicas, é, geralmente, intitulado de “Instituição da Eucaristia”, no qual isso é ventilado:

Mateus 26,26-29: *“Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, o partiu, distribuiu aos discípulos, e disse: 'Tomem e comam, isto é o meu corpo'. Em seguida, tomou um cálice, agradeceu, e deu a eles dizendo: 'Bebam dele todos, pois **isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos, para remissão dos pecados.** Eu lhes digo: de hoje em diante não beberei*

desse fruto da videira, até o dia em que, com vocês, beberei o vinho novo no reino do meu Pai'."

Fora a questão estranha de Jesus ter recomendado, ainda que simbolicamente, que bebessem sangue, porquanto, isso era, expressamente, condenado pela legislação mosaica, que previa até mesmo a exterminação de quem o fizesse (Levítico 3,17; 7,27; 17,10.14; 19,26), ainda temos que o derramamento de seu sangue seria para "remissão dos pecados".

Em relação a isso, algo nos soou ser improvável, porquanto, nesse mesmo autor, lemos: *"Aprendam, pois, o que significa: '**Eu quero a misericórdia e não o sacrifício**'. Porque eu não vim para chamar justos, e sim pecadores"* (Mateus 9,13), fato que, para nós, conflita com o que se propõe nesse passo em análise.

Para sairmos desse impasse, resolvemos pesquisar nos outros Evangelhos para ver como consta, pela pena de seus autores, a versão desse episódio. Foi aí que nos deparamos com uma nova surpresa, embora já intuitivamente esperássemos

por ela.

Vejamos, primeiramente, a versão de Marcos (anos 65-70), pois, pelo que os estudiosos nos dizem, foi nele que Mateus (anos 70/80) teve a sua fonte:

Marcos 14,22-25: *“Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo pronunciado a bênção, o partiu, distribuiu a eles, e disse: 'Tomem, isto é o meu corpo'. Em seguida, tomou um cálice, agradeceu e deu a eles. E todos eles beberam. E Jesus lhes disse: '**Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado em favor de muitos.** Eu garanto a vocês: nunca mais beberei do fruto da videira, até o dia em que beberei o vinho novo no Reino de Deus'.”*

Se fosse nos dias atuais diríamos que Mateus, simplesmente, plagiou Marcos, pois, as palavras utilizadas por esse, que foi o primeiro a escrever, são quase as mesmas com as quais Mateus narra o episódio. O único detalhe, mas importante, é que Mateus acrescenta a expressão *“para remissão dos pecados”*, que, obviamente, não se encontra em Marcos e nem nos outros dois evangelistas – Lucas

e João.

Esse fato torna evidente que o texto do Evangelho Segundo Mateus sofreu um acréscimo; a questão é saber se foi o próprio autor ou algum piedoso teólogo, preocupado em defender dogma de sua igreja.

Podemos mesmo admitir que a expressão “*para remissão dos pecados*” não foi acrescentada pelo autor de Mateus, pois, julgamos como hipótese mais provável é que ela tenha sido uma adulteração dos textos ditos originais realizada por puro interesse dogmático.

Tal fato não escapou de ser analisado pelo teólogo e exegeta Russell Norman Champlin (1933-2018), que, em **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**, assim o explica:

“... para remissão...”: são palavras que não se encontram no evangelho de Marcos, no original grego, podendo ter sido acrescentadas como uma forma de interpretação pelo amor do evangelho de Mateus. Não obstante, é um comentário

verdadeiro, consubstanciado por outras passagens. Jesus disse: “... **que está sendo derramado...**” como antecipação, como se o seu sangue já houvera sido derramado. (5)

Embora tenha percebido o acréscimo, ele tenta justificar-se dizendo que “*é um comentário verdadeiro, consubstanciado por outras passagens*”; porém, faltou ao eminente estudioso apontar quais passagens corroboram o que diz, por isso presumimos que sejam estas que estamos analisando (Mateus 26,28; Marcos 14,24 e Lucas 22,20).

Vejamos também a narrativa de Lucas (anos 70/80):

Lucas 22,17-20: “*Então Jesus pegou o cálice, agradeceu a Deus, e disse: 'Tomem isto, e repartam entre vocês; pois eu lhes digo que nunca mais beberei do fruto da videira, até que venha o Reino de Deus'. A seguir, Jesus tomou um pão, agradeceu a Deus, o partiu e distribuiu a eles, dizendo: 'Isto é o meu corpo, que é dado por vocês. Façam isto em memória de mim'. Depois da ceia, Jesus fez o mesmo com o cálice, dizendo: 'Este cálice é a*

nova aliança do meu sangue, que é derramado por vocês'."

Como em Lucas não temos nada sobre sangue derramado para "*remissão de pecados*"; mas apenas "*derramado por vocês*", sem nenhuma preocupação em determinar que tenha sido para remir pecados, seu depoimento é importantíssimo para vermos quem está com a razão, porquanto, ele mesmo afirmou que resolveu escrever depois de "*fazer um estudo cuidadoso de tudo o que aconteceu desde o princípio*" (Lucas 1,3).

Se no resultado desse "*estudo cuidadoso*" não aparece, expressamente, nada sobre Jesus ter morrido para remissão de pecados, então, podemos, tranquilamente, concluir que isso não era crença comum àquela época.

Assim, o acréscimo disso em Mateus, de duas uma: foi algo bem localizado, de alguns poucos crentes ou adulteração posterior, por recreação dos teólogos de antanho. Conforme já o dissemos a segunda opção é, para nós, a mais provável.

Para completar o que os evangelistas

disseram, vamos agora à narrativa de João (anos 90), que se assemelha ao episódio da última ceia, narrado pelos outros:

João 6,51-59: “E Jesus continuou: 'Eu sou o pão vivo que desceu do céu. Quem come deste pão viverá para sempre. E o pão que eu vou dar é a minha própria carne, para que o mundo tenha a vida'. As autoridades dos judeus começaram a discutir entre si: 'Como pode esse homem dar-nos a sua carne para comer?' Jesus respondeu: 'Eu garanto a vocês: se vocês não comem a carne do Filho do Homem e **não bebem o seu sangue**, não terão a vida em vocês. **Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna**, e eu o ressuscitarei no último dia. **Porque a minha carne é verdadeira comida e o meu sangue é verdadeira bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue vive em mim e eu vivo nele.** E como o Pai, que vive, me enviou e eu vivo pelo Pai, assim, aquele que me receber como alimento viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu. Não é como o pão que os pais de vocês comeram e depois morreram. Quem come deste pão viverá para sempre'. Jesus disse essas coisas quando ensinava na sinagoga de Cafarnaum.”

Nos outros três Evangelhos – Mateus, Marcos e Lucas –, temos que o sangue de Jesus foi para selar a nova aliança e não para remissão de pecados da humanidade, João destoa disso, buscou dar um outro significado, embora nele também não vemos nada de ter sido algo para “*remissão dos pecados*”.

Quanto a crença de que teria sido para selar a nova aliança, podemos também acrescentar Paulo de Tarso que, com sua primeira carta aos coríntios (ano 57), confirma isso:

1 Coríntios 11,23-25: *“De fato, eu recebi pessoalmente do Senhor aquilo que transmiti para vocês. Na noite em que foi entregue, o Senhor Jesus tomou o pão e, depois de dar graças, o partiu e disse: 'Isto é o meu corpo que é para vocês; façam isto em memória de mim’*. Do mesmo modo, após a Ceia, tomou também o cálice, dizendo: *'Este cálice é a **Nova Aliança no meu sangue**; todas as vezes que vocês beberem dele, façam isso em memória de mim'.*”

Pela ordem cronológica, este foi o primeiro texto a ser escrito, que corrobora o que

encontramos nos Evangelhos Sinópticos - Mateus, Marcos e Lucas -, quanto ao que, na época, acreditavam representar o sangue de Jesus derramado na cruz, inclusive, foi exatamente isso que perceberam alguns tradutores bíblicos:

1) ***Bíblia de Jerusalém:***

Como outrora no Sinal, o sangue das vítimas selou a aliança com Iahweh com o seu povo (Ex 24,4-8+; cf. Gn 15,1+), assim, sobre a cruz, **o sangue da vítima perfeita, Jesus, selaria a “nova” aliança entre Deus e os homens** (cf. Lc 22,20), a qual os profetas tinha anunciado (Jr 31,31+). [...] A ideia de nova aliança está presente também em Paulo, não só em 1Cor 11,25, mas em diversos outros contextos que mostram sua grande importância (2Cor 3,4-6; Gl 3,15-20; 4,24). ⁽⁶⁾

2) ***Bíblia Sagrada - Santuário:***

A antiga Aliança ou pacto entre Javé e o seu povo tivera como sinal de contrato uma cerimônia de aspersão de sangue de animais (cf. Ex 24,8). **A nova Aliança baseia-se no sangue de Jesus.** ⁽⁷⁾

3) ***Bíblia Sagrada - Ave-Maria:***

O sangue da nova aliança: a primeira aliança de Deus com o povo foi selada pelo sangue das vítimas oferecidas em sacrifício. A nova aliança é feita pelo sangue das vítimas oferecidas em sacrifício. **A nova aliança é feita pelo sangue de Cristo**, vítima oferecida em sacrifício pelo gênero humano. ⁽⁸⁾

4) ***Bíblia Sheed:***

Aliança: A primeira aliança foi estabelecida pelo sangue aspergido de animais sacrificados (cf. Hb 9,19ss). **A nova aliança tornou-se válida através do sangue vertido do Filho de Deus** (Hb 8,7-13). ⁽⁹⁾

Assim, todos os tradutores envolvidos nessas Bíblias citadas têm a morte de Jesus na cruz como um selo para a nova Aliança, nada de remissão de pecados da humanidade. Na verdade, quando admitem isso estão fazendo um paralelo com o que teria acontecido com Moisés, representante da primeira Aliança:

Êxodo 24,4-8: “**Moisés colocou por escrito todas as palavras de Javé. Depois levantou-se de manhã, construiu um altar ao pé da montanha e doze estelas para as doze tribos de Israel. Em seguida, mandou alguns jovens de Israel oferecer holocaustos e imolar novilhos a Javé como sacrifício de comunhão. Moisés pegou a metade do sangue e colocou em bacias; a outra metade do sangue, ele a derramou sobre o altar. Pegou o livro da aliança e o leu para o povo. Eles disseram: 'Faremos tudo o que Javé mandou e obedeceremos'. Moisés pegou o sangue e o espalhou sobre o povo, dizendo: 'Este é o sangue da aliança que Javé faz com vocês através de todas essas cláusulas'.**”

Caso insistam em considerar que o sangue de Jesus tenha sido para remissão dos pecados, veremos que, pelo que consta do ritual aqui descrito, faltou pegar o sangue de Jesus e espalhá-lo sobre o povo, por mais tétrico e próprio de filmes de terror que isso seja.

Julgamos que é desse ato que surgiu a ideia de que nenhum pacto poderia ser feito sem que fosse derramado sangue, conforme poder-se-á ver

em Hebreus, cujo passo, um pouco mais à frente, transcreveremos.

Vejamos agora a explicação dos tradutores da **Bíblia Sagrada - Vozes** para a passagem de Mateus (Mateus 26,26-29):

O testamento de sangue que será derramado por muitos para a remissão dos pecados (v. 28) é o conceito desenvolvido na epístola aos Hebreus (9,16-28). O sangue de Jesus presente no cálice vai adquirir o direito à redenção dos pecados e à graça e glória. É o último convívio de Jesus antes da morte (v. 29), garantia do banquete celeste no reino do Pai (8,11). (10)

Parece-nos que se “é o conceito desenvolvido na epístola aos Hebreus”, então temos uma pista para iniciar a busca a fim de saber qual é a origem dessa ideia de que o sangue de Jesus serviu para a remissão dos pecados da humanidade.

Sobre essa epístola, temos em Bart D. Ehrman, na obra **Quem escreveu a Bíblia?**, a seguinte informação:

[...] O livro anônimo de Hebreus foi atribuído a Paulo, embora muitos antigos estudiosos cristãos soubessem que **Paulo não o escrevera, como os acadêmicos hoje concordam.** [...]. (11)

Portanto, não se sabe ao certo quem foi o seu autor; provavelmente, tenha sido um seu seguidor, pois nele “Pode-se todavia reconhecer ressonâncias do pensamento paulino” (12).

É, pelo visto, já apareceu o pai dessa criança:

1 Coríntios 15,3-4: “[...] **Cristo morreu por nossos pecados**, conforme as Escrituras; ele foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; [...].”

Romanos 4,24-25: “[...] acreditamos naquele que ressuscitou dos mortos, Jesus nosso Senhor, o qual **foi entregue à morte pelos nossos pecados** e foi ressuscitado para nos tornar justos.”

Romanos 5,8-9: “Mas Deus demonstra seu amor para conosco porque Cristo morreu por nós quando ainda éramos pecadores. Assim, **tornados justos pelo sangue de Cristo**, com maior razão seremos salvos da ira por meio.”

Colossenses 1,13-14: *“Deus Pai nos arrancou do poder das trevas e nos transferiu para o Reino do seu Filho amado, no qual temos a redenção, a **remissão dos pecados.**”*

Efésios 1,7: *“**Por meio do sangue de Cristo é que fomos libertos** e nele nossas faltas foram perdoadas, conforme a riqueza da sua graça.”*

Paulo é o autor dessas cartas - 1ª Coríntios (ano 57), Romanos (ano 58); Colossenses (anos 61-63 ou 79/80), Efésios (anos 61-63 ou 90/100) -, cujos textos transcrevemos. É importante não esquecermos de que ele foi um judeu bem ortodoxo e que, pessoalmente, não conheceu a Jesus e nem era um dos seus apóstolos.

Não podemos deixar de observar que em 1 Coríntios 15,3-4, vemos dois fatos - morrer e ressuscitar - dos quais se diz ter acontecido *“conforme as Escrituras”*. É importante a elucidação de Champlin sobre isso, em **O Novo Testamento interpretado versículo a versículo**:

[...] **Não está aqui em foco a coleção dos**

escritos neotestamentários, porquanto as **epístolas paulinas aos Coríntios foram escritas antes dos evangelhos, não existindo ainda um “cânion” do N.T.** quando Paulo registrou essas palavras. **A alusão é ao A.T.** e àquelas passagens que os cristãos primitivos consideravam como profecias sobre a morte expiatória de Cristo. [...]. (13)

Na verdade, apesar de algumas tentativas de relacionar a passagens no Antigo Testamento, não há uma sequer que, objetivamente, poder-se-ia atribuir aos dois assuntos tratados por Paulo.

O teólogo norte-americano Charles Francis Potter (1885-1962), em ***História das Religiões*** tece a seguinte consideração:

O quinquagésimo terceiro capítulo de Isaías, com sua formosa descrição do Sofredor Servo de Deus, o Homem das Dores, identificado com a tristeza, odiado e desprezado pelos seus semelhantes – **referira-se provavelmente a Jeremias** como expoente do verdadeiro espírito do Judaísmo, **mas foi adotado pela Cristandade como expressão profética de Jesus de Nazaré.** A semelhança entre ambos fora notada mesmo ao tempo de Jesus. Quando ele interrogara seus discípulos sobre quem

supunha os homens fosse ele, responderam-lhe que alguns o tomavam por Jeremias ressuscitado. (14)

É uma opinião bem interessante, e de fato vários tradutores bíblicos mencionam Isaías 53, como sendo uma profecia a respeito de Jesus; porém, é bom deixar claro que os versículos compreendidos entre Isaías 52,13-53,12, nos quais se apresenta o servo sofredor, que, segundo o entendimento de alguns estudiosos, é a própria nação de Israel, tomando-se do contexto do relato. Assim, não há sentido algum em querer atribuir tal epíteto a Jesus.

Da obra ***Jesus existiu ou não?***, de autoria de Ehrman, temos a confirmação disso neste trecho que transcrevemos:

Em Isaías 53, por exemplo, **o sofredor não é chamado de “messias” mas de “servo do Senhor”, e a passagem fala de seu sofrimento no pretérito, como algo que já acontecera à época em que o texto foi escrito (600 anos antes de Jesus)**. Já faz algum tempo que os intérpretes notaram, pela leitura em contexto mais amplo, que o autor revela quem é esse

servo do Senhor. Em Isaías 49:3 o profeta declara: “Ele me disse: 'Você é o meu servo, Israel, e eu me orgulho de você.'”

Israel é o servo do Senhor que sofreu pelos pecados do povo e assim trouxe a cura. Isaías 53 foi escrito durante o exílio, quando os exércitos babilônicos haviam transportado os líderes de Judá por centenas de quilômetros de distância, forçando-os a viver na Babilônia. **Isaías está lamentando o exílio**, porém indica ao mesmo tempo que o sofrimento trará absolvição para os pecados do povo e que Deus restaurará sua sorte. Ele não está falando do futuro messias. (15)

Algo bem interessante encontramos em Pepe Rodríguez, que no livro ***Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada***, explica-nos:

[...] No texto conhecido como o Canto do Servo de lavé (Is 42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13; 53,12), que deve ser lido **no contexto do exílio e do cativo** a que foi submetido o povo hebreu, o **sacrifício expiatório dos sofrimentos do Servo (personificação da comunidade exilada e, portanto, do verdadeiro povo de Israel) é apresentado como tendo sido aceite por lavé**. Foi a maneira encontrada pela elite sacerdotal de assegurar a

“salvação” de todo o povo, apesar de este nada ter feito para a merecer – “o Justo, meu Servo, muitos há-de justificar-se” (Is 53,11), ele “será a Aliança dos homens, a luz das nações” (Is 42,6).

Apesar de não haver qualquer relação entre estes textos do Velho Testamento e a história de Jesus, os cristãos transformá-lo-ão num pilar básico da sua fé, ao lê-los com a confirmação do “varão de dores” (Is 53,3) e o anúncio do papel do messias sofredor desempenhado pelo nazareno como a sua paixão e a sua morte. Ao tornar *profético* o relato de Isaías, extraviando conscientemente o seu verdadeiro sentido, a Igreja intentou conferir um sentido triunfante, glorioso e divino à execução de Jesus que, de outro modo, teria sido apenas um fracasso puro e simples. ⁽¹⁶⁾

Para justificar a execução de Jesus que, aos olhos do mundo, só podia passar por um fracasso da sua missão, desde cedo se começou a difundir a ideia de que era necessário que o nazareno morresse “segundo a Escritura”. Dito de outro modo, a sua crucificação não só estivera desde sempre prevista nos planos de Deus, como essa ocorrência se podia deduzir da leitura dos textos bíblicos. Para documentar uma tamanha asneira, a Igreja procedeu ao rastreio de todos os textos do Velho Testamento, até deparar com versículos que, devidamente manipulados e extraídos do seu contexto, pudessem ser convertidos em profecias virtuais do mistério da paixão de Cristo.

Nessa perspectiva, a atitude covarde dos discípulos de Jesus face à sua prisão encontrou *fundamento profético* em Zac 13,7; o suborno recebido por Judas, em Zac 11,13; a compra do campo do oleiro, em Jer 32,6; o discurso de Jesus perante o Conselho e a sua afirmação de que estaria sentado à direita do Pai e de que apareceria sobre as nuvens, em Dan 7,13, e no Salmo 110,1; as suas palavras “Tenho sede”, no Salmo 22,16; o episódio da esponja embebida em vinagre, no Salmo 69,22; a sua exclamação de se considerar abandonado por Deus, no Salmo 22,2; o eclipse do Sol, em Am 8,9; etc. (17).

A crucificação em si – o facto de ser exposto num madeiro – era muito mais difícil de justificar profeticamente, pela boa razão de que a única profecia bíblica que se lhe podia aplicar conduzir a resultados demasiados perigosos. O texto que, com esse intuito, foi utilizado pelos primeiros cristãos figura no Dt 21,22-23. Diz ele: “Quando um homem, culpado de uma falta que mereça a morte, for executado e exposto num madeiro, o seu cadáver não deverá passar a noite no suplício, mas o enterrarás no mesmo dia, porque um dependurado é objecto da maldição de Deus, e não deves manchar a terra que lavé, teu Deus, quer partilhar contigo” (18) Terá sido Jesus amaldiçoado por Deus por ter sido “exposto num madeiro”? Que cada um, inspirado pela palavra de Deus, expressa através da legislação do Deuteronomio, tire as suas próprias conclusões.

Em definitivo, foi nos Salmos 22 e 69, assim como no capítulo 53 de Isaías (todo ele

falso, como vimos), que a Igreja encontrou os textos necessários e suficientes para dar cobertura profética à paixão e Jesus. Não será exagero nosso, no entanto, voltar a lembrar que todos os textos ditos “proféticos” se aplicam única e exclusivamente a situações que ocorreram muitos séculos antes do nascimento de Jesus. Razão por que qualquer suposta *profecia* do Velho Testamento que se pretenda relacionar com a vida e a obra do nazareno carece absolutamente de fundamento ⁽¹⁹⁾.

Ao vermos o modo como a Igreja forçou o sentido de muitos versículos do Velho Testamento, para os converter em profecias e, acto contínuo, os utilizar na sustentação da missão de que investiu Jesus, depois da sua execução, talvez convenha trazer à colação o aviso que se acha escrito em Mt 7,15-17: “Guardai-vos dos falsos profetas que vêm até vós vestidos de peles de ovelha mas que por dentro são como lobos rapaces. Pelos seus frutos os conhecereis. Porventura, colhem-se uvas nos espinhos e figos nos cardos? Toda a árvore boa dá bons frutos, toda a árvore má dá maus frutos”. Este parece ser, sem dúvida, o parágrafo mais inspirado de Mateus. ⁽²⁰⁾

Podemos, portanto, concluir que a morte e ressurreição de Jesus não foi profetizada por ninguém; é produto do delírio dogmático dos teólogos de antanho.

Além disso, não há nenhuma profecia a respeito de que alguém especificamente deveria ressuscitar no terceiro dia, nem mesmo em Oseias, conforme podemos ver, tomando do teor da **Bíblia Sagrada - SBB**:

Oseias 6,1-2: *“Vinde, e tornemos para o Senhor, porque Ele despedaçou, e nos sarará, fez a ferida, e a ligará. Depois de dois dias nos dará a vida: **ao terceiro dia nos ressuscitará, e viveremos diante dele.**”*

Percebe-se que aqui, não se trata de ressurreição, mas de levantar o povo de Israel, que, após vários castigos, fica quase desfalecido, é revigorado por Deus, num curto espaço de tempo.

Então, fica evidenciado que tudo teve início por volta do ano de 57, data da sua primeira carta aos coríntios. De onde foi que Paulo tirou essa ideia é algo que ainda não conseguimos descobrir. Até mesmo porque a informação que temos do professor de história Fida Mohammad Khan Hassnain (1924-2016), em **Jesus, a Verdade e a Vida**, conflita com essa crença entre os judeus:

Os judeus da Palestina nunca acreditaram em sacrifício humano, nem na crucificação do messias pelos pecados do mundo. Os pagãos acreditam que seus deuses, Adonis, Attis, Osiris e Mitra morreram pelos pecados da humanidade. Foi Paulo que adotou a ideia de bode expiatório acentuando-a sobre o Cristo crucificado. A teoria do “pecado original” e redenção pela morte do Filho de Deus foi invenção de Paulo. Para mais esclarecimentos, veja Shamas, J. D., *Where Did Jesus Die?*, London Mosque, Londres, cap. 10, chamado “Redemption”. (21)

Mas algo é possível: como ele pregou aos gentios, ou seja, aos pagãos, acostumamos a esse tipo de crença, provavelmente Paulo tenha se utilizado de uma linguagem simbólica para que pudesse sensibilizá-los para seguir a Cristo.

Acreditamos que, em José Pinheiro de Souza (1938-2014), encontramos na sua obra ***Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*** apoio a essa nossa hipótese:

Como nos esclarece o teólogo Franz Griesse (cf. GRIESE, p. 174-175), **no tempo de Paulo, os pagãos e os judeus costumavam sacrificar**

animais aos respectivos deuses. A carne desses animais sacrificados era consumida nos mercados públicos, na qualidade de carne de Júpiter (o Senhor dos deuses), carne de Minerva (deusa da sabedoria) etc., segundo as divindades a quem haviam sido sacrificados os animais. **Os consumidores escolhiam a carne que mais lhes convinha, crendo que comendo essa carne recebiam uma bênção especial da divindade respectiva, e até entrar em certa união com ela, mediante aquela carne.**

É da maior importância ter presente essas crenças da antiguidade, para compreender o sentido das palavras nos escritos daqueles que viviam naquela época e estavam imbuídos de suas ideias.

Pois bem, **o apóstolo Paulo, para induzir os novos cristãos, oriundos dos povos pagãos, a não participarem dos sacrifícios pagãos e não comerem a carne dos animais sacrificados aos ídolos, proíbe essa prática, substituindo-a pela “Ceia do Senhor”,** dizendo que, como pela carne dos ídolos, o homem participa dos “demônios”, ou seja, dos “deuses pagãos”, do mesmo modo pelo consumo do pão e do vinho eucarísticos o cristão participa do “Cristo da fé” (cf. GRIESE, p. 175).

Mas, como afirma Griese (ibid.), não há a menor dúvida de que Paulo não acreditava numa participação literal da própria pessoa dos deuses pagãos, mediante a carne dos ídolos e, portanto, tampouco na participação literal da verdadeira

pessoa de Cristo, mediante o pão e o vinho eucarísticos.

Os coríntios (como Paulo) também tinham um conceito simbólico muito simples da eucaristia e, certamente, não tinham a convicção de que o pão seria o verdadeiro corpo e o vinho o verdadeiro sangue de Cristo. Eles apenas acreditavam que, ao comerem o pão e ao beberem o vinho, participavam do Cristo da fé, do mesmo modo como os pagãos acreditavam que participavam simbolicamente dos seus deuses comendo a carne dos animais sacrificados em sua honra (cf. GRIESE, p. 179). ⁽²²⁾

Para o caso de ser um simbolismo temos como base o que Paulo disse na sua segunda carta aos coríntios (ano 57), onde a sua fala foi completamente diferente:

2 Coríntios 5,10: “De fato, *todos deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante a sua vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal.*”

Essa afirmação de Paulo vem ao encontro do que consta nos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, quanto à questão do critério de julgamento;

por isso, julgamos que esse era, verdadeiramente, o seu pensamento e, na pior das hipóteses, a crença daquela época; que, acreditamos, pode ser corroborado com o que se lê nestes passos de sua autoria:

Gálatas 6,10: “*De fato, **todos deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante a sua vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal.***”

1 Coríntios 15,2: “*É pelo Evangelho que **vocês serão salvos, contanto que o guardem do modo como eu lhes anunciei; do contrário, vocês terão acreditado em vão.***”

Romanos 1,16-17: “*Não me envergonho do **Evangelho, pois ele é força de Deus para a salvação de todo aquele que acredita, do judeu em primeiro lugar, mas também do grego. De fato, no Evangelho a justiça se revela única e exclusivamente através da fé, conforme diz a Escritura: 'o justo vive pela fé'.***”

Romanos 2,5-8: “*Pela teimosia e dureza de coração, você está amontoando ira contra si*

*mesmo para o dia da ira, quando **o justo julgamento de Deus vai se revelar, retribuindo a cada um conforme as suas próprias ações**: a vida eterna para aqueles que perseveram na prática do bem, buscando a glória, a honra e a imortalidade; pelo contrário, ira e indignação para aqueles que se revoltam e rejeitam a verdade, para obedecerem à injustiça.”*

As várias falas de Paulo, indiscutivelmente, causam muita confusão, pois uma hora ele diz uma coisa, em outra hora diz algo diferente:

Romanos 10,9: *“Pois se você confessa com a sua boca que Jesus é o Senhor, e **acredita com seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, você será salvo.**”*

Será que a nossa salvação será algo tão simples assim: basta crer que Jesus ressuscitou dos mortos?

Leiamos o que, segundo informa-nos o jornalista Yuri Vasconcelos no artigo **“O homem que inventou Jesus”**, publicado na Superinteressante, nº 195, o líder da Igreja Essênia Brasileira, Fernando Travi, disse, ao que nos parece,

referindo-se ao passo acima:

Outro petardo disparado pelos críticos diz respeito à doutrina da salvação defendida por Paulo. “Paulo diz que os pecados são perdoados se a pessoa acreditar que Jesus morreu na cruz por ela. **É a doutrina da salvação em que o herói derrama seu sangue e todos são perdoados por causa dele.** Enquanto isso, Jesus diz: 'Eu sou o caminho, a verdade e a vida'. **Para Jesus, a salvação será dada àqueles que seguirem seus ensinamentos**”, afirma Fernando Travi. ⁽²³⁾

Por outro lado, a questão da remissão de pecados, nas suas cartas, acima mencionadas (1 Coríntios 15,3-4; Romanos 4,24-25; 5,8-9; Colossenses 1,13-14; Efésios 1,7), também pode ser entendida como metáfora, que, talvez, ele tenha utilizado visando a conversão dos pagãos, evitando chocá-los com ensinamentos muito diferente daqueles que possuíam.

Sobre Paulo, temos as seguintes explicações do teólogo alemão Holger Kersten, constantes da sua obra ***Jesus viveu na Índia***:

O que conhecemos hoje como cristianismo não passa de uma vasta e artificial doutrina de regras e preceitos criados por Paulo, e que pode ser melhor designado pelo nome de “Paulinismo”. O historiador eclesiástico Wilhelm Nestle, comentando a questão, diz que: **“o cristianismo foi a religião fundada por Paulo, que substituiu o evangelho de Cristo por um evangelho sobre Cristo”** (24). Paulinismo, nesse sentido, significa desvirtuamento e mesmo falsificação dos verdadeiros ensinamentos de Jesus por Paulo. **Há muito tempo os teólogos modernos e os estudiosos da história da Igreja vêm afirmando abertamente que o cristianismo da Igreja organizada, cuja questão central é a compreensão da salvação como fruto da morte e do sofrimento de Jesus, se apoiou em fundamentos incorretos.** “Tudo o que há de bom no cristianismo provém de Jesus e tudo o que há de mau, de Paulo”, escreveu o teólogo Overbeck (25). **Associando a morte do Unigênito de Deus à redenção de nossos pecados, Paulo retrocedeu às primitivas religiões semíticas, em que os pais deviam imolar seus primogênitos.** Paulo também é o responsável pelos dogmas do pecado original e da trindade, posteriormente incorporados pela Igreja. (26)

Foi Paulo quem centralizou a atividade de Jesus em sua morte, mostrando que é através dela que o homem de fé se liberta de seus pecados, das misérias do mundo e do poder de satanás.

Em suas cartas, **Paulo não escreveu uma única palavra sobre o ensinamento atual de Jesus, nem menciona qualquer de suas parábolas**; o que ele faz é apresentar sua própria filosofia e suas próprias ideias. (27)

Seguindo em frente. Veremos agora o que o autor de Hebreus (anos 60 ou 70/80), que não se sabe quem é, algo importante lembrar, disse:

Hebreus 9,15-23: *“Desse modo, ele é o mediador de uma nova aliança. Morrendo, nos livrou das faltas cometidas durante a primeira aliança, para que os chamados recebam a herança definitiva que foi prometida. Onde existe testamento, é preciso que seja constatada a morte de quem fez o testamento. Pois um testamento só tem valor depois da morte, e não tem efeito nenhum enquanto ainda vive aquele que fez o testamento. É por isso que nem mesmo a primeira aliança foi inaugurada sem sangue. Quando anunciou a todo o povo cada um dos mandamentos da Lei, Moisés pegou sangue de novilhos e bodes junto com água, lã vermelha e hissopo. Em seguida, borrifou primeiro o próprio livro e todo o povo. E disse: '**Este é o sangue da aliança que Deus faz com vocês.**' Do mesmo modo,*

*borrifou com sangue também a tenda e todos os objetos que serviam para fazer o culto. E, segundo a Lei, quase todas as coisas são purificadas com sangue; e **sem derramamento de sangue não existe perdão**. Portanto, as cópias das realidades celestes são purificadas dessa maneira; mas as próprias realidades celestes devem ser purificadas com sacrifícios maiores do que esses.”*

O desconhecido autor de Hebreus admite que a morte de Jesus tenha sido para selar a nova aliança, entretanto, avança um pouco mais e utiliza da Lei (Antigo Testamento) para justificar que “*sem derramamento de sangue não existe perdão*”, o que não tem nada a ver com o assunto que desenvolvia, até mesmo porque ele considerava que a Antiga Aliança havia sido revogada, conforme se pode comprovar por estas passagens:

*Hebreus 7,18-19: “Portanto, por um lado, **se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade** (pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma) e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nós chegamos a Deus. E, visto que não é sem prestar juramento (porque*

*aqueles, sem juramento, são feitos sacerdotes, mas este, com juramento, por aquele que lhe disse: O Senhor jurou e não se arrependerá; Tu és sacerdote para sempre); por isso mesmo **Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.***”

Hebreus 8,6-8.13: “Agora, com efeito, obteve **Jesus ministério tanto mais excelente**, quanto é ele também **mediador de superior aliança** instituída com base em superiores promessas. **Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para segunda.** E, de fato, repreendendo-os, diz: Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e **firmarei nova aliança** com a casa de Israel e com a casa de Judá. Quando ele diz **Nova, torna antiquada a primeira.** Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido, está prestes a desaparecer.”

Se os ensinamentos de Jesus é que devem prevalecer, como então se utilizar de algo que consta na legislação mosaica? E, não sem motivo, Jesus havia dito: “*Eu quero a misericórdia e não o sacrifício.*” (Mateus 9,13), numa referência direta ao profeta Oseias (6,6).

Em razão disso, perguntamos: será que mesmo assim os sacrifícios agradavam a Deus? A resposta encontra-se nestes passos:

Isaías 1,11: *“Que me interessa a quantidade dos seus sacrifícios? – diz Javé. Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de novilhos. **Não gosto do sangue de bois, carneiros e cabritos.**”*

Jeremias 6,20: *“[...] **Os holocaustos de vocês não me agradam, seus sacrifícios não são do meu gosto.**”*

Ademais não foram condenados os sacrifícios que faziam os povos pagãos, especialmente os cananeus, cujas terras os hebreus iram espoliar?:

Deuteronômio 12,29-31: *“Quando Javé seu Deus eliminar da sua frente **as nações**, na terra das quais você vai entrar para as desapossar; quando você as desapossar e aí estiver morando, preste atenção a si mesmo! Não se deixe seduzir; **não imite essas nações**, depois que elas forem eliminadas de diante de você. Tome cuidado para não procurar os deuses delas, dizendo: 'Como é que essas nações serviam seus deuses? Vou fazer a mesma coisa'! Não aja dessa maneira*

*para com Javé seu Deus, porque elas faziam aos deuses delas tudo o que é abominação para Javé, tudo o que ele detesta. Essas nações **chegaram até a queimar seus próprios filhos e filhas para os deuses delas!***

Será que Deus é tão incoerente assim para condenar os sacrifícios praticados pelos cananeus e aceitar algum outro, incluindo o que atribuem a Jesus? Bem já questionava o profeta Samuel, que viveu por volta de 1095 a.C. (28): *“O que é que Javé prefere? Que lhe ofereçam holocaustos e sacrifícios, ou que obedeçam à sua palavra? **Obedecer vale mais do que oferecer sacrifícios**”* (1 Samuel 15,22).

Mas o pior ainda não é isso, é o que veremos agora:

Jeremias 7,21-23: *“Assim diz Javé dos exércitos, o Deus de Israel: 'Ajuntem os holocaustos que vocês queimam, com seus sacrifícios, e comam essas carnes. Pois quando tirei do Egito os antepassados de vocês, **eu não falei nada nem dei ordem alguma sobre holocaustos e sacrifícios.***

A única coisa que eu lhes falei e mandei, foi isto: Obedeçam-me, e eu serei o Deus de vocês, e vocês serão o meu povo. Andem sempre no caminho que eu lhes ordenar, para que sejam felizes'."

Ora, o que aqui está é que, pela própria "voz" de Deus, Ele nunca ordenou fazer holocaustos e sacrifícios, derrubando, portanto, toda a legislação mosaica a respeito.

Diante disso fica a questão: como acreditar que tenha aceito o (suposto) sacrifício de Jesus? Além disso, temos ainda este outro passo que, supomos, fulmina de vez com essa macabra ideia, digna de filmes de terror:

Marcos 12,28-34: "Um doutor da Lei estava aí, e ouviu a discussão. Vendo que Jesus tinha respondido bem, aproximou-se dele e perguntou: 'Qual é o primeiro de todos os mandamentos?' Jesus respondeu: 'O primeiro mandamento é este: Ouça, ó Israel! O Senhor nosso Deus é o único Senhor! E ame ao Senhor seu Deus com todo o seu coração, com toda a sua alma, com todo o seu entendimento e com toda a sua força. O segundo mandamento é este: Ame ao seu

*próximo como a si mesmo. Não existe outro mandamento mais importante do que esses dois". O doutor da Lei disse a Jesus: 'Muito bem, Mestre! Como disseste, ele é, na verdade, o único Deus, e não existe outro além dele. E amá-lo de todo o coração, de toda a mente, e com toda a força, e **amar o próximo como a si mesmo, é melhor do que todos os holocaustos e do que todos os sacrifícios**'. Jesus viu que o doutor da Lei tinha respondido com inteligência, e disse: 'Você não está longe do Reino de Deus'. E ninguém mais tinha coragem de fazer perguntas a Jesus."*

Diante do que foi dito acima é preciso que se acrescente alguma coisa a mais?! Acreditamos que não; porém, vamos seguir em frente, pois temos mais algumas coisas que precisam ser mostradas.

Hebreus 10,11-18: *"Cada sumo sacerdote se apresenta diariamente para celebrar o culto e oferecer muitas vezes os mesmos sacrifícios, que são incapazes de eliminar os pecados. **Jesus, porém, ofereceu um só sacrifício pelos pecados e se assentou à direita de Deus.** Doravante, ele espera apenas que seus inimigos sejam colocados debaixo de seus pés. De fato, com uma só oferta ele*

*tornou perfeitos para sempre os que ele santifica. E é isso que o Espírito Santo atesta; de fato, após ter dito: 'Esta é a aliança que vou concluir com eles, depois daqueles dias, - diz o Senhor: Eu colocarei minhas leis em seus corações e as imprimirei na sua mente, e não me lembrarei mais dos seus pecados e de suas faltas'. **Ora, quando os pecados já foram perdoados, não é mais preciso fazer ofertas pelos pecados.***"

Hebreus 13,11-13: *"De fato, depois que o sumo sacerdote oferece o sangue no santuário pelos pecados do povo, os corpos dos animais oferecidos em sacrifício são queimados fora do recinto sagrado. **Por esse motivo, também Jesus sofreu sua paixão fora de Jerusalém, quando purificou o povo com o seu próprio sangue.** Portanto, saiamos também do recinto sagrado para ir ao encontro de Jesus, carregando a humilhação dele."*

Aqui o autor de Hebreus procura desenvolver outra tese sobre a morte de Jesus, passando, agora, não mais para selar a Nova Aliança, mas para remissão dos pecados. Essa crença, ao que tudo indica, acabou também por contaminar Pedro - 1 Pedro (ano 64 ou anos 70/80) - e João - 1 João (ano

90):

1 Pedro 1,1-2: *“Pedro, apóstolo de Jesus Cristo, aos que vivem dispersos como estrangeiros no Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia. Vocês foram escolhidos de acordo com a presciência de Deus Pai e através da santificação do Espírito, **para obedecerem a Jesus Cristo e serem purificados pelo seu sangue.** Que a graça e a paz sejam abundantes para vocês.”*

1 Pedro 1,17-19: *“Vocês chamam Pai àquele que não faz distinção entre as pessoas, mas que julga cada um segundo as próprias obras. Portanto, comportem-se com temor durante esse tempo em que se acham fora da pátria. Pois vocês sabem que não foi com coisas perecíveis, isto é, com prata nem ouro, que vocês foram resgatados da vida inútil que herdaram dos seus antepassados. **Vocês foram resgatados pelo precioso sangue de Cristo, como o de um cordeiro sem defeito e sem mancha.**”*

1 João 1,6-7: *“Se dizemos que estamos em comunhão com Deus e no entanto andamos em trevas, somos mentirosos e não pomos em prática a Verdade. Mas, se caminhamos na luz, como Deus está na luz, estamos em*

*comunhão uns com os outros, e **o sangue de Jesus, o Filho de Deus, nos purifica de todo pecado.***”

1 João 2,1-2: *“Meus filhinhos, eu lhes escrevo tais coisas para que vocês não pequem. Entretanto, se alguém pecou, temos um advogado junto do Pai: **Jesus Cristo, o justo. Ele é a vítima de expiação pelos nossos pecados;** e não só os nossos, mas também os pecados do mundo inteiro.”*

Estranhamos que, nessa primeira carta, João (ano 90) tenha dito isso, porquanto, em seu Evangelho, escrito no mesmo período, ele, em momento algum, desenvolve algo parecido.

Antes de prosseguir, vejamos algumas considerações de renomados especialistas a respeito do episódio onde teria ocorrido a última ceia, do qual vimos aqui as narrativas dos vários autores bíblicos.

Justificamos essa providência pela razão de que é, geralmente, desse fato que tomam para fundamentar que a morte de Jesus teria sido para remissão dos pecados. Por serem pertinentes ao presente estudo, vamos transcrevê-las.

Geza Vermes (1924-2013), em **O Autêntico Evangelho de Jesus**, no tópico “As palavras de Jesus durante a Última Ceia (Marcos 14,22-25; Mateus 26,26-29; Lucas 22,15-20; 1 Coríntios 11,23-26)”, vem dizer o seguinte:

Quatro relatos da Última Ceia sobreviveram no Novo Testamento. Eles concordam entre si sobre vários pontos essenciais, mas **também ostentam variações substanciais**. Também é notável que **o Evangelho de João não contenha qualquer relato da ceia de Páscoa** compartilhada por Jesus e seus discípulos. Isto se deve sem dúvida ao fato de a prisão e crucificação de Jesus terem acontecido, segundo o Quarto Evangelho, um dia antes da festa, não podendo consequentemente ser questão de qualquer participação de Jesus numa ceia real de Páscoa. João especifica que os dignitários que entregaram Jesus a Pilatos recusaram-se a entrar em seu palácio, no pretório, a fim de permanecerem ritualmente puros “e poder comer a Páscoa” (ver João 18,28). **Há um consenso geral entre intérpretes do Novo Testamento de que a narrativa da Última Ceia, com a sua exiguidade de detalhes concretos, foi escrita acima de tudo para registrar o que desde o princípio a igreja primitiva compreendeu como a instituição de um ritual religioso significativo, a Eucaristia**. Queira ou não, essa visão eclesial afeta retrospectivamente o

significado das palavras que presumidamente teriam vindo dos lábios de Jesus. (29)

O teólogo John Dominic Crossan, cofundador do *The Seminar Jesus*, parece-nos ainda mais enfático, conforme podemos ver nessa citação do professor José Pinheiro de Souza, em sua obra ***Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso***:

Por conseguinte, a Ceia Eucarística não pode ter sido instituída pelo Jesus Histórico. O renomado teólogo e ex-padre católico John Dominic Crossan, em seu livro *O Jesus Histórico*, argumenta que a Ceia Eucarística, interpretada literalmente, não é originária de Jesus histórico (cf. CROSSAN, 1994, p. 398-399).

Mais precisamente, ele mostra que a Ceia Eucarística, como referida num dos livros mais antigos do cristianismo, o chamado *Didaqué* (ou “Instrução dos Doze Apóstolos”), escrito por volta do final do Século I de nossa era (mas descoberto somente no ano de 1883), nada tem a ver com os acréscimos posteriores católicos a respeito da Ceia Eucarística, supostamente instituída por Jesus, e sobre o suposto milagre da “transubstanciação”. Na Ceia Eucarística descrita no livro *Didaqué* (capítulos 9 e 10), **“não há qualquer menção de uma refeição feita para**

comemorar a Páscoa, de uma última ceia, nem de alguma conexão com a morte de Jesus ou sua celebração”. (CROSSAN, 1994, p. 400). ⁽³⁰⁾ (grifo do original)

Bart D. Ehrman considerado a maior autoridade sobre o Novo Testamento do mundo, na obra ***O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê***, argumenta:

[...] Em um de nossos mais antigos manuscritos gregos, assim como em vários testemunhos latinos, temos:

E tomando o cálice, dando graças, ele disse: “Tomai-o, reparti-o entre vós, pois eu vos digo que não beberei do fruto da vinha a partir de agora, até que venha o reino de Deus”. E tomando o pão, dando graças, ele o partiu e o deu a eles, dizendo: “Isto é o meu corpo... Mas vede que a mão daquele que me trai está comigo nesta mesa” (Lucas 22,17-19).

Contudo, na maioria de nossos manuscritos, **há um acréscimo ao texto**, que soará familiar a muitos leitores da Bíblia, visto **que se assentou nas traduções modernas**. Ali, depois que Jesus diz: “Isto é meu corpo”, ele continua dizendo as

palavras: “Que foi dado por vós; fazei isto em memória de mim’, e fez o mesmo com o cálice após a refeição, dizendo: ‘Este cálice é a nova aliança em meu sangue derramado por vós’”.

Estas são as palavras, muito familiares, da “instituição” da Ceia do Senhor, registradas também sob uma forma muito similar na primeira carta de Paulo aos Coríntios (1 Coríntios 11,23-25). **A despeito do fato de serem tão familiares, há boas razões para pensar que esses versículos não estavam no original do Evangelho de Lucas, mas que foram acrescentados para ressaltar que foram o corpo partido e o sangue derramado de Jesus que trouxeram a salvação “para vós”. [...].**

Além do mais, não se pode deixar de notar que **os versículos, por mais familiares que sejam, não representam a própria compreensão que Lucas demonstra ter da morte de Jesus.** É uma característica surpreendentemente do retrato que Lucas faz da morte de Jesus – por mais estranho que isso seja à primeira vista – que **ele nunca, em nenhuma outra passagem, indica que a morte em si seja o que traz a salvação do pecado.** Em nenhum outro lugar de toda a obra em dois volumes de Lucas (Lucas e Atos dos Apóstolos), se diz que a morte de Jesus foi “por vós”. De fato, nas duas ocasiões em que a fonte de Lucas (Marcos) indica que foi por meio da morte de Jesus que veio a salvação (Marcos 10,45; 15,39), Lucas *mudou* a disposição do texto (ou o eliminou). Em outros termos, Lucas tem uma compreensão

diferente da forma com que a morte de Jesus conduz à salvação, diferente da de Marcos (da de Paulo e da de outros escritores cristãos antigos). (31)

Em **O Judaísmo e as origens do Cristianismo**, David Flusser (1917-2000), traz a sua importante contribuição:

Jesus seguia a ordem essencial em suas refeições de festa e, em especial, na última ceia, ou seguia a ordem não-sectária: vinho e pão? Segundo Mateus e Marcos, Jesus primeiro abençoava o cálice e depois o pão, mas a situação em Lucas é diferente. “Chegada a hora, pôs-se Jesus à mesa, e com ele os apóstolos. E disse-lhes: Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta páscoa, antes de meu sofrimento. Pois vos digo que nunca mais a comerei, até que ela se cumpra no reino de Deus. E, tomando um cálice, havendo dado graças, disse: Recebei e reparti entre vós; pois vos digo que de agora em diante não mais beberei do fruto da videira, até que venha o reino de Deus. E, tomando um pão, tendo dado graças, o partiu e lhes deu, dizendo: Isto é meu corpo” (Lc 22:14-19). Aí termina o texto de Lucas, de acordo com o famoso Codex Bezae, a antiga tradução latina, e dois antigos manuscritos siríacos. **Todos os leitores atentos reconhecerão com facilidade que o que se segue em Lucas nos outros testemunhos é**

tirado de 1 Cor 11:23-26, de modo que temos aqui a estranha situação de que no texto aceito aparecem dois cálices, um no começo e o outro no final. Tanto a Versão Padrão Revista como a Nova Bíblia Inglesa adotaram o ponto de vista correto, de que **Lc 22:19b-20 não fazia parte do texto original de Lucas**. Depois que Jesus disse do pão partido “Isto é meu corpo” fazendo alusão a sua iminente morte violenta, ele continuou e tornou-se mais explícito, dizendo: “Todavia a mão do traidor está comigo à mesa” (Lc 22:21). (32)

James D. Tabor, em ***A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo***, também apresenta explicações bem interessantes, que merecem ser citadas:

Ironicamente, os mais antigos relatos da última refeição na quarta-feira à noite vêm de Paulo, e não de qualquer dos evangelhos. Em uma carta a seus seguidores na cidade grega de Corinto, escrita por volta de 54 d.C., **Paulo passa adiante a tradição que dizia ter “recebido” de Jesus**: “Jesus, na noite em que foi traído, tomou um pão, e tendo dado graças, partiu-o e disse: 'Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isso em memória de mim: Do mesmo modo, depois da ceia, tomou o cálice e disse: 'Este cálice é a nova Aliança no meu sangue; fazei isto sempre que o

beberdes, em memória de mim” (1 Coríntios 11:23-25).

Essas palavras, tão familiares aos cristãos como parte da Eucaristia da Missa, são repetidas com ligeiras variantes em Marcos, Mateus e Lucas. Representam a síntese da fé cristã, o pilar do evangelho cristão: a humanidade está salva dos pecados pelo sacrifício do corpo e do sangue de Jesus. **Qual é a probabilidade histórica de que essa tradição baseada naquilo que Paulo disse ter “recebido” de Jesus represente o que Jesus disse durante a última ceia?** Tão surpreendente quanto possa parecer, **existem alguns problemas autênticos a considerar.**

Em cada refeição judaica, o pão é partido, o vinho partilhado, e a bênção dada – mas a ideia de comermos carne humana e bebermos sangue, mesmo que simbolicamente, é de todo alheia ao judaísmo. A Torá proíbe especificamente a ingestão de sangue, não só para os israelitas, mas para todos. A Noé e a seus descendentes, como representantes de toda a humanidade, já tinha sido proibido “ingerir sangue” (Gênesis 9:4). Moisés tinha prevenido, “se qualquer homem da Casa de Israel ou gentio, residente no meio deles, ingerir qualquer espécie de sangue, eu me voltarei contra esse que ingere sangue e eliminá-lo-ei de seu povo” (Levítico 17:10). Em outra ocasião, Tiago, o irmão de Jesus, refere-se a isto como uma “exigência”, para que os não judeus pudessem juntar-se à comunidade nazarena – não ingerirão sangue

(Atos 15:20). Essas restrições dizem respeito ao sangue de animais. **Ingerir carne e sangue humanos não era proibido, era simplesmente inconcebível.** Essa sensibilidade generalizada em relação à mera ideia de “beber sangue” **mostra a improbabilidade de Jesus ter usado tais símbolos.**

Como dissemos, a comunidade essênica, em Qumrã, descreveu, em um de seus manuscritos, um futuro “banquete messiânico”, no qual o Messias Sacerdotal e o Messias da linhagem de Davi sentar-se-iam com os membros da comunidade crente e abençoariam a sagrada refeição de pão e vinho como a celebração do Reino de Deus. Teriam certamente ficado espantados com qualquer simbolismo sugestivo de que o pão fosse a carne humana, e o vinho, o sangue. ⁽³³⁾ **Tal ideia simplesmente não poderia ter partido de Jesus como judeu.**

Portanto, qual a origem dessa linguagem? Se aparece primeiramente com Paulo, e ele não a recebeu de Jesus, então **qual seria sua fonte? As maiores semelhanças encontram-se em alguns ritos mágicos greco-romanos.** Existe um papiro grego que registra um encantamento amoroso, no qual um macho pronuncia certos feitiços sobre um cálice de vinho, que representa o sangue que o deus egípcio Osíris tinha dado à sua consorte Ísis para que ela o amasse. Quando sua amante bebe o vinho, ela simbolicamente se une a seu amado pelo seu sangue. ⁽³⁴⁾ Em outro texto, o vinho é transformado na carne de Osíris. ⁽³⁵⁾ **Simbolicamente, comer a “carne” e beber**

o “vinho” era parte de um rito mágico de união na cultura greco-romana.

Devemos considerar que Paulo cresceu imbuído da cultura greco-romana, na cidade de Tarso, na Ásia Menor, fora da terra de Israel. **Ele nunca conheceu ou falou com Jesus**. A relação que ele pretendeu com Jesus é “visionária”, e não com um Jesus de carne e osso, caminhando na terra.

Quando os Doze se reuniram para substituir Judas, depois da morte de Jesus, colocaram como condição para fazer parte do grupo ter estado com Jesus desde o tempo de João Batista até a crucificação (Atos 1:21-22). Ter visões e ouvir vozes não eram qualificações suficientes para um apóstolo.

Em segundo lugar, e de forma ainda mais reveladora, **o evangelho de João narra os acontecimentos daquela última refeição na noite de quarta-feira, mas nunca se refere às palavras de Jesus instituindo essa nova cerimônia da Eucaristia**. Se Jesus, na realidade, iniciou a prática de comer o pão como sendo seu corpo, e beber o vinho como sendo seu sangue na sua “última ceia” como poderia João tê-la omitido? O que João escreve, segundo todas as indicações, é que Jesus sentou-se para participar de uma refeição judaica comum. Após a ceia, ele se levantou, pegou uma bacia de água e um pano, e começou a lavar os pés de seus discípulos, mostrando como o professor e mestre deveria agir como criado – mesmo para seus discípulos. Jesus começou, então, a descrever

como iria ser traído, e João nos diz que Judas abruptamente abandonou a ceia.

O evangelho de Marcos está muito próximo, em suas ideias teológicas, àquele de Paulo. Parece possível que, em sua descrição da última ceia, feita uma década depois da de Paulo, **Marcos tenha inserido o tradicional “coma o meu corpo” e “beba o meu sangue” em seu evangelho, influenciado pelo que Paulo afirma ter recebido.** Tanto Mateus como Lucas baseiam inteiramente suas narrativas em Marcos, e Lucas é também um convicto defensor de Paulo. Tudo parece levar a Paulo. **Como veremos, não há qualquer prova de que os primeiros seguidores judeus de Jesus, conduzidos ao quartel-general em Jerusalém por Tiago, o irmão de Jesus, tenham alguma vez praticado qualquer rito dessa natureza.** Como todos os judeus, eles santificavam o vinho e o pão como parte de uma refeição sagrada, e provavelmente tinham presente a noite em que ele havia sido traído, lembrando-se da última refeição com Jesus.

Na realidade, para resolver essa questão, precisamos de uma fonte independente, cristã, que não tenha sido influenciada por Paulo, que possa esclarecer a prática original dos seguidores de Jesus. Felizmente, em 1873, esse texto foi encontrado em uma biblioteca em Constantinopla. É intitulado *Didache*, e data do início do século II d.C. ⁽³⁶⁾ Foi mencionado pelos primeiros autores da igreja, mas desaparecera até ser descoberto acidentalmente

por um sacerdote grego, o Padre Bryennios, em um arquivo de manuscritos antigos. *Didache* significa “Ensinaamentos”, em grego, e seu título completo é “Os Ensinaamentos dos Doze Apóstolos”. Trata-se de um antigo “manual de instruções”, provavelmente escrito para ser utilizado por aspirantes ao batismo cristão. Contém muitas instruções e exortações éticas, mas também capítulos sobre o batismo e a Eucaristia – a sagrada refeição do pão e vinho. É aí que entra a surpresa. Ele oferece as seguintes bênçãos para o pão e o vinho:

No que se refere à Eucaristia, darás graças da seguinte forma.

Em primeiro lugar, quanto ao cálice: “Damos-vos graças, Pai nosso, pela santa vinha de Davi, vosso filho, que nos destes a conhecer através de Jesus, vosso filho. Para vós a glória eterna”. E quanto ao pão: “Damos-vos graças, Pai nosso, pela vida e sabedoria que nos comunicastes através de Jesus, vosso filho. Para vós, glória eterna”. (37)

Notem que não há menção ao vinho, representando o sangue, ou ao pão, representando a carne. E, no entanto, é um registro da primeira refeição da Eucaristia cristã! Este texto nos faz lembrar muito das descrições da sagrada refeição messiânica nos Manuscritos do Mar Morto. O que temos aqui é a celebração messiânica de Jesus como o Messias da linhagem de Davi, e a vida e a sabedoria que ele trouxe à comunidade. Evidentemente, essa

comunidade de seguidores de Jesus nada sabia da cerimônia proposta por Paulo. Se a prática de Paulo viera realmente de Jesus, seguramente esse texto tê-la-ia incluído.

Existe mais um ponto importante a esse respeito. Na tradição judaica, é o cálice de vinho que, primeiramente, é abençoado, depois o pão. Essa é a ordem que encontramos na *Didache*. Mas no relato de Paulo da “Ceia do Senhor”, Jesus abençoa primeiro o pão, depois o cálice de vinho – justamente o oposto. Pode parecer um detalhe insignificante até examinarmos o relato de Lucas sobre as palavras de Jesus, durante a refeição. Embora ele siga basicamente a tradição de Paulo, ao contrário deste, Lucas fala primeiro no cálice de vinho, depois no pão e, em seguida, em outro cálice de vinho! O pão e o segundo cálice de vinho ele interpreta como o “corpo” e o “sangue” de Jesus. Mas quanto ao primeiro cálice – na ordem que se esperaria da tradição judaica – nada é dito que represente “sangue”. Ao contrário, Jesus diz, “Eu vos digo, doravante não beberei da fruta da videira até a chegada do Reino de Deus” (Lucas 22:18). Essa tradição do primeiro cálice, só encontrada em Lucas, é uma pista do que deveria ter sido a tradição original antes de a versão Paulina ter sido inserida, agora confirmada pela *Didache*.

Vista sob essa luz, essa última refeição tem sentido histórico. Jesus disse a seus seguidores mais próximos, reunidos secretamente na Sala do Andar Superior, que ele não partilharia com eles outra refeição até a chegada do Reino de

Deus. Ele sabe que Judas iniciará, naquela noite, os procedimentos que culminarão com sua prisão. Suas esperança e prece são de que, da próxima vez em que estiverem sentados juntos para comer, dando a tradicional bênção judaica do vinho e do pão – o Reino de Deus já tenha chegado.

Uma vez que Jesus se reuniu só com seu Conselho dos Doze, nessa última refeição privada, Tiago e os três outros irmãos de Jesus teriam estado presentes. Isso foi confirmado em um texto perdido chamado Evangelho dos Hebreus, que era usado por judeus-cristãos que rejeitavam os ensinamentos e a autoridade de Paulo. Sobrevive apenas em algumas citações, preservadas por autores cristãos, como Jerônimo. Uma das passagens nos diz que Tiago, o irmão de Jesus, depois de ter bebido do cálice que Jesus fizera circular, afirmou que também ele não comeria ou beberia até ver o Reino chegar. Portanto, temos aqui a prova textual de uma tradição que recorda a presença de Tiago na última refeição. ⁽³⁸⁾

Ao que tudo indica, essa questão de comer carne e beber sangue, com a qual se justifica o sacramento da eucaristia, tenha vindo do culto persa a Mitra, é o que nos mostram Timothy Freke e Peter Gandy, em ***Os mistérios de Jesus - seria o Jesus original um deus pagão?***: “Aquele que não

comer minha carne e não beber meu sangue para ser um comigo, e eu um com ele, aquele não conhecerá a salvação”. (39).

Além desses dois ainda temos Kersten e Elmar Gruber que, em ***O Buda Jesus - as fontes budistas do cristianismo***, explicam:

O serviço religioso semanal era realizado aos domingos, dia dedicado ao deus. A cerimônia mais importante do culto era **uma ceia que constava de vinho e pão – oferecido na forma de hóstias consagradas que tinham o sinal da cruz.** (40)

Bem clara a relação de Mitra com o que querem atribuir a Jesus.

Para Jesus o que garantiria a salvação?

O primeiro ponto a ser levantado é saber em que, de fato, consistia a “salvação” para Jesus. Acreditamos que podemos encontrá-la no que ele disse sobre qual o critério que será usado para o julgamento de cada um de nós e também na parábola do juízo final, conforme consta, respectivamente, dos seguintes passos:

Mateus 16,27: “**Porque o Filho do Homem virá na glória do seu Pai, com os seus anjos, e então retribuirá a cada um de acordo com a própria conduta**”.

Mateus 25,31-46: “**Quando o Filho do Homem vier na sua glória, acompanhado de todos os anjos, então se assentará em seu trono glorioso. Todos os povos da terra serão reunidos diante dele, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. E colocará as ovelhas à sua direita, e os cabritos à sua esquerda. Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: 'Venham vocês,**

que são abençoados por meu Pai. Recebam como herança o Reino que meu Pai lhes preparou desde a criação do mundo. **Pois eu estava com fome, e vocês me deram de comer; eu estava com sede, e me deram de beber; eu era estrangeiro, e me receberam em sua casa; eu estava sem roupa, e me vestiram; eu estava doente, e cuidaram de mim; eu estava na prisão, e vocês foram me visitar**'. Então os justos lhe perguntarão: 'Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos como estrangeiro e te recebemos em casa, e sem roupa e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso, e fomos te visitar?' Então o Rei lhes responderá: 'Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram'. Depois o Rei dirá **aos que estiverem à sua esquerda**: 'Afastem-se de mim, malditos. Vão para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. **Porque eu estava com fome, e vocês não me deram de comer; eu estava com sede, e não me deram de beber; eu era estrangeiro, e vocês não me receberam em casa; eu estava sem roupa, e não me vestiram; eu estava doente e na prisão, e vocês não me**

foram visitar'. Também estes responderão: 'Senhor, quando foi que te vimos com fome, ou com sede, como estrangeiro, ou sem roupa, doente ou preso, e não te servimos?' Então o Rei responderá a esses: 'Eu garanto a vocês: todas as vezes que vocês não fizeram isso a um desses pequeninos, foi a mim que não o fizeram'. Portanto, **estes irão para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna"**.

Em ambos os textos, podemos ver que, "quando o Filho do homem vier", o julgamento terá como critério a avaliação das ações a favor do próximo, que é exatamente o que se afirma com a expressão: "a cada um segundo suas obras" (Mateus 16,27), cujo teor foi reforçado com o exemplo dado no segundo passo.

Por outro lado, a própria ideia de ocorrer um julgamento já induz a conclusão lógica de que alguma coisa será medida, pesada ou avaliada o que, portanto, conflita com a morte de alguém visando a remissão de pecados, que nada mais é, como já dito, que uma crença de pagã.

No livro **Apocalipse** (anos 90), cuja autoria é

incerta, mas que a tradição cristã atribui a João Evangelista, por orientação de Jesus, temos, novamente, qual será o critério de julgamento:

Apocalipse 20,12-13: ***“Vi então os mortos, grandes e pequenos, em pé diante do trono. E foram abertos livros. Foi também aberto outro livro, o livro da vida. Então os mortos foram julgados de acordo com sua conduta, conforme o que estava escrito nos livros. O mar devolveu os mortos que nele estavam. A morte e a morada dos mortos entregaram de volta os seus mortos. E cada um foi julgado conforme sua conduta.”***

Corroborar tudo quanto foi apresentado até agora, inclusive, do que ouvimos do próprio Jesus, negar isso é algo que só fanático consegue fazer sem lhe “doer” a consciência.

Vemos duas coisas curiosas neste livro. A primeira diz respeito ao fato de que João era iletrado (Atos 4,13), portanto, não sabia escrever, por isso, se foi ele mesmo quem escreveu o Apocalipse, só pode ter sido na condição de médium de psicografia.

A segunda, é que se tem o seu conteúdo como fatos que acontecerão num tempo futuro, apesar de, no início e no fim desse livro, ter sido alertado de que “*o tempo está próximo*” (Atos 1,3; 22,10).

Quanto a isso, podemos dizer que não somos só nós que pensamos assim. Transcrevemos da obra ***A mensagem secreta de Jesus***, de autoria do pastor Brain D. McLaren, o seguinte trecho:

[...] Em vez de ser um livro sobre um futuro distante, tornar-se uma porta do diálogo sobre os desafios do presente imediato. Torna-se um livro de advertências e de promessas.

Os leitores originais do Apocalipse viviam sob constante ameaça de opressão religiosa por parte das autoridades religiosas e do império romano. Naquele ambiente não se podia falar – e com toda certeza não se podia escrever – nem uma palavra de crítica contra o governo ou outras autoridades. Caso alguém fosse flagrado de posse de tal literatura subversiva, seria levado à prisão, ou talvez condenado à morte. Entretanto, se ninguém falasse ou escrevesse a respeito da opressão, esta teria vencido, controlando, silenciando e intimidando a todos. Será que existe uma alternativa? Sim, e esta é a

genialidade da literatura do oprimido de um modo geral, e da literatura apocalíptica em particular.

Eis o que fazer: dizer a verdade sobre aqueles que estão no poder – que são corruptos, sedentos por derramar sangue, e amaldiçoados – mas fazer isso secretamente. Não se menciona o “império romano”; menciona-se “a besta”. Não se fala sobre as autoridades religiosas corruptas; personificam-se estas mesmas autoridades como sendo “o falso profeta”. O imperador não é citado, mas conta-se a história de um dragão. Dessa forma recusa-se a ser silenciado pelo medo – e não se produz nenhuma evidência capaz de incriminação, as quais poderiam levar à tortura e também à morte os autores e os leitores de tal literatura.

Se o Apocalipse fosse um plano sobre um futuro distante, teria sido ininteligível para seus leitores originais, tanto quanto para os leitores de todas as gerações seguintes; e seria verdadeiro e plenamente relevante somente para uma geração – a que vivesse no exato período de tempo a respeito do qual teriam sido feitos os prognósticos. Mas se o Apocalipse for, por outro lado, um exemplar da literatura do oprimido, repleto de advertências e promessas sempre relevantes, será então um presente para cada uma das gerações com os necessários inspiração, sabedoria e encorajamento. Dentro dessa perspectiva, o Apocalipse torna-se um livro poderoso sobre o Reino de Deus aqui e agora, disponível a todos. (41)

Portanto, o pastor McLaren, a quem se acabou de ler, corrobora aquilo que tínhamos intuído desde a muito tempo.

O Cristo foi morto por qual motivo?

É preciso separar bem as coisas para que possamos definir, ou, quem sabe, entender os fatos tais quais aconteceram e não como nos dizem terem acontecido, uma vez que *“Você não pode acreditar em algo só porque alguém deseja desesperadamente que você o faça.”* (42)

Entendemos que José Herculano Pires (1914-1979) estava coberto de razão em sua resposta ao ouvinte do programa *“No Limiar do Amanhã”*, que transmitido pela Rádio Mulher de São Paulo no período de 1970 a 1974, conforme registrado no livro ***O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade Por J. Herculano Pires***, organizado por Célia Arribas:

[...] **Nós temos uma tendência à inércia mental, a nos fixarmos em dogmas**, em princípios tradicionais e a permanecermos, por assim dizer, enleados nesses princípios sem conseguirmos avançar na compreensão real das coisas. [...]. (43)

Em razão de tudo isso, é que estudaremos os três possíveis motivos que se podem levantar para a morte de Jesus, que são o histórico, o teológico e o mítico.

Julgamos que os que advogam o motivo histórico, geralmente, são estudiosos independentes, ou seja, não acorrentados a nenhuma das correntes religiosas tradicionais e os leigos que se alinham com esse viés, enquanto que os defensores dos dois outros motivos, podem até formar um só grupo de partidários.

Há um pensamento do exegeta Bart D. Ehrman, que vale a pena lembrá-lo, para que não percamos o fio da meada: *“Toda vez que se tira algo do contexto, entende-se errado. Para situar qualquer personagem histórico, o contexto é tudo.”* (44)

Sintonizamos com a vertente que se apoia nos fatos históricos, pois pensamos que essa reflete muito bem a máxima de Allan Kardec (1804-1869): *“Fé inabalável somente aquela que pode encarar a razão, face a face, em todas as épocas da*

Humanidade.” (45)

1º) Por motivação política?

Analisaremos alguns relatos bíblicos para evidenciar essa hipótese, ou seja, que Cristo, conforme os dados históricos indicam, teria sido morto por motivação política. Vamos colocá-los na ordem em que aparecem, esperando também que essa seja a ordem cronológica dos fatos.

Na Páscoa - *Pessach*, em hebraico, significa “passagem” - que antecedeu à sua crucificação, Jesus, com seus discípulos, dirige-se à cidade de Jerusalém, pois como judeu, não deixaria de participar dessa comemoração em que o povo lembrava a sua saída da escravidão no Egito.

Vejamos mais de perto esse evento. Quem vai nos contar é Bart D. Ehrman, especialista em Novo Testamento, do qual tomaremos este relato da sua obra ***Como Jesus se tornou Deus***:

De acordo com os Evangelhos, é muito simples. Quando **Jesus foi a Jerusalém durante a última semana de sua vida para celebrar a**

refeição anual da Páscoa judaica na capital, ele causou uma perturbação no templo – ao prever, bem ao estilo apocalíptico, que o local seria destruído no julgamento vindouro. **Isso despertou a atenção das autoridades locais.** [...] Os sacerdotes estavam incumbidos de manter a ordem entre o povo, em larga medida porque os romanos no comando permitiam aos aristocratas locais tratar de seus próprios assuntos e fazer coisas contanto que não houvesse perturbação. **Todavia, o Pessach era um período incendiário; o festival em si era conhecido por incitar o sentimento nacionalista e pensamentos de rebelião.**

Isso se deve em razão da festa de Páscoa judaica comemorar o episódio da Bíblia Hebraica em que Deus liberta o povo de Israel da escravidão no Egito sob a liderança de Moisés. **Todo ano o evento do êxodo era celebrado, com judeus do mundo inteiro** recordando que Deus havia intervindo em favor deles a fim de salvá-los da dominação estrangeira. **O festival, cujo auge era a refeição especial – o seder de Pessach, como ficou conhecido –, não era celebrado simplesmente por interesses de outrora. Muitos judeus esperavam e até anteviam que o que Deus havia feito antes, há muito tempo, com Moisés, ele faria de novo, no presente, com a participação de um dos líderes deles. Todo mundo sabia que poderiam ocorrer levantes quando as paixões nacionalistas atingissem um pico febril.** Assim, essa era a única época do ano em que o

governador romano da Judeia, que normalmente vivia na cidade costeira de Cesareia, ia para Jerusalém com tropas para esmagar quaisquer possíveis rebeliões. Os saduceus, dispostos a cooperar com os romanos em troca de poder continuar com a adoração de Deus no templo conforme Deus havia instruído na Torá, estavam igualmente incumbidos de manter a paz. (46)

Esse evento poderia se tornar num barril de pólvora.

Nessa época, certamente, Jerusalém estava apinhada de gente; porém, a chegada de um ilustre personagem se destaca:

*Mateus 21,1-9: “Quando **se aproximaram de Jerusalém**, e chegaram a Betfagé, ao Monte das Oliveiras, enviou **Jesus** dois discípulos, dizendo-lhes: Ide à aldeia que está defronte de vós, e logo encontrareis uma jumenta presa, e um jumentinho com ela; desprendei-a, e trazei-mos. E, se alguém vos disser alguma coisa, respondei: O Senhor precisa deles; e logo os enviará. Ora, isso aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Dizei à filha de Sião: **Eis que aí te vem o teu Rei, manso e***

montado em um jumento, em um jumentinho, cria de animal de carga. Indo, pois, os discípulos e fazendo como Jesus lhes ordenara, trouxeram a jumenta e o jumentinho, e sobre eles puseram os seus mantos, e Jesus montou. E a maior parte da multidão estendeu os seus mantos pelo caminho; e outros cortavam ramos de árvores, e os espalhavam pelo caminho. E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam, dizendo: **Hosana ao Filho de Davi!** bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!

Em Marcos, lemos “Bendito o reino que vem, **o reino de nosso pai Davi!** Hosana nas alturas!” (11,10), e em Lucas “Bendito seja **aquele que vem como Rei**, em nome do Senhor! Paz no céu e glória no mais alto do céu.” (19,38) e, finalmente, em João “Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor! **Bendito o rei de Israel!**” (12,13). Portanto, nos quatro Evangelhos, é feita uma relação, explícita ou não, de Jesus como sendo rei dos judeus.

Segundo nos informa o prof. Sebastião Pinheiro Martins, em **A Formação do Novo**

Testamento, a palavra hosana, que ele grafa “osana”, significa “dá-nos a vitória, salva-nos” (47). O texto de Mateus ficaria: “*Dá-nos a vitória, oh Filho de Davi*” ou “*Salva-nos, oh Filho de Davi*”, que, seguramente, seria um apelo a seu Rei para que os desse a vitória ou salvasse da opressão romana. Isso faz todo um sentido dentro do contexto.

Marcus J. Borg (1942-2015), professor de religião e cultura na Oregon State University, e John Dominic Crossan, professor de Estudos Bíblicos na DePaul University, em ***A Última Semana***, explicam que:

O tempo de glória, o tempo ideal, era lembrado. Davi se tornou tão reverenciado que o esperado futuro libertador, o Messias, deveria ser “filho de Davi”, um novo Davi, de fato maior que Davi. E esse novo Davi, **esse filho de Davi, governaria a partir de Jerusalém um reino restaurado.** [...]. (48)

Tanto Mateus (11,1), quanto João (12,15) dizem que Jesus cumpria a profecia de Zacarias (9,9), o que se torna mais uma relação, ainda que

simbólica, de Jesus como sendo o rei dos judeus.

Sobre isso nos esclarecem Borg e Crossan, ainda em **A Última Semana**:

[...] **Segundo Zacarias, um rei chegaria a Jerusalém** (Sião) “humilde e **montado sobre um jumento**, um jumentinho, filho de jumenta” (9,9). Em Marcos, a referência a Zacarias é implícita. Mateus, quando aborda a entrada de Jesus em Jerusalém, explicita a conexão ao citar a passagem; [Zac 9;9]. [...] ⁽⁴⁹⁾

Na atualidade, pode-se até pensar que esse semovente - o jumento - não fosse uma montaria digna de um rei; entretanto, no contexto da época, isso era visto justamente de forma contrária: a) “O jumento é a montaria dos chefes (cf. Jz 5,10; 10,4)” ⁽⁵⁰⁾, b) “antiga montaria dos príncipes (Gn 49,11; Jz 5,10; 10,4; 12,14)” ⁽⁵¹⁾, e c) “o jumento era a cavalgadura dos Juízes (5,10; 10,4; 12,14)” ⁽⁵²⁾.

Marcos 14,3: “Jesus estava em **Betânia**, na casa de **Simão, o leproso**. Enquanto fazia a refeição, chegou uma mulher com um vaso de alabastro, cheio de um perfume de nardo puro, muito caro. Ela quebrou o vaso, e

derramou o perfume na cabeça de Jesus.”

Esse ato, o de derramar perfume na cabeça de Jesus, pode significar que estava sendo ungido, já que a unção era uma prática ritualística que se fazia quando da coroação de reis.

Estranhamente, esse episódio pelo Evangelho de João, a casa em que Jesus estava era a de Lázaro, e quem o ungiu, os pés e não a cabeça, foi Maria irmã dele (João 12,1-3).

Em ***Jesus existiu ou não?***, Ehrman dá a seguinte explicação:

Em hebraico, a palavra “messias” significa “o ungido”. Já vimos que a tradução do termo para o grego é *christos*, portanto “Jesus Cristo” significa literalmente “Jesus, o Messias”. O termo tem origem na história antiga de Israel, à época em que a nação era governada por reis, que eram supostamente favorecidos ou “ungidos” por Deus. **Aliás, o rei era literalmente ungido durante as cerimônias de coroação, quando se derramava óleo em sua cabeça** como maneira de mostrar que era especialmente favorecido por Deus, conforme se vê em passagens como I Samuel 10:1 e II Samuel 23:1.

[...] ⁽⁵³⁾

Nesta explicação, temos uma ideia de como era a visão dos judeus a respeito do ungido – o Cristo – que se esperava vir a mando de Deus. É conveniente, por ser útil, explicarmos que:

Cristo significa redentor, messias. Do latim “*Christu*”, derivado do grego “*Khristós*”, que **significa ‘ungido’**, que por sua vez deriva do hebraico “*Mashiach*” que **significa “Messias”**.
⁽⁵⁴⁾

Quanto à designação de Messias, além de um anjo ter afirmado isso, também o próprio Jesus admite sê-lo, o que, respectivamente, podemos confirmar com estas passagens:

Lucas 2,9-12: ***“Um anjo do Senhor apareceu aos pastores; a glória do Senhor os envolveu em luz, e eles ficaram com muito medo. Mas o anjo disse aos pastores: ‘Não tenham medo! Eu anuncio para vocês a Boa Notícia, que será uma grande alegria para todo o povo: hoje, na cidade de Davi, nasceu para vocês um Salvador, que é o Messias, o Senhor. Isto lhes servirá de***

sinal: vocês encontrarão um recém-nascido, envolto em faixas e deitado na manjedoura.”

Mateus 16,15-20: *“Então Jesus perguntou-lhes: ‘E vocês, quem dizem que eu sou?’ **Simão Pedro respondeu: ‘Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo.’ Jesus disse: ‘Você é feliz, Simão, filho de Jonas, porque não foi um ser humano que lhe revelou isso, mas o meu Pai que está no céu. [...].’ Jesus, então, ordenou aos discípulos que não dissessem a ninguém que ele era o Messias.”***

Jesus, portanto, confessa que é o Messias que esperavam; porém, como visto, pensavam que seria um guerreiro libertador.

O estudioso Ehrman, em ***Quem escreveu a Bíblia?***, explica-nos que:

[...] Após algum tempo, quando não havia mais reis em Israel, **alguns judeus achavam que Deus mandaria um futuro rei, um ungido como o grande rei Davi de antigamente que, assim como ele, lideraria os Exércitos de Israel contra seus inimigos e restabeleceria Israel de novo como um Estado soberano na Terra.** Esse futuro rei, portanto, foi o messias, um ser humano que era um guerreiro poderoso e um

grande governante do povo de Deus.

[...].

Em resumo, havia uma série de expectativas de como seria uma futura figura “ungida”, um messias. A única coisa que **essas concepções do futuro salvador tinham em comum era que todas esperavam que fosse uma figura grandiosa e poderosa, fortalecida por Deus para derrubar os inimigos** e governar o povo de Deus com autoridade. ⁽⁵⁵⁾

Eis aí, o que comprova essa visão de guerreiro libertador que os judeus pensavam a respeito do Messias.

Mateus 26,31: *“Então Jesus disse aos discípulos: ‘Esta noite vocês todos vão ficar desorientados por minha causa, porque a Escritura diz: ‘**Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão**’.”* (ver Marcos 14,27)

Transparece que Jesus tinha pressentimento de que estava chegando a sua hora, a citação que faz de Zacarias (13,7), admitindo que realmente ele a tenha feito, é interessante, pois abre espaço para se entender que ferindo o líder, os sediciosos se

dispersariam. Foi exatamente isso que aconteceu, quando de sua prisão: **“Então todos os discípulos, deixando-o fugiram.”** (Mateus 26,56; Marcos 14,50)

Em João Evangelista, também, encontramos algo a respeito: **“Vem a hora, e já chegou, em que vocês se espalharão, cada um para o seu lado, e me deixarão sozinho.”** (João 16,32)

Ehrman, em **Como Jesus se tornou Deus**, esclarece-nos:

[...] nossas fontes primitivas são bastante claras quanto aos discípulos homens teriam fugido do local e não estarem presentes na crucificação de Jesus. Conforme afirmei antes, isso pode muito bem ser um fato histórico – os discípulos temeram pela própria vida e foram se esconder ou escapuliram da cidade a fim de evitar a prisão. Para onde iriam: Presumivelmente, para casa, para a Galileia – que ficava a mais de cento e cinquenta quilômetros e levaria, pelo menos, uma semana para se chegar a pé. [...]. ⁽⁵⁶⁾

É perfeitamente compreensível a deserção de todos, já que eram homens do povo, não treinados

para algum tipo de luta.

Aliás, o líder dos sediciosos, não raro, assume sozinho a culpa do levante, para preservar a vida dos outros, e foi exatamente isso o que Jesus fez “*Se vocês estão me procurando, **deixem os outros ir embora.***” (João 18,8)

João 18,12-14: “*Então a tropa, o comandante e os guardas das autoridades dos judeus prenderam e amarraram Jesus. A primeira coisa que fizeram foi levar Jesus até Anás, que era sogro de Caifás, sumo sacerdote naquele ano. **Caifás é aquele que tinha dado um conselho aos judeus: ‘É preciso que um homem morra pelo povo.’***”

Vejamos, por oportuno, a narrativa com o momento em que Caifás dá esse conselho aos judeus:

João 11,47-52: “*Então, os chefes dos sacerdotes e os fariseus reuniram o Conselho. E disseram: ‘Que é que vamos fazer? Esse homem está realizando muitos sinais. Se deixamos que ele continue assim, todos vão acreditar nele; **os romanos virão e destruirão o Templo e toda a nação.**’*”

*Um deles, chamado Caifás, sumo sacerdote nesse ano, disse: ‘Vocês não sabem nada. Vocês não percebem que **é melhor um só homem morrer pelo povo, do que a nação inteira perecer?**’ Caifás não falou isso por si mesmo. Sendo sumo sacerdote nesse ano, **profetizou que Jesus ia morrer pela nação. E não só pela nação, mas também para reunir juntos os filhos de Deus que estavam dispersos.**”*

A preocupação de que “os romanos virão e destruirão o Templo e toda a nação” leva-nos a acreditar que o verdadeiro motivo não eram os milagres que Jesus fazia, mas o fato de ele se dizer o rei dos judeus, só dessa forma haveria motivo para que os romanos destruíssem o Templo e toda a nação.

Assim sendo, esse conselho de Caifás cabe muito bem a um grupo de revolucionários, pois se um homem morrer, no caso o líder, salvar-se-ão todos os outros envolvidos na insurreição.

Deixaremos para o próximo tópico os comentários de que John Dominic Crossan a respeito desse passo de João.

Como um personagem dessa história é Pilatos, vamos trazer algo sobre ele para que possamos ver como agia, pois, isso é importante para derrubar o conceito de ele ter sido um “governador bonzinho”. Tomemos de Flávio Josefo (37-103 d.C.), o que, em ***História dos Hebreus***, narra o seguinte:

770. Pilatos, governador da Judeia, mandou, dos quartéis de inverno de Cesareia a Jerusalém, tropas que traziam em seus estandartes a imagem do imperador, o que é tão contrário às nossas leis que nenhum outro governador antes dele havia feito. As tropas entraram de noite; e assim, somente no dia seguinte é que se percebeu. Imediatamente os judeus foram em grande número procurar Pilatos em Cesareia e durante vários dias rogaram-no, vários dias, que fizesse levar para outros lugares aqueles estandartes. Ele recusou-se, dizendo que não o poderia fazer, sem ofender o imperador. Mas como eles continuavam a insistir, no sétimo dia, ele ordenou aos seus soldados que secretamente se conservassem em armas e subiu em seguida ao tribunal, que tinha feito erguer de propósito no lugar dos exercícios públicos, porque era o mais próprio que qualquer outro para escondê-los. Os judeus continuaram, porém, a fazer-lhe o mesmo pedido; ele então deu o sinal aos soldados, que os envolveram imediatamente de todos os lados;

ameaçou mandar matá-los, se continuassem a insistir, e se não voltassem imediatamente cada qual para a sua casa. A estas palavras, eles **lançaram-se todos por terra e apresentaram-lhe a garganta descoberta, para mostrar que a observância de suas leis era-lhes muito mais cara que a própria vida.** Sua constância e zelo tão ardentes pela religião, causou tanta admiração a Pilatos que ele ordenou que se levassem os estandartes de Jerusalém para Cesareia.

771. Em seguida, quis tirar dinheiro do sagrado tesouro para fazer vir a Jerusalém, pelos aquedutos, a água cujas, nascentes estavam longe, uns duzentos estádios. **O povo ficou de tal modo revoltado,** que veio, em grupos numerosos, queixar-se, e rogar-lhe que não continuasse aquela empresa; alguns mesmo, como acontece ordinariamente no meio de uma população exaltada, disseram-lhe palavras injuriosas. **Ele ordenou então aos soldados que escondessem cacetes debaixo da túnica e rodeassem a multidão; quando ela recomeçou as injúrias, fez-lhes um sinal, para que executassem o que havia determinado.** Eles não somente obedeceram, mas fizeram mais do que ele queria, pois deram pancadas, quer nos sediciosos, quer nos indiferentes, e como os judeus não estavam armados, muitos morreram, muitos foram feridos e a sedição terminou. ⁽⁵⁷⁾

Um pouco mais à frente dessa narrativa, encontramos uma nova situação, citada por Josefo, com a qual bem pode caracterizar a forma de agir de Pilatos:

775. Os samaritanos não foram menos atormentados nem isentos de amarguras. Um impostor, que de nada se importava, para agradar ao povo e ganhar-lhe o afeto, ordenou-lhes que se reunissem no monte Gerizim, que nesse país é considerado um lugar santo, prometendo-lhes fazer ver os vasos sagrados que Moisés havia enterrado. Com tal promessa, tomaram as armas e, esperando os que deviam juntar-se a eles de todos os lados, para subir o monte, sitiaram a aldeia de Tirataba; mas **Pilatos os precedeu; avançou com sua cavalaria, ocupou o monte, atacou-os perto daquela aldeia, pô-los em fuga, prendeu vários, mandou cortar a cabeça aos chefes.** Os mais ilustres samaritanos foram procurar *Vitélio*, governador da Síria, que tinha sido cônsul, **acusaram Pilatos de ter cometido muitos assassínios, afirmaram que eles não tinham pensado em se rebelar contra os romanos** e disseram que se haviam reunido perto de Tirataba, somente para resistir às suas violências. Vitélio ante essas queixas, mandou *Marcelo*, seu amigo, para cuidar do governo da Judeia e ordenou a Pilatos que fosse justificar-se perante o imperador. Assim, sendo obrigado a

obedecer, ele encaminhou-se para Roma, depois de ter governado a Judeia por dez anos, mas Tibério morreu antes que ele lá tivesse chegado. (58) (itálico do original)

Nada de “político” tinha Pilatos, procurava, literalmente, cortar o mal pela raiz. Teria ele sido condescendente com Jesus, que, aclamado pelo povo, entrou em Jerusalém como sendo o rei dos judeus, posição que ele mesmo afirmara ter?

Assim, usando-nos da obra ***Como Jesus se tornou Deus***, podemos facilmente compreender que:

[...] quando **as autoridades prenderam Jesus** e o entregaram a Pôncio Pilatos, o registro constante é de que **a acusação apresentada contra ele no julgamento foi de ter se designando rei dos judeus**. Se Jesus nunca pregou em público que era o futuro rei, mas foi esta a acusação lançada contra ele no julgamento, como gente de fora ficou sabendo disso? A resposta mais simples é que foi isso que Judas denunciou. (59)

Essa hipótese para a traição de Judas, caso

ela tenha ocorrido de fato, é bem interessante por ser mais realista, disso não temos dúvida.

Jesus é levado ao governador Pôncio Pilatos (60), que o submete a um curtíssimo interrogatório.



Ante Pôncio Pilatos - James Seward - Século XX

Vejamos a narrativa do fato, que tomaremos de todos os evangelhos:

Mateus 27,11: *“Jesus, pois, ficou em pé diante do governador; e este lhe perguntou: **És tu o rei dos judeus?** Respondeu-lhe Jesus: **É como dizes.**”*

Marcos 15,2: *“Pilatos lhe perguntou: **És tu o***

rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: É como dizes.”

Lucas 23,2-3: “E começaram a acusá-lo, dizendo: Achamos este homem pervertendo a nossa nação, proibindo dar o tributo a César, e **dizendo ser ele mesmo Cristo, rei**. Pilatos, pois, perguntou-lhe: **És tu o rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: É como dizes.”**

João 18,33-37: “Pilatos, pois, tornou a entrar no pretório, chamou a Jesus e perguntou-lhe: **És tu o rei dos judeus? Respondeu Jesus: Dizes isso de ti mesmo, ou foram outros que te disseram de mim?** Replicou Pilatos: Porventura sou eu judeu? O teu povo e os principais sacerdotes entregaram-te a mim; que fizeste? **Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo;** se o meu reino fosse deste mundo, pelejariam os meus servos, para que eu não fosse entregue aos judeus; entretanto **o meu reino não é daqui**. Perguntou-lhe, pois, Pilatos: **Logo tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que eu sou rei. Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo,** a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz.”

Temos, claramente, nesses relatos, Jesus

confessando a Pilatos que ele era rei; a consequência fatal disso foi o seu açoitamento e a sua crucificação, que são penas impostas pela administração romana, diga-se de passagem.

Quem vai nos confirma isso são dois especialistas na história do cristianismo: Borg e Crossan, que, em **A Última Semana**, nos informam:

[...] No cristianismo do século I a cruz tinha um significado duplo. Por um lado representava a execução levada a cabo pelo império; **apenas o império crucificava, e somente por um crime: negar a autoridade imperial.** A cruz ainda não se tornara um símbolo generalizado de sofrimento, como costuma ser hoje, quando podemos falar de uma doença ou qualquer dificuldade como “carregar a cruz”. **Naquela época significava arriscar-se à pena decretada pelo império.** ⁽⁶¹⁾

Nessa obra, mais à frente, Borg e Crossan explicam que:

Os prisioneiros condenados à morte por crucificação normalmente precisavam carregar

a barra horizontal da cruz até o local da execução, onde o posto vertical ficava posicionado permanentemente. [...].⁽⁶²⁾

O que se pode constatar se tomamos da narrativa de João, temos: *“Tomaram eles, pois, a Jesus; e ele próprio, carregando a sua cruz, saiu para o lugar chamado Calvário, Gólgota em hebraico, onde o crucificaram [...].”* (João 19,17-18)

Porém, os autores dos Evangelhos Mateus e Marcos dizem que foi um cireneu, chamado Simão quem levou a cruz (Mateus 27,32; Marcos 15,21), entretanto, o autor de Lucas relata que Jesus levou a cruz até um certo ponto do percurso, e aí, sim, o cireneu foi constrangido a levar a cruz. (Lucas 23,26)

Borg e Crossan, continuam:

A crucificação era uma das práticas de terrorismo imperial romano. Em primeiro lugar, e acima de tudo, ainda que os romanos não a tenham inventado, reservaram para elas vítimas muito especiais. Em segundo, não era apenas uma punição capital, mas **um tipo muito definido de punição capital para pessoas**

como escravos fugitivos ou rebeldes insurgentes que subvertiam a lei e a ordem de Roma e, portanto, perturbavam a *Pax Romana* (a “paz romana”). Além disso, **como terrorismo imperial, era sempre o mais pública possível – era uma forma calculada de intimidação social, e como tal precisava ser realmente pública.** Suas vítimas eram penduradas como um alerta público. Por fim, junto com outras penalidades supremas, como ser queimado vivo ou comido vivo por animais, o que a tornava *suprema* não eram apenas os sofrimentos ou mesmo a humilhação dos envolvidos, mas o fato de que **talvez não restasse nada para ser enterrado ou de que o enterro não fosse permitido.**

Como modelo de terrorismo público, em geral os postes verticais das cruzes ficavam permanentemente no lugar, perto de uma das portas da cidade ou em um local alto e destacado. Em geral **a vítima carregava ou arrastava a barra horizontal junto com a placa do crime, a ser colocada em um dos postes no local da execução.** O único corpo crucificado jamais descoberto na pátria dos judeus foi uma vítima do século I cujos braços foram amarrados com cordas na barra horizontal e cujos tornozelos foram pregados com pregos de ferro dos dois lados do poste vertical. Ainda que esse tenha recebido um enterro de honra no túmulo da família, outras vítimas costumavam ser crucificadas tão perto do chão que não somente as aves de rapina mas também os cães podiam

alcançá-las, **E frequentemente eram deixadas na cruz depois da morte, até que restasse pouco de seus corpos até mesmo para um possível enterro.** ⁽⁶³⁾ (itálico do original)

Além, de reafirmarem sobre ser a crucificação uma pena do império romana, também confirmam a questão da placa (letreiro) com o motivo do crime que deveria ser afixada na cruz, mais à frente voltaremos a esse ponto, que é importante ao nosso estudo.

Novamente, recorreremos ao exegeta Ehrman, na obra ***Como Jesus se tornou Deus***, por trazer explicações mais conforme a realidade dos fatos ocorridos:

De acordo com nossos relatos, o julgamento de Jesus diante de Pilatos foi curto e direto. **Pilatos perguntou se era verdade que ele era o rei dos judeus. Quase com certeza foi essa a verdadeira acusação lançada contra Jesus.** Isso é atestado de múltiplas formas por numerosos testemunhos independentes tanto do julgamento em si quando da acusação escrita na placa pendurada com ele na cruz (por exemplo, Marcos 15:2,26). [...] **A acusação é especificamente que ele se nomeou “rei dos**

judeus”.

A evidência de que Jesus realmente pensava que fosse o rei dos judeus é o simples fato de ter sido morto por isso. Se Pilatos perguntou se ele estava mesmo se chamando assim, Jesus poderia simplesmente ter negado e indicado que não queria causar problema, e que não tinha expectativas, esperanças ou intenções de ser rei. E teria ficado por isso mesmo. A acusação era de que ele estava se chamando de rei dos judeus, e, ou ele admitiu cabalmente, ou se recusou a negar. Pilatos fez o que os governadores costumavam fazer em tais casos: mandou que ele fosse punido. Jesus foi acusado de insurreição, e rebeldes políticos eram crucificados. ⁽⁶⁴⁾

Não adianta protestar, pois contra fatos não há argumentos.

Mais uma fonte que corrobora a execução de Jesus como sendo de cunho político.

João 19,9-11: *“Pilatos entrou outra vez no palácio e perguntou a Jesus: ‘De onde és tu?’ Jesus ficou calado. Então Pilatos perguntou: ‘Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar?’ Jesus respondeu: ‘**Você não teria***

nenhuma autoridade sobre mim, se ela não lhe fosse dada por Deus. Por isso, aquele que me entregou a você, tem pecado maior.'"

Será que, de fato, Pilatos não se irritou com essa resposta nada simpática de Jesus? Sinceramente, não acreditamos nisso, diante do pouco que vimos de seu caráter.

Na sequência desse relato, aparece Pilatos dizendo não ter achado crime algum nesse homem, o que é relatado em todos os evangelhos. (65)

Sobre isso Ehrman, em ***Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?***, tece a seguinte consideração:

Finalmente, é significativo que, no **Evangelho de João, Pilatos em três oportunidades declare explicitamente que Jesus é inocente, que não merece ser punido e que deve ser libertado** (18:38; 19:6 e, por implicação, 19:12). **Em Marcos, Pilatos nunca declara que Jesus é inocente. Por que a maior ênfase em João?** Os estudiosos há muito tempo observaram que *João é de muitas formas o mais virulentamente antijudaico dos Evangelhos* (ver João 8:42-44, em que Jesus declara que os judeus não são

filhos de Deus, mas filhos “do Diabo”). Neste contexto, **por que narrar um julgamento de tal forma que o governador romano repetidamente insiste em que Jesus é inocente? Pergunte a si mesmo: se os romanos não são responsáveis pela morte de Jesus, quem é? Os judeus. E para João eles são.** Em 19:16 nos é dito que Pilatos entregou Jesus aos sumos sacerdotes judeus para que o crucificassem. ⁽⁶⁶⁾

Ora, a declaração de Pilatos de que Jesus é inocente é algo que não se encaixa muito bem com o que vimos dele e também não se coaduna com o fato de que o próprio Pilatos foi quem mandou escrever a respeito do motivo da condenação, registrado tanto nos Sinóticos ⁽⁶⁷⁾ e como também em João, como um pouco mais à frente se verá.

Em todos os Evangelhos, encontramos o relato em que Pilatos teria apresentado o salteador Barrabás à multidão, para que escolhessem entre ele e Jesus, qual dos dois soltaria. ⁽⁶⁸⁾

Crossan, em ***Quem matou Jesus? - as raízes do anti-semitismo na história evangélica da morte de Jesus***, no cap. 3 -

Julgamento, tópico “*Não Jesus, mas Barrabás*”, comenta a versão de Marcos (15,6-15) para esse episódio, colocando o seguinte argumento:

Julgo esta narrativa absolutamente não-histórica, uma criação com todas as características do próprio Marcos, por duas razões. Uma é que **o seu retrato de Pilatos, humildemente aquiescente em relação a uma multidão aos gritos é exatamente o oposto do que sabemos sobre ele a partir de Josefo. O brutal controle de multidões era a sua especialidade.** Outra é aquela anistia *aberta*, a libertação de qualquer prisioneiro solicitado na época do Pessah. Tal costume é contrário a qualquer sabedoria administrativa. [...]. ⁽⁶⁹⁾ (itálico do original)

Se porventura for um fato, então não podemos descartar que o motivo da escolha de Barrabás tenha a ver com que R. N. Champlin, em ***O Novo Testamento interpretado versículo por versículo***, diz:

“[...] o principal elemento que serviu para – arruinar a popularidade de Jesus diante do povo, foi o fato que **ele não se quis aliar à revolta ativa contra Roma, papel esse que realmente**

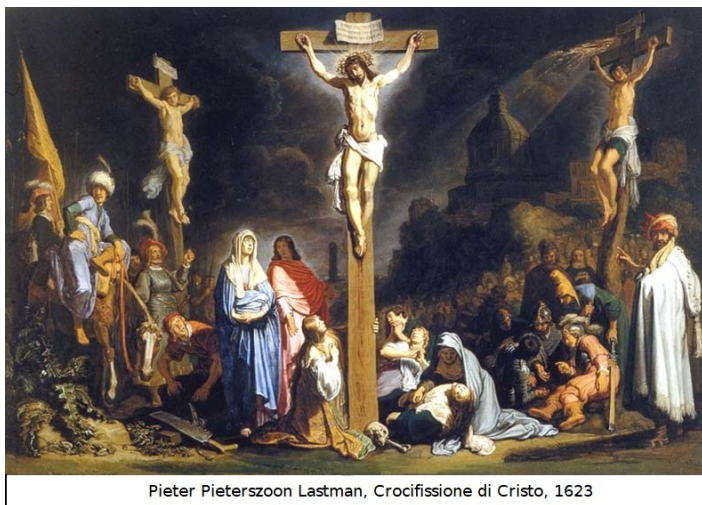
todos esperavam da parte do ‘Messias’ que concebiam. ⁽⁷⁰⁾

Então, após o povo ter escolhido Barrabás, Pilatos manda açoitá-lo e o entrega a seus soldados para ser crucificado. ⁽⁷¹⁾

Mateus 27,27-30: *“Logo a seguir, os soldados do governador, levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a coorte. Despindo-o das vestes, cobriram-no com **um manto escarlate**; tecendo **uma coroa de espinhos**, puseram-lha na cabeça, e, **na mão direita um caniço**, e, **ajoelhando-se diante dele**, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos judeus! E, cuspiendo nele, tomaram o caniço e davam-lhe com ele na cabeça. Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto e o vestiram com as suas vestes. Em seguida, o levaram para ser crucificado.”* (ver também Marcos 15,16-20 e João 19,2-3)

Todas estes detalhes *“um manto escarlate”*, *“uma coroa de espinhos”*, *“na mão direita um caniço”* e *“ajoelhando-se diante dele”* são usados para se fazer uma caricatura de Jesus como rei, o que, novamente, confirma o motivo de sua morte.

Esta imagem, seguramente, representa muito bem a crucificação romana (72), em que o condenado tinha um letreiro com o motivo de sua condenação:



Outra fonte sobre o letreiro, nós vamos encontrar na obra *Jesus Nazareno*, de autoria de Huberto Rohden (1893-1981), que disse: “*Segundo o costume da época, achava-se pregado sobre a cabeça de cada condenado um letreiro que indicava por que fora crucificado. [...]*” (73)

Utilizaremos a narrativa de João quanto ao

que se diz da inscrição no letreiro:

João 19,19: **“Pilatos mandou também escrever um letreiro e colocou-o na cruz. Estava escrito: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS.”** (maiúscula do original)

Essa atitude de Pilatos não agradou aos sacerdotes, que, imediatamente, reclamaram “ao rei”:

João 19,21 *“Então os chefes dos sacerdotes dos judeus disseram a Pilatos: ‘**Não deixe escrito: ‘O rei dos judeus’, mas coloque: ‘Este homem disse: Eu sou rei dos judeus.’**”*

Portanto, pelo depoimento dos chefes dos sacerdotes, também se comprova que Jesus dizia ser o rei dos judeus. Aliás, um pouquinho antes os sacerdotes já demonstravam não gostar nada dessa ideia de Jesus ser rei:

João 19,13-15: *“Pilatos, [...] trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, [...] **E disse aos judeus: Eis o vosso rei.** Mas eles clamaram: Tira-o! tira-o! crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: **Hei de crucificar o vosso rei?**”*

***responderam, os principais sacerdotes:
Não temos rei, senão César.”***

Não entendemos as razões pelas quais Jesus teria dito “*Meu reino não é deste mundo*”, conforme a transcrição que estamos comentando, ou seja, João 18,33-37, como que levando para o além o seu reinado, porquanto, esse é o único local, nos quatro Evangelhos, onde aparece Jesus fazendo tal referência.

Pode ser que estejamos enganados, mas nos pareceu tratar-se de uma estratégia para atenuar o fato de que o rei deles havia morrido crucificado, pois, certamente, para os judeus era constrangedor admitir que o messias, o libertador que tanto esperavam, não tinha missão de libertá-los de jugos terrenos, mas trazer-lhes o reino invisível no céu.

Antes de dar o seu último suspiro, Jesus teria dito “*Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?*” (74) Parece estranha essa fala, porém as considerações que Ehrman nos traz, em ***Quem foi Jesus? Quem Jesus não foi?***, favorece

torná-la com algum sentido:

É uma cena forte e comovente, cheia de emoção e *páthos*. Jesus fica calado o tempo todo, como em choque, até gritar no fim, ecoando o Salmo 22. **Eu considero legítima sua pergunta a Deus. Ele realmente quer saber porque Deus o abandonou daquele jeito.** Uma interpretação popular da passagem é que, como Jesus cita o Salmo 22, na verdade está pensando no fim do Salmo, quando Deus interfere e salva o salmista sofredor. Acho que isso é ir longe demais, e tira toda a força do “grito de abandono”. **A questão é que Jesus foi rejeitado por todos: traído por um dos seus, negado três vezes por seu seguidor mais próximo, abandonado por todos os discípulos, rejeitado pelos líderes judaicos, condenado pelas autoridades romanas, escarnecido pelos sacerdotes, pelos passantes e até mesmo pelos dois outros crucificados ao seu lado. No fim, ele se sente esquecido até mesmo pelo próprio Deus.** Jesus está mergulhado em desespero e em uma angústia dilacerante, e é assim que ele morre. [...]. (75)

Acrescentamos, por nossa vez, que para se ver algum sentido nessa fala, basta fazer uma correlação com a resposta de Jesus a Pilatos,

quando este lhe perguntou: “Logo tu és rei?” Ao que Jesus respondeu “Tu dizes que eu sou rei. **Eu para isso nasci, e para isso vim ao mundo [...].**” (76)

Assim, Jesus ao ver sua vida se apagando, questiona a Deus, perguntando-Lhe por que o teria desamparado.

Está relatado que, após a prisão de Jesus, todos os discípulos fugiram (77), causa-nos estranheza o fato de mesmo tendo se afirmado isso, dizerem que Pedro, de longe, teria acompanhado os que levavam manietado Jesus para a prisão (78).

Ora, como explicar essa movimentação de Pedro se até depois que Jesus retorna na condição de ressuscitado, todos eles ainda estavam “morrendo de medo” das autoridades: “*Era o primeiro dia da semana. Ao anoitecer desse dia, **estando fechadas as portas do lugar onde se achavam os discípulos por medo das autoridades dos judeus**, Jesus entrou. Ficou no meio deles e disse: ‘A paz esteja com vocês.’*” (João

20,19) Se estavam com medo das autoridades dos judeus, imagine daquela que representava Roma?

No Evangelho Segundo Lucas encontramos esta curiosa narrativa, na qual vimos algo bem interessante:

Lucas 24,13-21: *“Naquele mesmo dia, **dois deles** iam em direção a uma aldeia chamada Emaús, distante cerca de duas léguas de Jerusalém. Iam comentando tudo o que aconteceu. Enquanto conversavam e discutiam, Jesus em pessoa os alcançou e se pôs a caminho com eles. Eles porém tinham os olhos incapacitados para reconhecê-lo. Perguntou-lhes: - Sobre o que conversais pelo caminho? Eles pararam com semblante aflito, e um deles, chamado Cléofas, lhe disse: - És o único forasteiro em Jerusalém que desconhece o que aconteceu aí nesses dias? Perguntou: - O quê? Responderam-lhe: - A respeito de Jesus de Nazaré, que era um profeta poderoso em obras e palavras diante de Deus e diante de todo o povo. **Os sumos sacerdotes e nossos chefes o entregaram para que o condenassem à morte, e o crucificaram. E nós, que esperávamos fosse ele o libertador de Israel!** Além disso, hoje é o terceiro dia*

depois que isso aconteceu.”

Aqui se evidencia como Jesus era visto pelos seus discípulos, ou seja, pensavam que ele fosse o libertador de Israel, o que vai ao encontro do que estamos falando.

A expressão “nossos chefes” pode designar tanto os chefes da sinagoga (chefes dos sacerdotes) quanto os chefes dos fariseus; se estes e os sumos sacerdotes entregaram Jesus para que o condenassem à morte, deveriam ter apresentado uma causa com a qual o governador romano pudesse condená-lo e, certamente, nesse contexto, um motivo religioso não valeria de nada, portanto, o mais lógico é que a acusação foi dele ter se declarado o rei dos judeus.

Temos em Atos dos Apóstolos, duas narrativas, que também corroboram essa visão de Jesus libertador. Uma delas, vamos encontrar num momento em que Pedro, referindo-se a Jesus, disse o povo:

Atos 3,22: “Disse, na verdade, Moisés: O

*Senhor Deus vos **suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim**; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser. Acontecerá que toda alma que não ouvir a **esse profeta** será exterminada do meio do povo.”*

A outra, se vê na referência a Moisés feita por Estevão em meio a sua longa resposta ao sumo sacerdote:

*Atos 7,37: “Foi Moisés quem disse aos filhos de Israel: Deus vos suscitará dentre vossos irmãos **um profeta semelhante a mim.**”*

Não há como negar que Pedro e Estevão falam a mesma coisa, e a passagem a que se referem está em Deuteronômio 18,15-18. Essa relação de Jesus com Moisés é sintomática, porquanto este foi o libertador do povo hebreu quando na escravidão, no Egito, razão pela qual esperavam que Jesus, “*um profeta semelhante a Moisés*”, fizesse a mesma coisa, ou seja, os libertasse do jugo romano.

Visando corroborar que a morte de Jesus foi por motivo político, traremos, por oportuno, o

depoimento de alguns exegetas.

Inicialmente, tomaremos como base o pastor McLaren, que foi *“recentemente apontado pelo Times como um dos 25 cristãos evangélicos mais influentes nos EUA”* (79), que, em ***A mensagem secreta de Jesus***, disse:

[...] Como vimos, **a cruz era o equipamento de execução romana e era reservada especialmente para líderes de rebeliões.** Qualquer um que proclamasse um reino rival ao reino de César seria forte candidato à crucificação. **Isso é exatamente o que Jesus proclamou, e é exatamente disso que ele padeceu** – em meio a outros dois que haviam feito o mesmo. (Os dois homens que são habitualmente chamados de ladrões e que foram crucificados com Jesus estavam mais para líderes ou agentes de rebeliões políticas fracassadas). [...]. (80)

Confirma, portanto, a hipótese política como sendo a causa mais provável da morte de Jesus.

Paul Johnson, escritor, jornalista e historiador britânico, católico conservador, é outro estudioso que confirma a execução de Jesus como causa

política, vejamos em sua obra ***História do Cristianismo***:

No momento de seu julgamento e paixão, Jesus tinha conseguido unir uma coalizão improvável – na verdade, sem precedentes – contra si: as autoridades romanas, os saduceus, os fariseus, até Herodes Antipas. E, ao destruí-lo, essa combinação antinatural parece ter agido com grande grau de aprovação popular. Que conclusões podemos tirar daí? **A verdadeira execução foi consumada por romanos, sob a lei romana.** A crucificação era a mais degradante forma de pena capital, reservada aos rebeldes, escravos amotinados e outros inqualificáveis inimigos da sociedade; era também a mais prolongada e dolorosa, embora Jesus tenha escapado de seus horrores em sua totalidade graças a uma morte incomumente rápida. **Pilatos, o procurador da Judeia, é apresentado nos evangelhos canônicos como um executor relutante, dando início a uma imaginativa tradição cristã primitiva que, mais tarde, iria transformá-lo em crente e até santo.** Essa ênfase caridosa, pode-se argumentar, foi introduzida após a ruptura final entre a antiga comunidade cristã e o sistema judaico estabelecido, a fim de impor aos judeus toda a responsabilidade moral pela morte de Jesus. **Seguindo essa linha de raciocínio, estudiosos judeus e outros instaram que o julgamento perante o Sinédrio jamais ocorreu; as**

passagens que a ele se referem não são compatíveis com o que se sabe, com base em outras fontes, sobre os procedimentos e competência desse tribunal; que Jesus nada fizera que quebrasse a lei judaica, muito menos invocasse a pena capital; e que o episódio é uma ficção – Jesus simplesmente tinha se tornado inimigo dos romanos, que o consideravam um agitador. (81)

Está aí, portanto, mais um que advoga a causa política para a crucificação de Jesus.

O escritor e jornalista Juan Arias, em **Jesus, Esse Grande Desconhecido**, faz várias observações a respeito da morte de Jesus, entre elas:

[...] do Jesus real mal sabemos que nasceu numa aldeia chamada Nazaré e que **foi crucificado** no reinado de Tibério, sobretudo **por ser um rebelde**. [...]. (82)

[...] se Jesus tivesse sido condenado à morte pelos judeus – afirma Winter e tantos outros especialistas –, não teria sido **condenado à pena pela crucificação, que era o suplício que os romanos daquele tempo reservam aos rebeldes políticos**, mas a um dos métodos de execução adotados pelas autoridades romanas.

(83)

Segundo o evangelho de Marcos, Jesus foi condenado pelo Sinédrio, o superior tribunal judeu, pelo delito de blasfêmia. O Sinédrio teria decretado que Jesus deveria morrer. Pois bem, mesmo no caso, incerto, de que o Sinédrio tivesse então o poder de condenar à morte, é sabido que o delito de blasfêmia **era castigado com a pena de apedrejamento e nunca de crucificação, reservada, como já foi dito, aos casos de rebeldia política e normalmente aplicada pelos romanos**. Mas se o Sinédrio condenou Jesus por blasfêmia, considerando-o digno da pena de morte, e tinha poder para condená-lo, por que o enviou a Pilatos, a autoridade romana que não julgava os casos de rebeldia religiosa? Tampouco se entende por quê, então, Jesus foi condenado à morte por Pilatos, se já havia sido condenado pelo Sinédrio. ⁽⁸⁴⁾

Na cruz de Jesus escreveram “Rei dos judeus”. Isto é, que **fora condenado àquela morte tão cruel e humilhante por ter afirmado que queria ser o Rei dos judeus, ameaçando assim o poder de Roma** sobre a Judeia. Como afirmou Piñero, **“a morte de Jesus nas mãos dos romanos é um fato histórico, testemunhado até pelo historiador romano Tácito. Mas é bem provável que os motivos de sua morte não fossem de caráter religioso, e sim político. Jesus morreu condenado pelos romanos como um perigoso revolucionário político”**.

Acontece que, como assinala o biblicista espanhol, **para o governante de uma nação militarmente ocupada como a Palestina, era impensável não reprimir um movimento messiânico** (basta lembrar a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, aclamado pela multidão) **que poderia causar um levante contra Roma**, como acontecera em outras ocasiões. A pregação de Jesus sobre um novo Reino para os judeus podia ser explosiva. ⁽⁸⁵⁾

Mais uma fonte que corrobora a execução de Jesus como sendo de cunho político.

Na obra ***O Novo Testamento interpretado versículo por versículo***, Champlin explica o seguinte:

Pouco depois da morte e da ressurreição de Jesus os judeus começaram a intensificar sua luta contra o domínio romano; os – nacionalistas radicais – iam sendo guindados ao poder. Talvez a própria crucificação de Jesus tenha desempenhado influência nesse particular, pois o povo nutria a esperança de que ele seria a resposta que viria libertá-los dos odiados dominadores romanos. Porém, ***Jesus morreu como inimigo do estado, e os próprios judeus forçaram essa execução***. Os judeus queriam esmagar seus senhores romanos, mas, como

não puderam fazê-lo, em frustração, esmagaram a Jesus, porquanto isso puderam fazer. Muitos foram atraídos para a causa nacionalista, e – a nação inteira – se lembrava de como os Macabeus haviam expulso os dominadores estrangeiros, crendo que essa família representava a causa de Deus. Todavia, Deus abandonara o seu próprio templo, quando o Messias foi expulso dali. **Por isso mesmo, quando os romanos compreenderam que só a força armada poderia restaurar a ordem na Palestina, em cerca de 66 D.C., teve início o conflito armado.** Após um longo assédio, a cidade de Jerusalém foi capturada e completamente destruída, e o sangue corria pelas ruas ao ponto dos cavalos não se poderem firmar de pé.

Os sacerdotes e muitos outros haviam fugido para o templo, imaginando que certamente Deus pouparia o templo; mas isso não aconteceu porquanto Deus não estava presente; assim, **o templo foi destruído e muitos dos que ali se abrigavam foram crucificados, durante muitos dias consecutivos**, à vista mesma daqueles que continuavam lutando; e que espetáculos horrendos devem ter eles contemplado naqueles dias. **Tantos foram crucificados que a madeira se tornou escassa.** Tito, general romano que depois se tornou imperador (era filho do imperador *Vespasiano*), queria poupar o templo e baixava ordens para que o mesmo não fosse destruído; mas eis que as profecias teriam de cumprir-se, e as ordens de Tito foram ignoradas

pelas enraivecidas tropas romanas. Tito era geralmente reputado como homem generoso e cheio de bondade para com o seu povo (ele foi chamado de *delicæ humani generis*) pelo que se acredita que as condições escaparam momentaneamente ao seu controle. Três torres apenas ficaram de pé, e uma delas ainda permanece, chamada *Fasael*, tendo sido incorporada à “torre de Davi”. ⁽⁸⁶⁾ (itálico do original)

Aqui, em Champlin, encontramos dois pontos que se destacam: 1º) que a condenação romana para rebeldes era, de fato, a crucificação, e 2º) que Jesus tendo sido crucificado, sua morte foi, portanto, por questão política.

Em “A magia de Jesus” a prof. Gabriele Cornelli, filósofa e historiadora da religião, apresenta-nos uma informação interessante a respeito do Talmude Babilônico. Vejamos este trecho dele que ela cita em ***Jesus de Nazaré: Uma Outra História:***

*Na vigília de Páscoa foi aprisionado Jeshû, o nazareno. Um arauto, durante quase quarenta dias, foi apregoadado a seu respeito: ele está para ser apedrejado porque **praticou a magia** e*

tentou provocar a rebelião e desviar Israel. ⁽⁸⁷⁾
(⁸⁸) (itálico e negrito do original)

Julgamos que o “*tentou provocar a rebelião*” deve ser entendido contra os dominadores. Em relação a praticar a magia e desviar Israel, são temas puramente teológicos, afetos aos líderes religiosos daquela época.

Ocorreu-nos uma ideia, para um possível terceiro ponto, pode até ser meio ou toda maluca, mas esse conflito, entre romanos e judeus, intensificado (olha o termo usado por Champlin) não teve justamente como origem a morte do líder político dos judeus, Jesus, o Messias enviado por Deus?

Em ***Como Jesus se tornou Deus***, Bart D. Ehrman esclarece-nos que:

Por fim **Jesus irritou as autoridades governantes durante uma viagem que fez a Jerusalém, e foi preso e julgado.** Foi levado ao governador da Judeia, Pôncio Pilatos, e, após um rápido julgamento, **foi condenado por insurreição política: ele afirmava ser o rei judeu** quando apenas os suseranos romanos

que comandavam a Palestina e o resto do Mediterrâneo podiam nomear um rei. **Como agitador político, foi condenado a uma morte particularmente ignominiosa, por crucificação.** E, no que dizia respeito aos romanos, a história de Jesus acabava por aí. ⁽⁸⁹⁾

Somente por puro fanatismo dogmático é que não se vê essa realidade que causou a morte de Jesus, mencionada por Ehrman no texto acima e nos anteriores que apresentamos em nossos argumentos.

Mateus 27,57-58: *“Ao entardecer, chegou **um homem rico de Arimateia, chamado José,** que também se tornara discípulo de Jesus. Ele foi procurar Pilatos, e pediu o corpo de Jesus. Então Pilatos deu ordem para que o cadáver fosse entregue a José.”*

Os outros três Evangelhos também citam José de Arimateia, membro do Sinédrio, indo a Pilatos a fim de solicitar-lhe o corpo de Jesus.

Como vimos, na crucificação as vítimas “[...] frequentemente eram deixadas na cruz depois da morte, até que restasse pouco de seus corpos até

mesmo para um possível enterro.” ⁽⁹⁰⁾, assim, o pedido de José de Arimateia a Pilatos só confirma que a sua condenação foi decretada com base na lei romana.

2º) Para cumprimento de profecias?

De todas as maneiras os teólogos, com seus argumentos, tentam nos fazer crer que Jesus teria morrido na cruz em cumprimento de profecias.

Vamos iniciar esse tópico trazendo da obra ***Jesus existiu ou não?*** uma fala de Ehrman, que é algo tipo “tiro certo”:

[...] Qualquer um deveria ser capaz de enxergar se um ponto de vista é plausível ou absurdo, se uma alegação histórica tem mérito ou se é **pura fantasia a serviço do desejo ideológico ou teológico de se confirmar determinado conjunto de ideias.** ⁽⁹¹⁾

O pior é que poucos são capazes disso, por se submeterem ao que lhes impõem seus líderes, muitas vezes sob pena de excomunhão.

Para se ter uma ideia exata do que os

teólogos passam aos crentes, vejamos no **Dicionário Barsa** a definição do termo Messias:

Messias. Palavra hebraica que significa *ungido*. No Antigo Testamento, os sumos sacerdotes, os reis e outros que tivessem cargos importantes como profetas eram ungidos. **Quando porém os israelitas falavam em “O Messias” i.e. “o ungido” se referiam àquele que fora prometido a Adão e Abraão como Salvador e bênção para todas as nações (Gen 3,15; 12,3; 22,18). Em todo o Antigo Testamento vão sendo dadas profecias para sustentar a esperança e o desejo de sua vinda.** Haveria de ter um precursor (Mal 3,1), seu nascimento virginal foi predito (Is 7,14; Jer 31,22); como também o tempo de sua vinda (Dan 9,24); e mesmo o lugar de seu nascimento (Miq 5,2); e o reino que fundaria (Jer 23,5); haveria de entrar no Templo reconstruído (Ag 2,8; Mal 3,1); haveria de morar entre os homens e de sofrer cruel paixão e morte para remir a humanidade (Is 42,1-4; 53,1-12); e haveria de ressuscitar dos mortos como prova de sua divindade (Sot 3,8).

Quando apareceu foram de fato se realizando nele todas as profecias que lhe diziam respeito. Foi chamado Jesus, i.e., Salvador que vem a ser mesmo que o Emanuel (Deus conosco) de Is 7,14, e denominado também Cristo que é o equivalente em grego de messias em hebraico (Mt 1,21.25; 26,68; Jo 1,41; 4,25) e o Cordeiro

de Deus (Jo 1,29, -56). ⁽⁹²⁾

Portanto, a ideia que passam é que tudo quanto aconteceu na vida de Jesus, incluindo sua prisão, açoitamento e morte, era para cumprir supostas profecias de profetas do passado.

Sentimos muito em informar que no Antigo Testamento não há uma só profecia a respeito de Jesus, mas é tema que não desenvolveremos aqui, pois já o fizemos no ebook ***Os profetas previram episódios da vida de Jesus?***, e quem se interessar pode baixá-lo do meu site. ⁽⁹³⁾



E dentro desse contexto, advogam que a morte de Jesus teria a ver como um complô armado pelos sacerdotes.

A questão é bem outra, fato que, infelizmente, muitos não se dão conta. Em ***Quem escreveu a Bíblia?***, Ehrman vai nos explicar muito bem:

A verdade, claro, é que, ao longo da história, os judeus não foram mais analfabetos, cegos ou idiotas que os cristãos. **A típica resposta dos judeus às alegações cristãs de que Jesus cumpriu profecias é que as passagens das Escrituras que os cristãos citam não falam de um futuro messias ou não fazem nenhuma previsão.** E, é preciso admitir, apenas acompanhando esse debate de fora, parece que os leitores judeus têm alguma razão. **Nas passagens que supostamente preveem a morte e a ressurreição de Jesus, por exemplo, o termo “messias” de fato nunca aparece.** Muitos cristãos ficam surpresos com essa alegação, mas basta ler Isaías 53 e comprovar. (94)

E aí, as citadas passagens como sendo profecias caem por terra, o que nós mesmos já descobrimos quando as analisamos uma a uma.

Algumas passagens bíblicas relativas a última semana de Jesus, têm exatamente essa linha de raciocínio, ou seja, invenção teológica, conforme veremos.

Encontramos até mesmo traduções que trazem o sentido de que foi Pilatos quem disse que Jesus era o rei dos judeus. Os passos Mateus 27,11;

Marcos 15,2 e Lucas 23,2-3, transcritos no tópico anterior, nessa versão não tem Jesus respondendo a Pilatos “*É como dizes*”, mas “**Tu o dizes.**”, ou seja, não foi Jesus quem afirmou ser rei dos Judeus, mas o governador que teria dito.

Apresentamos estas duas traduções como exemplo: a) na Bíblia Sagrada - **Ave-Maria**, encontramos este trecho com o seguinte teor: “*És o rei dos Judeus?*” *‘Sim’, respondeu-lhe Jesus.*”, provando, portanto que Jesus confirma ser o rei dos judeus. b) na Bíblia Sagrada - **NTNLH**: “*Você é o rei dos Judeus? Jesus respondeu: - Quem está dizendo isso é o senhor.*”, teor que transfere a afirmação para Pilatos, que Jesus não disse e nem confirmou ser o rei dos judeus.

No tópico anterior, dissemos que iríamos trazer as condições de Crossan, a respeito de João 11,47-52, no qual, agora incluiremos o versículo 53, onde lemos: “*A partir desse dia, as autoridades dos judeus decidiram matar Jesus.*” Isso é necessário para que possamos entender isto que ele fala, recorramos, portanto, à sua obra: **Quem matou**

Jesus? - as raízes do anti-semitismo na história evangélica da morte de Jesus:

Isto é teologia, não história. O crime pelo qual **as autoridades queriam que Jesus fosse executado tinha que fazer sentido não apenas para eles mesmos, mas também para Pilatos.** Pode, é claro, ser expresso de uma forma diferente para cada um, mas o que está acima é uma interpretação joanina, não uma acusação histórica. ⁽⁹⁵⁾

Crossan é taxativo “Isto é teologia, não história”.

Em outro trecho de ***Quem matou Jesus?***, Crossan traz algo interessante, senão vejamos:

[...] Quando *tanto* a antiga profecia bíblica como a recente profecia de Jesus enfocam um evento, em geral estamos lidando com história em busca de profecia (indo para trás), e não como profecia criando história (indo para a frente).

Considere, por exemplo, as profecias de Jesus referentes à sua própria Paixão e Ressurreição iminentes. Eis aqui como Marcos as cita, em climática triplicação:

(1) Ele começou a ensinar-lhes que o Filho do

Homem seria submetido a grande sofrimento, e seria rejeitado pelos anciãos e príncipes dos sacerdotes, e pelos escribas, e que seria morto, mas que depois de três dias ressuscitaria. (8,31)

(2) Ele ensinava a seus discípulos, dizendo: “O Filho do Homem será entregue nas mãos dos homens, e mata-lo-ão, e, morto ele, ressuscitará ao terceiro dia” (9,31)

(3) Ele reuniu novamente os doze em torno de si e começou a contar-lhes que aconteceriam, dizendo: “Vede, estamos subindo a Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos príncipes dos sacerdotes, e aos escribas, e o condenarão à morte; então o entregarão aos gentios; estes o escarnecerão, cuspirão nele, o açoitarão e o matarão; e, depois do terceiro dia, ele ressuscitará” (10,32-34)

Não havia motivo, após a execução de João, para que Jesus não pudesse ter imaginado algum destino similar para si mesmo, mas **essas precisas profecias foram criadas e colocadas nos lábios de Jesus pelo próprio Marcos**. Elas são encontradas apenas em Marcos, e foram copiadas de Marcos por Mateus e Lucas. Aparecem como um conjunto de três, e a triplicação é uma característica do estilo de Marcos. Elas estão climaticamente ordenadas do discurso indireto para o direto, e da afirmativa genérica para o detalhe bastante específico. Elas enfatizam a Paixão sobre a Ressurreição. E são seguidas, em cada caso, de uma triste falha na compreensão de Pedro ou de Tiago, e de João ou dos discípulos em geral. Em outras palavras, todas estas profecias têm, impressas em si, as

características literárias de Marcos.

Quero dizer que, para algo tão terrível como a Crucificação, não bastava selecionar antigas profecias bíblicas anunciando que aquilo aconteceria no futuro. Era necessário seu conhecimento e sua aceitação daquele destino. Uma situação muito similar ocorre com outro evento muito significativo, a reação dos discípulos quando Jesus é preso. Ela é vaticinada tanto na antiga profecia escritural quanto na profecia de Jesus. **Isto não significa, para mim, que as Escrituras estavam falando dos discípulos de Jesus, ou que Jesus alguma vez profetizou as ações de seus apóstolos.** Mas me diz que o evento ocorreu historicamente, e que foi tão traumático que foi necessária uma dupla profecia, antiga e nova, para explicá-lo. ⁽⁹⁶⁾ (itálico do original)

Crossan levanta a questão da existência de “profecia historicizada”, isto é, de um evento histórico criado para cumprir uma antiga profecia, mas como no caso acima ele afirma que o evento ocorreu historicamente e que “essas profecias foram criadas e colocadas na boca de Jesus”, então se conclui que, das ocorrências foram inventadas profecias sobre elas, é o que, no início, ele chama de “história em busca de profecia (indo para trás)”.

Essas questões levantadas por Crossan, nos impulsionam a questionarmos, sem constrangimento algum e nem cheio de medo de irmos para o “quinto dos infernos”, a veracidade do relato em que Pilatos lava as mãos, dizendo *“Eu não sou responsável pelo sangue desse homem. É um problema de vocês.”* (Mateus 27,24), episódio que só consta em Mateus, ressaltamos. Mas o curioso é que, na *Bíblia Shedd*, se faz referência a Deuteronômio 21,6-9. Não resistimos à curiosidade, fomos ver o que está escrito lá:

*“Os anciãos da cidade mais próxima do lugar do crime **lavarão as mãos** sobre a novilha desnucada, **fazendo a seguinte declaração:** 'Nossas mãos não derramaram este sangue e nossos olhos não viram nada. Perdoa o teu povo Israel, que resgataste, **ó Javé. Não permitas que o sangue inocente recaia sobre Israel**, teu povo, e este sangue lhe será perdoado'. Desse modo, você eliminará do seu meio o derramamento de sangue inocente e fará o que Javé aprova.”*

Nesse trecho bíblico, temos as instruções, contidas na *Torá* de como o povo judeu devia

proceder no ritual de expiação por morte, cujo autor é desconhecido.

Ritual que, como se vê, inicia lavando-se as mãos, sobre o qual encontramos esta explicação “fantástica”: *“lavou as mãos perante o povo.* Conforme explicação constante de **A Bíblia Anotada**, esse ritual trata-se de...

Um costume judaico que, quando usado legitimamente (não foi o caso de Pilatos), era símbolo de absolvição de um homem inocente de qualquer implicação com uma morte injusta. ⁽⁹⁷⁾

Bom, então quer dizer que Pilatos, ao lavar as mãos, pratica um ritual dos judeus? É exatamente o que se comprova com a alegação de que teria usado o ritual “ilegitimamente”, ou seja, um cidadão romano praticando ritual judeu. Meu Deus, como não enxergam o quanto isso é ridículo.

Até mesmo o pedido de Jesus para que os soldados deixassem os outros ir embora, argumenta-se que *“Era para **se cumprir a Escritura** que diz: ‘Não perdi nenhum daqueles*

que me deste.” (João 18,9).

Ora, o passo aqui referenciado, conforme consta na Bíblia Sagrada – Ave-Maria é o João 17,12, que trata de uma oração de Jesus a favor dos discípulos, portanto, nada tem a ver com “cumprir a Escritura”, pois não é uma profecia.

Não ficou de fora do “cumprir a Escritura” a traição de Judas (Mateus 26,19-25; Marcos 13,18-21, Lucas 22,21-23 e João 13,18.26-30) A passagem mencionada é o Salmo 41,10, que tem o seguinte teor: *“Até o meu amigo, em quem eu confiava e que comia do meu pão, e o primeiro a me trair.”*

Certamente, que, neste Salmo, a lamúria de Davi é por conta do que lhe aconteceu; um amigo, o seu próprio conselheiro, o trai, conforme se comprova com a narrativa de 2 Samuel 15,12.31: *“Enquanto fazia os sacrifícios, Absalão mandou buscar, na cidade de Gilo, o gilonita, Aquitofel, que era conselheiro de Davi. A conspiração se fortalecia e o partido de Absalão aumentava. E disseram a Davi: ‘Aquitofel se uniu a conspiração de Absalão’. Davi, então, rezou: ‘Jave, faze com que o plano de*

Aquitofel fracasse'."

Em **Quem matou Jesus?**, detalha John Dominic Crossan:

[...] Nas antigas narrativas, Absalão começara uma rebelião e proclamara a si mesmo rei no lugar de seu pai, Davi. **O que aconteceu a Davi no Velho Testamento cristão torna-se um modelo para o que aconteceu a Jesus no Novo Testamento. Há seis paralelos principais** mas, às vezes, uma vez estabelecido o alinhamento básico, é difícil dizer até onde se deve forçá-lo.

Primeiro, há um traidor em cada caso, e isto pode perfeitamente ser o ele criador do paralelismo. Aquitofel está para Davi, assim como Judas está para Jesus:

Enquanto Absalão estava oferecendo os sacrifícios, ele mandou vir Aquitofel, o gilonita, do conselho de Davi, de sua cidade de Gilo...

Então fizeram saber a Davi, dizendo que também Aquitofel estava entre os que se haviam conjurado com Absalão. E disse Davi: "Ó Senhor, eu te peço, transtorna o conselho de Aquitofel." (II Samuel 15,12,31)

E Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os principais dos sacerdotes para lho entregar. (Marcos 14,10)

Os detalhes são, é claro, completamente diferentes, mas, em cada caso, um confidente

próximo torna-se traidor.

Segundo, quando Davi ouve que Absalão está vindo com um exército para combatê-lo, foge em direção do leste, cruzando o vale do Cedron (ou Uádi Cedron, um bueiro que se transformou num ribeiro na estação das chuvas) até o Monte das Oliveiras:

Toda a terra chorava alto enquanto todo o povo passava; o rei cruzou o Uádi Cedron, e todo o povo passou na direção do deserto...

Mas Davi subia o Monte das Oliveiras. (II Samuel 15,23,30a)

E, tendo cantado o hino, saíram para o Monte das Oliveiras...

Foram a um lugar chamado Getsêmani [=extração do óleo de oliva]. (Marcos 14,16.32)

Terceiro, tanto Davi como Jesus aparece como suplicantes diante de Deus no Monte das Oliveiras, cada um aflito pelo que lhe está acontecendo.

[Davi] chorava enquanto subia, com a cabeça coberta e caminhando com os pés descalços; e todo o povo que ia com ele cobria a cabeça e subia chorando sem cessar. (II Samuel 15,30b)

[Jesus] começou a angustiar-se e a agitar-se. E disse: “Estou profundamente triste, até a morte...” E, tendo ido um pouco mais adiante, atirou-se ao chão e orou. (Marcos 14,33-35a)

A postura de Davi e a dos que estão com ele é de oração e súplica. O mesmo se dá com Jesus, mas aqueles que estão com Jesus terminam dormindo, em vez de rezar.

Quarto, há um paralelo *possível* entre a insistência de Pedro de que está pronto para morrer com Jesus e a afirmação feita a Davi pelo fiel Etai, o gateu:

Etai respondeu ao rei: “Vive o Senhor, e vive o rei meu senhor, que no lugar onde estiver o rei meu senhor, seja para morte seja para vida, aí certamente estará também o teu servidor.” (II Samuel 15,21)

Embora a comparação geral entre Davi e Jesus esteja bastante clara, este elemento e os dois seguintes podem ser considerados apenas possibilidades.

Quarto ⁽⁹⁸⁾, há outro paralelo possível entre a oração de Davi, aceitando a vontade de Deus, e aquela que Jesus, ambas no Monte das Oliveiras:

Então disse o rei a Sadoc, “Torna a levar a arca de Deus à cidade. Se eu, achar graça nos olhos do Senhor, ele me tornará a trazer para lá, e me deixará ver a ela e a sua localização. Se, porém, ele disser: ‘Não tenho prazer em ti’, eis-me aqui, deixa ele faça de mim o que parecer bom aos seus olhos.” (II Samuel 15,25-26)

[Jesus] disse: “*Abba*, Pai, todas as coisas te são possíveis; afasta de mim este cálice; não seja, porém, o que eu quero, mas o que tu queres.” (Marcos 14,36)

Quinto, há um possível paralelo final na exigência de Aquitofel de receber soldados para poder, com eles, capturar Davi:

Disse mais Aquitofel a Absalão: “Deixe-me

escolher doze mil homens, e me levantarei, e perseguirei Davi esta noite. Eu o atacarei enquanto está cansado e fraco, e o deixarei em pânico; e todo o povo que está com ele fugirá. Então ferirei apenas o rei, e farei tornar a ti todo o povo, como uma esposa torna a casa para junto de seu esposo. Buscas a vida de um homem apenas, assim todo o povo estará em paz.” (II Samuel 17,1-3)

Logo, enquanto ele ainda falava, chegou Judas, um dos doze, da parte dos chefes dos sacerdotes, dos escribas e dos anciãos, e com ele uma multidão com espadas e varapaus. (Marcos 14,43).

O paralelo é, como no caso precedente, apenas uma possibilidade. Aquitofel e seus soldados são um modelo para Judas e seu bando.

Sexto, o último paralelo é bastante seguro, porque reside na descrição feita por Mateus do suicídio de Judas por enforcamento:

Vendo Aquitofel que se não tinha seguido o seu conselho, albardou o juramento e foi para casa, para sua cidade. Pôs em ordem a casa e se enforcou; morreu e foi enterrado na sepultura de seu pai. (II Samuel 17,23)

Atirando as moedas de prata par o templo, ele [Judas] retirou-se e foi-se enforcar. (Mateus 17,5)

Em outras palavras, não apenas existe uma ligação entre eventos específicos na prisão de Jesus e nos textos bíblicos, mas também existe uma ligação entre suas sequências estruturais e as antigas sequências bíblicas. Embora o cenário de Marcos para a última noite seja bastante

detalhado, sequencial e lógico, é oriundo de pesquisa das Escrituras, não apenas história lembrada. Posso julgar eventos isolados como históricos, por exemplo, a traição ou a fuga, mas não presumo que a narrativa estrutural seja histórica. O paralelismo de Aquitofel/Judas como traidores e dos traídos Davi/Jesus chorando e rezando no Monte das Oliveiras é mais velho que Marcos, Mateus e João, que, além de conhecer a própria narrativa de Marcos, conheciam, independentemente, a existência dos paralelos. Mas lembre-se, acima de todo o paralelismo, que, apesar de uma noite horrível no Monte das Oliveiras, Davi prevaleceu, assim, como Jesus. ⁽⁹⁹⁾ (itálico do original)

Ficamos impressionados com o fato de tomarem coisas que nada tem a ver com o que querem provar. Sobre a traição de Judas, indicamos a nossa pesquisa ***A Traição de Judas, Uma História Mal Contada*** ⁽¹⁰⁰⁾.



3º) Para algum tipo de resgate?

Aqui se entrará tudo que leva para a crença de que Jesus “morreu para remissão dos pecados”, ou seja, é a vertente baseada numa ótica mítica. A

razão de colocarmos esse item está nisso que, em **Mitos cristãos: desafios para o diálogo religioso**, o prof. José Pinheiro explica:

[...] **para a grande maioria dos cristãos**, no contexto bíblico do Novo Testamento, **o conceito mítico de “salvação” geralmente significa “redenção” (“resgate” ou “remissão”) do gênero humano, ou melhor, de seus “pecados”, pelo sangue de Cristo derramado na cruz**, e também significa “felicidade eterna obtida após a morte”, em oposição ao conceito igualmente mítico de “condenação eterna”. (101)

Entendemos que a inclusão desse ponto é oportuna e pode evitar contra-argumentos baseados nos passos que mencionam algo relacionado a isso.

Levando-se em conta o que consta dos Evangelhos, acreditamos, conforme já o dissemos, que a morte de Jesus foi por motivos políticos, fato que provamos, embora não seja incorreto dizer que os líderes religiosos de sua época fizeram questão de “colocar mais lenha na fogueira”.

Vejamos, agora, alguns textos bíblicos, cuja

análise também se faz necessária, para destacar o que queremos demonstrar neste tópico.

Gálatas 4,4-5: *“Quando, porém, chegou a plenitude do tempo, Deus enviou o seu Filho. Ele nasceu de uma mulher, submetido à Lei **para resgatar aqueles que estavam submetidos à Lei**, a fim de que fôssemos adotados como filhos.”*

1 Coríntios 7,22-23: *“Porque o escravo, que foi chamado no Senhor, é liberto no Senhor. Da mesma forma, aquele que era livre quando foi chamado é escravo de Cristo. **Alguém pagou alto preço pelo resgate de vocês**: não se tornem escravos de homens.”*

Marcos 10,43-45: *“Mas, entre vocês não deverá ser assim: quem de vocês quiser ser grande, deve tornar-se o servidor de vocês, e quem de vocês quiser ser o primeiro, deverá tornar-se o servo de todos. Porque o Filho do Homem não veio para ser servido. **Ele veio para servir e para dar a sua vida como resgate em favor de muitos.**”*

Tito 2,14: *“**Ele se entregou a si mesmo por nós, para nos resgatar de toda iniquidade** e para purificar um povo que lhe pertence, e que seja zeloso nas boas obras.”*

1 Timóteo 2,5-6: *“Pois há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens: **Jesus Cristo, homem que se entregou para resgatar a todos.** Esse é o testemunho dado nos tempos estabelecidos por Deus.”*

Mateus 20,26-28: *“Entre vocês não deverá ser assim: quem de vocês quiser ser grande, deve tornar-se o servidor de vocês; e quem de vocês quiser ser o primeiro, deverá tornar-se servo de vocês. Pois, o Filho do Homem não veio para ser servido. **Ele veio para servir, e para dar a sua vida como resgate em favor de muitos**’.”*

Lembremos que a ordem cronológica dessas passagens é: Gálatas (anos 54-57), 1 Coríntios (ano 57), Marcos (anos 65-70), Tito (ano 65 ou anos 95-100), 1 Timóteo (ano 65 ou anos 95-100) e Mateus (anos 70/80). Assim, mais uma vez, temos Paulo como o inventor da ideia de que Jesus veio em resgate a favor de muitos. E, novamente, também vemos Mateus plagiando Marcos.

Essa ideia de resgate em Paulo pode ser pelo fato de ele ter Jesus à conta de primogênito (Romanos 8,29; Colossenses 1,15). É na legislação mosaica que veremos o que isso significava:

Êxodo 13,1-2.11-16: “Javé falou a Moisés: **'Consagre a mim todos os primogênitos, todo aquele que pôr primeiro sai do útero materno entre os filhos de Israel, tanto dos homens como dos animais: ele pertencerá a mim'**. Quando Javé tiver introduzido você na terra dos cananeus e a tiver dado, como jurou a você e a seus antepassados, você reservará para Javé todos os primogênitos do útero materno; e **a Javé pertencerá todo primogênito de sexo masculino**, também dos animais que você possuir. O primogênito da jumenta, porém, você o resgatará, trocando por um cordeiro. Se você não o resgatar, deverá quebrar-lhe a nuca. **Os primogênitos humanos, porém, você os resgatará sempre**. Amanhã, quando seu filho lhe perguntar: 'Que significa isso?' você lhe responderá: 'Com mão forte Javé nos tirou do Egito, da casa da servidão. O Faraó se obstinou e não queria deixar-nos partir; por isso, Javé matou todos os primogênitos do Egito, desde o primogênito do homem até o primogênito dos animais. **É por isso que eu sacrifico a Javé todo primogênito macho dos animais e resgato todo primogênito de meus filhos'**. Isso servirá como sinal no braço e faixa na frente, porque Javé nos tirou do Egito com mão forte.”

Pelo que se vê neste passo, todo primogênito era consagrado a Deus para ser sacrificado. No caso dos homens, o primogênito deveria ser resgatado. “A palavra 'resgatar' significa 'comprar ou readquirir por um preço'” (102).

Informam-nos, respectivamente, os tradutores da **Bíblia do Peregrino** e da **Bíblia Sagrada - Vozes**:

A oferta ou consagração de primogênitos se relaciona estreitamente com a oferta das primícias; **é provável que os israelitas a tenham tomado de outros povos. Alguns comentadores pensam até que, na sua origem, se tratava de sacrifício do primogênito, e aduzem o caso de Abraão** (Gn 22). Sobre essa consagração legislam outros textos: Ex 22,29s; 34,19: Dt 13,14-16; 15,19-23. Contra o sacrifício de crianças há muitas referências no AT: considera-se prática abominável. O texto presente serve para vincular o rito ao acontecimento do êxodo: o Senhor protegeu do “extermínio” os primogênitos israelitas, agora os reclama para si; e permite resgatá-los. (103)

Deus é o Senhor da vida. Por isso os primeiros frutos vegetais (as “primícias”) e as primeiras crias masculinas dos animais

(primogênitos) e dos homens Ihe são consagradas. Os primogênitos de animais puros são sacrificados. **Os primogênitos humanos, como também os do jumento, são resgatados por outro animal a ser sacrificado.** [...].⁽¹⁰⁴⁾

Ambrogio Donini (1903-1991), historiador italiano, em sua obra **Breve história das religiões**, assim aborda a questão:

2. *Uma terminologia típica*

No conceito de culpa e de redenção reflete-se, pois, a realidade da exploração e da servidão. A idéia de um “salvador”, destinado a libertar almas e corpos da expiação e do sofrimento, articula-se lentamente a partir deste enredo de exasperadas contradições de classe.

A verdade é que o próprio termo “redenção”, que melhor caracteriza esta nova doutrina, é extraído dos costumes da vida dos escravos.

Em latim *redemptio* significa originalmente o ato de um escravo que adquire a sua liberdade: **o preço do resgate pode ser pago diretamente ou por um terceiro, sob várias formas, em favor do escravo. A concepção total do mito da salvação cristã já está contida nesta fórmula**⁽¹⁰⁵⁾.

Sendo o homem um pecador, e incapaz de libertar-se pagando à divindade o preço do

seu resgate, intervém um “redentor”, o qual paga por ele com a sua paixão e a sua morte: esta é a essência da doutrina soteriológica entre os primeiros escritores cristãos gregos, latinos e sírios (Cirilo de Jerusalém, Gregório de Nazianzo, João Crisóstomo, Afraates sírio, Ambrósio, Jerônimo e Agostinho), os quais reelaboraram em termos de teologia a lenda cristã. **Para alguns deles, inclusive, o “preço do resgate” é pago a Satanás, que tinha o homem em seu poder;** mas posteriormente o preço foge às mãos do demônio, porque Jesus, com a ressurreição, subtraiu-o.

Sòmente numa sociedade em que a prática da emancipação dos escravos era plausível podia nascer a expressão com a qual a função de Cristo é definida em alguns trechos do Novo Testamento: aquela de ser um “preço de resgate para muitos” (106).

O elemento nôvo consiste em que não se trata mais sòmente de um resgate dos padecimentos físicos.

Também os deuses do Olimpo, como o deus de Israel, podiam libertar o homem dos inimigos e da violência, das calamidades e dos demônios; e em virtude disto frequentemente eram definidos como “salvadores”.

Quase todos os soberanos do mundo oriental receberam alternadamente o mesmo título, como libertadores dos seus povos ou instrumentos da ação benéfica da divindade. No

código de Hamurábi, o rei é definido “salvador do povo reduzido à miséria”; no código sumério de Lipit-Istar o legislador apresenta-se como aquele que “libertou da escravidão” os cidadãos de Nippur, Isin e Ur submetidos pelos conquistadores elamitas (107). A religião masdéia elaborou o mito do “salvador” zoroastriano, ou *saoshyant*, que surgirá no fim dos tempos à frente das forças do bem para derrotar o reino do mal e restaurar o poder absoluto de Ahura Masda, libertador do mundo (108).

Mas a doutrina da redenção, no sentido acima indicado, penetra as suas raízes numa realidade completamente diversa.

Estamos diante da idéia da libertação do homem da servidão da culpa, através do sacrifício cruento de um personagem divino ou divinizado, que se constitui “mediador” entre o ser supremo e o gênero humano. Os teólogos dizem a verdade quando procuram destacar a originalidade desta concepção; mas não podem naturalmente compreender que o resgate espiritual substituiu lentamente, na consciência dos homens, aquela necessidade de resgate econômico e social que se revelava sempre mais difícil no terreno das relações de força ou dos costumes legais.

A alforria de um escravo não era originalmente um fenômeno excepcional; mas acabou tornando-se, à medida que se ampliava e consolidava o sistema da propriedade e da

acumulação de bens materiais em poucas mãos.

Na Índia, os casos de “resgate” e de emancipação eram bastante frequentes; a integração social do escravo liberto era imediata e completa. **Entre os hebreus, o servo podia alforriar-se pagando ao patrão uma parte do preço de compra original, proporcionalmente ao número de anos que ainda deveria permanecer escravo;** só se tem memória de um único caso de emancipação coletiva, num momento delicado da história de Israel, seguido, porém, logo depois de conjurado o perigo, da pretensão de reivindicar o direito de propriedade (109). Também na Grécia e em Roma, nos tempos mais antigos, o escravo podia, em teoria, “redimir-se” depois de alguns anos, graças às suas economias; mas raramente podia salvar-se consagrando-se a uma divindade ou em virtude de legado testamentário ou proclamação autônoma da parte do proprietário (110). Mas o seu estado de “liberto”, até o início do principado de Augusto, não bastava para torná-lo igual aos outros cidadãos; continuava privado do *jus honorum* e era mantido afastado dos negócios públicos.

Em geral, às vésperas do surgimento do cristianismo, as possibilidades de um escravo alcançar a emancipação total não eram muito superiores àquelas que, hoje, na sociedade burguesa, tem um operário de tornar-se proprietário.

O poeta latino Marcial vangloria-se de ter

concedido a liberdade ao seu escravo Demétrio, que agonizava, com apenas 19 anos, para permitir-lhe ingressar em estado de liberdade no mundo subterrâneo (111); isto confirma que as relações de classe eram consideradas válidas tanto nesta como na outra vida.

Não é necessário acrescentar que o conceito da “redenção”, que entrou na história dos homens como produto do seu *modo de viver* na época da escravidão, separou-se dialeticamente das suas raízes econômicas e sociais para desenvolver-se no caminho autônomo da ideologia – sempre porém nos limites de uma sociedade baseada na exploração do homem pelo homem – mesmo depois de terem desaparecido as razões de ordem material que caracterizavam o regime escravista. (112)

Tomando-se de Paulo, entendemos que se houve algum resgate foi o de estarem livres da lei (Gálatas 4,4-5), ou seja, de toda a legislação mosaica. Ao afirmar que “*vocês já não estão debaixo da Lei, mas sob a graça*” (Romanos 6,14) e completando com “*fomos libertos da Lei, a fim de servirmos sob o regime novo do Espírito, e não mais sob o velho regime da letra*” (Romanos 7,6), ele colocava os ensinamentos de Jesus suplantando os anteriores, vindos por Moisés.

No livro **A Última Semana**, Borg e Crossan, ao comentar a palavra resgate usada em Marcos 10,45, deixam bem claro que:

Para muitos cristãos, a palavra “resgate” parece uma linguagem sacrificial, já que algumas vezes falamos de Jesus como o resgate de nossos pecados. Mas é quase certo que ela não tem esse significado em Marcos. Como já foi mencionado ⁽¹¹³⁾, **a palavra grega traduzida por “resgate” (*lutron*) não é usada na Bíblia no contexto de pagamento por pecado, mas sim no que se refere a um pagamento feito para libertar cativos** (frequentemente do cativo em guerra) ou escravos (frequentemente da escravidão resultante da dívida). Um *lutron* é um meio de libertação do cativo.

Assim, **dizer que Jesus deu “sua vida como resgate de muitos” significa que ele deu a vida como um meio de libertação do cativo.** O contexto de Marcos sustenta essa leitura. [...].

Assim **Marcos não entende a morte de Jesus como sacrifício substituído pelo pecado.** As afirmações contrárias só podem apontar para uma leitura equivocada da passagem única que acabamos de explorar. ⁽¹¹⁴⁾ (itálico do original)

Mais à frente são mais explícitos, quanto ao que Marcos entendia:

[...] Segundo Marcos, **Jesus não morreu**

pelos pecados do mundo. A linguagem do sacrifício substituto por causa do pecado está ausente em sua narrativa. Mas em um sentido importante **ele foi morto por causa do pecado do mundo. Foi a injustiça dos sistemas de dominação que o matou,** uma injustiça tão rotineira que faz parte da normalidade da civilização. Ainda que signifique mais do que isso, o pecado também inclui isso. E assim Jesus foi crucificado por causa do pecado do mundo. ⁽¹¹⁵⁾
(itálico do original)

Então, o que se pode afirmar é que no decorrer dos tempos, foi se instalando o dogmatismo, a ortodoxia, e assim as interpretações passaram a refletir as crenças dogmáticas, em prejuízo do contexto histórico.

E, especificamente, sobre a questão de alguém ser o “salvador da humanidade”, Edward Carpenter (1844-1929) e Joseph Campbell (1904-1987) abordam, respectivamente, em **Religiões pagãs e cristãs: origens e significados** e **As máscaras de Deus - Mitologia oriental**, esse tema da seguinte forma:

[...] em seus aspectos mais sensíveis e

espirituais, como nos ritos Mithraicos, Egípcios, Hindus e Cristão, uma pessoa passava pelo véu do *maya* e de seu mundo em constante mudança, e entrava na região da paz e poder divinos ⁽¹¹⁶⁾. Ou, novamente, a doutrina do *Salvador*. A essa eu também não preciso adicionar muito mais do que já foi dito. **O número de divindades pagãs (em sua maioria nascida de virgens e mortas de uma maneira ou outra por seus esforços de salvar a humanidade) é tão grande ⁽¹¹⁷⁾ e, portanto, difícil de precisar. O deus Krishna na Índia, o deus Indra no Nepal e no Tibet morreram para a salvação dos homens; Buddha disse, de acordo com Max Muller ⁽¹¹⁸⁾, “Permita que todos os pecados existentes no mundo caiam sobre mim e o mundo será salvo”; o chinês *Tien*, o Sagrado – “com deus e existindo com ele para toda a eternidade” – morreu para salvar o mundo; o egípcio *Osíris* era chamado de *Salvador*, assim como *Horus*; assim como Mithra, **da Pérsia**; assim como o grego **Hércules** que venceu a morte apesar de seu corpo ser consumido pelas chamas da mortalidade, da qual ele subiu aos céus. O mesmo aconteceu com o frígio *Attis*, chamado de *Salvador*, e do sírio **Tammuz ou Adônis** – os dois que foram pregados a uma árvore, e depois renasceram de seus túmulos. *Prometheu*, o maior e mais antigo benfeitor da raça humana, foi pregado pelas mãos e pelos pés, com os braços abertos, às pedras do monte Cáucaso. **Baco ou Dionísio**, nascido da virgem Semele para ser o libertador da humanidade (Dionísio Bleutherios, como era chamado), foi cortado em pedaços,**

como Osíris. Mesmo em *Quetzalcoatl*, no México, o Salvador nasceu de uma virgem, foi tentado, jejuou por quarenta dias, morreu, e sua segunda vinda foi tão esperada que (como é bem conhecido), quando Cortes apareceu, os mexicanos, coitados, o receberam como o deus que voltara! ⁽¹¹⁹⁾ No Peru e entre os índios norte-americanos, no Norte e no Sul do Equador, lendas parecidas são, ou foram, encontradas. Apesar de falarmos pouco sobre o assunto, **é o bastante para provar que a doutrina do Salvador é mundial e muito antiga, e que o Cristianismo meramente apropriou-se da mesma e (assim como os outros cultos) lhe deu algumas outras cores.** Talvez essa doutrina original fosse muito melhor e muito mais conhecida, se a **Igreja Cristã não tivesse feito um esforço enorme para tomar as devidas precauções e para extinguir todas as evidências dos atos pagãos relacionados a esse assunto.** Há muita evidência de que a Igreja antiga tomou esse caminho com salvadores pré-cristãos ⁽¹²⁰⁾; e nos últimos tempos a mesma política tem sido mostrada pelo tratamento no século XVI dos escritos de Sahagun, o missionário espanhol – cujo trabalho já mencionei. Sahagun era um homem educado e muito inteligente que, apesar de não aceitar as barbaridades da religião asteca, foi fiel o bastante para mostrar características nas maneiras e dos costumes das pessoas, e algumas semelhanças com a doutrina e prática cristãs. Isso deixou enfurecidos os intolerantes católicos da recém-formada Igreja Mexicana.

Eles roubaram os manuscritos de Sahagun, de seu *História das coisas da Nova Espanha (1560)*, e os esconderam, e foi depois de muita briga e a decisão da Corte Espanhola que Sahagun os teve de volta. Finalmente, aos oitenta anos de idade, depois de traduzi-los para o espanhol (do original mexicano), ele mandou seus manuscritos em dois grandes volumes para a Espanha, para que ficassem em segurança; mas quase imediatamente *desapareceram* e não mais foram encontrados! Apenas *dois séculos* depois foram reaparecer (1790) em um convento de Tolosa em Navarre. O lorde Kingsborough publicou-os na Inglaterra em 1830.

Eu já falei sobre várias das principais doutrinas do Cristianismo – ou seja, do pecado, do sacrifício, da Eucaristia, do Salvador, do Renascimento e da transfiguração – mostrando que eles não são únicos em nossa religião, mas sim comuns a quase todas as religiões do mundo antigo. A lista pode ser muito aumentada, mas não há necessidade de nos atermos a um assunto que, de modo geral, já foi compreendido. Dedicarei, no entanto, uma ou duas páginas para um exemplo, que eu julgo muito interessante e cheio de sugestão profunda.

Não existe nenhuma outra doutrina no Cristianismo que seja mais apreciada e reverenciada por seus fiéis, do que aquela em que Deus sacrificou seu único filho para salvar o mundo; também, uma vez que o filho não era apenas *parecido* com o pai, mas da

mesma natureza do Pai, e igual a ele, sendo a segunda pessoa da Santíssima Trindade, o sacrifício foi uma imolação de si mesmo para o bem do mundo. A doutrina é muito mística, muito antiga e, de certa maneira, tão absurda e impossível, que tem sido um prato cheio para piadas por parte dos inimigos da Igreja; e aqui podemos pensar, é uma crença que – seja ela considerada gloriosa ou obsoleta – é única e peculiar àquela Igreja.

E, ainda, o fato extraordinário é que uma crença parecida existe em todas as religiões antigas e pode nos remeter ao passado. **A palavra *hóstia***, que é usada na missa católica para representar o pão e o vinho no altar, símbolos do corpo e do sangue de Cristo, **vem do latim *Hóstia***, que no dicionário significa **“um animal morto em sacrifício, uma oferta para compensar um pecado”**. Isso nos leva de volta ao estágio do totem, quando toda a tribo, como eu já expliquei, coroava um touro, um urso ou um outro animal com flores e prestavam-lhe honras com comida e adoração, sacrificavam a vítima para o espírito do totem da tribo e o comiam em uma festa eucarística – e o curandeiro ou sacerdote que dirigia o ritual vestia a pele desse animal como um sinal de que ele representava o totem –, divindade, participando do sacrifício de “si mesmo para si mesmo”. Isso nos faz lembrar dos khonds em Bengal sacrificando seus meriahs coroados e enfeitados como deuses e deusas; dos astecas fazendo o mesmo; dos quetzalcoatl furando seus cotovelos

e dedos para tirar sangue, oferecido em seu próprio altar; ou de Odin sendo pendurado, por vontade própria, em uma árvore. “Sei que fui pendurado em uma árvore que foi balançada pelo vento por nove longas noites. Uma lança atravessou meu corpo, fui levado a Odin, eu para mim”. E assim por diante. Os exemplos são infinitos. “Sou a oblação”, diz Krishna no Bhagavad Gita ⁽¹²¹⁾. “Sou o sacrifício, a oferenda os ancestrais”. “No real conceito ortodoxo de sacrifício”, diz Elie Reclus ⁽¹²²⁾. A oferenda consagrada, seja ela um homem, uma mulher ou uma virgem, um carneiro ou novilha, galo ou pombo, representa *a divindade...* ⁽¹²³⁾

III. A LENDA DO SALVADOR DO MUNDO

E impossível reconstruir o caráter, a vida e a verdadeira doutrina do homem que se tornou o Buda. Supõe-se que ele tenha vivido entre 563 e 483 a.C. Entretanto, sua mais antiga biografia, a do cânon páli, começou a ser escrita apenas por volta de 80 a.C. no Ceilão [atual Sri Lanka], há cinco séculos e 2.400 km de distância do verdadeiro cenário histórico. **E a vida, a essa altura, tinha-se tornado mitologia – segundo um padrão característico dos Salvadores do Mundo do período entre aproximadamente 500 a.C. e 500 d.C., seja na Índia, como nas lendas dos jainas, ou no Oriente Próximo, como na visão evangélica de Cristo.**

Em resumo, essa **biografia arquetípica do Salvador** fala de:

1. o descendente de uma família real

2. nascido milagrosamente
3. em meio a fenômenos sobrenaturais
4. sobre quem um santo ancião (Simão = Asita), logo após o nascimento, profetizou uma mensagem de salvação do mundo, e
5. cujas façanhas na infância proclamam seu caráter divino.

Na sequência indiana, o herói do mundo:

6. casa-se e gera um herdeiro
7. desperta para sua missão
8. parte, com o consentimento de seus progenitores (no jainismo), ou secretamente (o Buda)
9. para engajar-se em árduas disciplinas na floresta
10. que o confrontam, finalmente, com um adversário sobrenatural, sobre o qual
11. a vitória é alcançada.

O último citado, o Adversário, é uma figura que nos tempos védicos teria aparecido como um dragão anti-social (Vritra) mas, em concordância com a nova ênfase psicológica, representa agora aqueles equívocos da mente que o mergulho do Salvador do Mundo nas suas próprias profundezas traz a luz, e contra os quais ele está lutando, tanto por sua própria vitória quanto para a salvação do mundo.

Na lenda cristã, não há registro dos anos de juventude representados acima pelos estágios 6

a 8. **Entretanto, os episódios culminantes (9 a 11) estão representados pelo jejum de quarenta dias no deserto onde se deu o confronto com Satã.** Ademais, pode-se argumentar que as cenas infantis da matança dos inocentes pelo rei Herodes, o aviso do anjo a São José e a fuga da Sagrada Família correspondem simbolicamente ao 6, isto é, aos esforços do pai do futuro Buda para frustrá-lo em sua missão, confinando-o no palácio e fazendo-o casar-se depois do que (7) ele foi despertado para sua missão pela visão de um ancião, um homem doente, um cadáver e um iogue, ante o que (8) planejou fugir. Em ambos os casos a narrativa é a de um inimigo régio do espírito, lutando com todos seus recursos – sejam eles maléficos (rei Herodes) ou benignos (rei Suddhodana) – que se mostram vãos para frustrar o infante Salvador em sua predestinada missão.

Seguindo seu encontro cara a cara com o Antagonista e vencendo-o, o Salvador do Mundo:

12. realiza milagres (caminha sobre as águas etc.)

13. torna-se um pregador errante

14. prega a doutrina da salvação

15. a um séquito de discípulos e

16. a uma pequena elite de iniciados

17. um dos quais, menos rápido para aprender do que o resto (Pedro = Ananda), ⁽¹²⁴⁾ recebe o comando e se torna o modelo da comunidade

leiga, enquanto

18. outro, obscuro e traiçoeiro (Judas = Devadatta), está empenhado na morte do Mestre.

Em várias versões da lenda são dadas diferentes interpretações aos temas comuns, coincidindo com as diferenças de doutrina. Por exemplo, 2: enquanto a Virgem Maria concebeu do Espírito Santo, a rainha Maya, mãe do Buda, era uma verdadeira esposa de seu consorte; tampouco o Salvador do Mundo que ela dera a luz era uma encarnação de Deus, o Criador do Universo, mas um *jīva* reencarnado iniciando a última de suas inumeráveis vidas. Igualmente os itens 10-11: enquanto a vida do Buda atingiu o ápice na sua vitória sobre Mara sob a árvore Bodhi, a lenda cristã transfere a Árvore da Redenção para o estágio 19, isto é, a morte do Salvador, que na vida do Buda não é mais do que uma passagem pacífica no final de uma longa carreira de mestre. Pois o ponto principal do budismo não é – como no antigo sacrifício Soma – a imolação física do Salvador, mas seu despertar (*bodhi*) para a Verdade das verdades e, em consequência, a libertação (*moksa*) da ilusão (*māyā*). Por isso, o ponto principal para o indivíduo budista não é se a lenda do Buda corresponde ao que de fato e historicamente ocorreu entre 563 e 483 a.C., mas se serve para inspirá-lo e guiá-lo para a iluminação. ⁽¹²⁵⁾

Esses dois autores, confirmam, portanto, que

a história de Jesus é semelhante à de outros personagens mitológicos, levando-nos a concluir que muitas coisas das ditas religiões cristãs, são fruto de aculturamento do que se acreditava nas religiões pagãs, por mais que isso cause constrangimento a seus crentes.

Ainda nos resta colocar Paul Johnson que, em ***Uma breve história do Cristianismo***, nos informa:

[...] Mais importante, porém, era que Paulo achava que não podia explicar a natureza da doutrina de Jesus sem recorrer a conceitos e termos que fossem compreensíveis para os que haviam sido criados no mundo greco-romano. Jesus previu sua paixão, mas não a explicara. Paulo tinha de explicá-la para um público que falava e pensava em grego. O ato da salvação tinha de ser mais amplo que o mero messianismo dos judeus que parecia, aos gregos, uma questão de política local, limitada em termos temporais e geográficos. O que era a Judeia, para eles? **Paulo** achava difícil explicar como por que Jesus era judeu, e mais ainda por que tinha de ser judeu. Assim, as circunstâncias que levaram à sua crucificação eram irrelevantes e ele as omite. **Simplesmente, identificou o Jesus histórico como o filho preexistente de**

Deus, e interpreta a crucificação como um ato divino com intenções salvacionistas de importância cósmica. E, naturalmente, quanto mais Paulo pregava seguindo essa linha, mais claro ficava para ele que seu evangelho helenizado estava mais próximo da verdade, tal como ele a compreendia, que a restrição imposta pela visão intolerante do cristianismo judaico – se é que, de fato, ele poderia ser chamado de cristianismo. O mundo helênico podia aceitar Jesus como uma divindade, mas o judaísmo interpôs um abismo de diferenças entre Deus e o homem. **E não havia nada na literatura judaica que sugerisse a ideia de um salvador encarnado da humanidade que se redimisse em virtude de sua própria morte sacrificial.**
(¹²⁶)

Vê-se, por conseguinte, que, no judaísmo, nada existia sobre um salvador que morreria para redimir a humanidade. Eles, na verdade, acreditavam num salvador político, é o que confirma em *Jesus de Nazaré uma vida*, autoria de Heinz Friedrich Bernhard Zahrnt (1915-2003):

Aqui os olhos se voltam para o passado. O homem se representou o tempo futuro de salvação, segundo o modelo idealizado do antigo reino de Davi e **por isso esperou pelo Salvador**

vindouro, como um novo Davi: Ungido rei pelo próprio Deus e dotado de poderes estupendos, **o Messias libertará o povo judeu do domínio estrangeiro romano**, com a palavra de sua boca, esmagará todos os inimigos de Israel, reerguerá a casa de Davi, reunirá as doze tribos dispersas no mundo e deixará que ressuscitem Jerusalém em todo o seu esplendor. Assim é que Israel enfim se tornará o povo sagrado de Deus, vivendo em equidade, justiça e pureza. Os povos gentios, porém, não terão parte no reinado de Deus, a não ser sob submissão e tributação. **A redenção, aqui, é sobretudo esperada como libertação do jugo romano e, em consequência, apenas compreendida como uma protelação exagerada da vida eterna.** ⁽¹²⁷⁾

Em Bart D. Ehrman, na obra **Jesus existiu ou não?**, temos:

[...] Na verdade, qualquer líder usado por Deus de uma maneira especial poderia ser chamado de ungido; **até mesmo o rei persa Ciro, um dos conquistadores de Israel, foi considerado pelo profeta Isaías um instrumento de Deus e é explicitamente chamado de seu messias, o ungido** (Isaías 45:1). ⁽¹²⁸⁾

Portanto, acreditar num Messias ou Ungido é

algo bem diferente da crença surgida posteriormente de um salvador que fosse redimir pecados. Fato que se pode muito bem comprovar na fala profética de Zacarias, pai de João Batista:

Lucas 1,68-75: *“Bendito seja o Senhor, Deus de Israel, porque visitou e redimiu o seu povo. Fez aparecer uma força de salvação na casa de Davi, seu servo; conforme tinha anunciado desde outrora pela boca de seus santos profetas. **É a salvação que nos livra de nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam.** Ele realizou a misericórdia que teve com nossos pais, recordando sua santa aliança, e o juramento que fez ao nosso pai Abraão. Para conceder-nos que, **livres do medo e arrancados das mãos dos inimigos**, nós o sirvamos com santidade e justiça, em sua presença, todos os nossos dias.”*

A salvação esperada, era, portanto, de conotação política e não espiritual.

Ehrman, em ***Jesus existiu ou não?***, nos traz informações importantes, com as quais podemos nos situar melhor diante do que, tradicionalmente, se pensava no primeiro século do cristianismo,

senão vejamos:

[...] **Jesus era chamado de Cristo** com tanta frequência nas tradições cristãs mais antigas que já na época de Paulo “Cristo” virara o nome de Jesus (Jesus Cristo, e não Jesus Deus). Jesus é chamado de Cristo em Paulo, M, L, ⁽¹²⁹⁾ João, Josefo, Plínio, Tácito e assim por diante. **É importante lembrar o significado desse termo no judaísmo antigo. Referia-se – independentemente de como era interpretado – a um futuro governante poderoso que salvaria o povo de Deus de seus inimigos.**
⁽¹³⁰⁾

Por outro lado, vê-se que essa crença em um salvador é algo comum em outras culturas, como, por exemplo, entre os persas, segundo Rodríguez, em ***Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a bíblia foi manipulada:***

Mitra, um dos principais deuses da religião iraniana anterior a Zaratustra, era uma divindade do tipo solar – como se pode ver pela sua cabeça de leão – que **expulsou do céu Ahriman (o mal)**. Formado a partir do antigo deus funcional indo-ariano Vohu-Manah ⁽¹³¹⁾, tornou-se objeto de um **culto aparecido uns mil anos antes de Cristo** e, após ter passado por diversas

transformações, foi adoptado pela religião romana, de cujo panteão fez parte até ao século IV d.C. **Enquanto divindade, tinha por função carregar com os pecados da humanidade e expiar as suas iniquidades.** Funcionava, assim, como princípio mediador colocado entre o bem (Ormuzd) e o mal (Ahriman), como dispensador de luz e de bens, encarregue de manter a harmonia no mundo e de proteger todas as criaturas. Uma espécie de messias que, segundo seus seguidores, **devia voltar ao mundo como juiz dos homens.** Sem ser propriamente o Sol, representava-o e era invocado como tal. Nas suas cerimônias, era apresentado num viril ou custódia, em tudo idêntica à que muitos séculos depois será utilizada pela Igreja cristã. O deus Mitra hindu, como o persa, é igualmente uma divindade solar, como se pode concluir pelo facto de ser um dos doze Adítias, filhos de Aditi, a personificação do Sol.

Todas as personificações dos deuses solares acabam por ser vítimas propiciatórias que expiam os pecados dos mortais, carregando com as suas culpas. Morrendo de morte violenta, são posteriormente ressuscitados. Assim, Osíris, que nasceu como um salvador ou libertador e veio ao mundo para pôr fim à tribulação dos humanos, teve que enfrentar na sua luta pelo bem o irmão Seth, ou Tifão, personificação do mal (posteriormente identificado como Satanás) que o vence temporariamente e o mata; depositado no seu túmulo, ressuscita e, ao fim de três dias (ou de

quarenta, noutras versões), ascende aos céus.
(132)

Observamos que Pepe Rodríguez informa tal crença em outras culturas, não só entre os persas; portanto, não se trata de novidade do cristianismo; ao contrário, mais parece ser um plágio do que os pagãos acreditavam.

Não temos mais nada a dizer, a respeito do que levantamos neste tópico, mas para encerrá-lo com “chave de ouro”, vamos trazer Herculano Pires, de cuja obra ***O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade***, transcrevemos o seguinte:

A salvação, de acordo com os princípios espíritas, não é uma salvação mágica, milagrosa. **Jesus, pelo simples fato de vir à Terra e derramar aqui o seu sangue, já nos teria salvado. Não. Não existe essa mecânica da salvação. Jesus não veio para nos salvar através de uma morte, mas sim através da vida.** É a sua vida que nos salva, porque ele não morreu apenas, ele morreu e ressuscitou, e como ensina o apóstolo Paulo, ele ressuscitou no corpo espiritual que é o corpo da ressurreição. Ao ressuscitar, ele já se colocou novamente na sua condição de espírito. (133)

Excelentes essas considerações de Herculano Pires, que merecem um momento de reflexão da parte de nós, os espíritas.

Um mergulho no passado

Esse capítulo, provavelmente, só terá valor para os adeptos do Espiritismo, porquanto mencionaremos a obra **Memórias de um Suicida**. Do site *Candeia*, tomaremos emprestada a “Apresentação” dessa obra:

Com orientação do espírito Léon Denis, **o autor espiritual Camilo Castelo Branco**, sob o pseudônimo Camilo Cândido Botelho, **descreve sua dolorosa experiência após a desencarnação pelo suicídio**. Com valiosos ensinamentos, **mostra a grandeza da misericórdia divina para com os suicidas arrependidos**, trazendo-lhes a oportunidade de conhecer o universo e a vida em sua integral dimensão. A gênese planetária, evolução do ser, imortalidade da alma, a moral cristã e outros temas relevantes são estudados, para a compreensão de que nenhuma tentativa para o reerguimento moral será eficiente se continuarmos presos à ignorância de nós mesmos. Há um caminho de reconstrução para os arrependidos. **Há sempre esperança, porquanto a reabilitação é possível.** ⁽¹³⁴⁾

O trecho que nos interessa está inserido no Capítulo IV – O “homem velho”. Vejamo-lo:

[...] A palavra irresistível do instrutor repercutiu, qual clarinada dominadora, pelo interior do meu Espírito apaziguado pela vontade de obedecer, e invadiu todos os escaninhos de minha Consciência, qual a irrupção de vagas que saltassem diques e se projetassem num impulso incoercível, inundando região indefensa:

“– Eu to ordeno, Alma criada para a glória da eleição no Seio Divino: **Volta ao ponto de partida e estuda no livro que trazes dentro de ti mesma as lições que as experiências proporcionam!** E contigo mesma aprende o cumprimento do Dever e o respeito à Lei d’Aquele que te criou! Traça, depois, tu mesma, os programas de resgates e edificação que te convêm, a fim de que a ti mesma devas a glória que edificares para alçares voos redentores até o Seio Eterno de onde partiste!...”

Lentamente, senti-me envolver por singular entorpecimento, como se tudo ao meu redor rodopiasse vertiginosamente... Sombras espessas, quais nuvens ameaçadoras, circundavam-me a frente... Meu pensamento afastou-se do anfiteatro, de Cidade Esperança, da Colônia Correccional... Já não distinguia Epaminondas, sequer o conhecia, e nem me recordava de meus companheiros de infortúnio... Todavia, eu não adormecera! Continuava lúcido e

racionava, refletia, pensava, agia, o que indica que me encontrava na posse absoluta de mim mesmo... embora retrocedesse na escala das recordações acumuladas durante os séculos!... **Perdi, pois, a lembrança do presente e mergulhei a Consciência no Passado...**

Então, **senti-me vivendo no ano trinta e três da era cristã!** Eu, porém, não recordava, simplesmente: – eu vivia essa época, estava nela como realmente estive!

A velha cidade santa dos judeus – Jerusalém – vivia horas febricitantes nessa manhã ensolarada e quente. Encontrei-me possuído de alegria satânica, indo e vindo pelas ruas regurgitantes de forasteiros, promovendo arruaças, soprando intrigas, derramando boatos inquietadores, incentivando desordens, pois **estávamos no grande dia do Calvário e sabia-se que um certo revolucionário, por nome Jesus de Nazaré, fora condenado à morte na cruz pelas autoridades de César,** com mais dois outros réus. Corri ao Pretório, sabendo que dali sairia para o patíbulo o sentenciado de quem tanto os judeus maldiziam. Eu era miserável, pobre e mau. Devia favores a muitos judeus de Jerusalém. Comia sobejos de suas mesas. Vestia-me dos trapos que me davam. Diante do Pretório, portanto, ovacionei, frenético, a figura hirsuta e torpe de Barrabás, ao passo que, à suprema tentativa do Procônsul para livrar o carpinteiro nazareno, pedi a execução deste em estertores de demônio enfurecido, pois apraziam-me assistir a tragédias, embebedar-me no

sangue alheio, contemplar a desgraça ferindo indefesos e inocentes, aos quais desprezava, considerando-os pusilânimes... E **presenciar aquele delicado jovem, tão belo quanto modesto, galgando pacientemente a encosta pedregosa sob a ardência inclemente do Sol, madeiro pesado aos ombros, atingido pelos açoites dos rudes soldados de Roma** contrariados ante o dever de se exporem a subida tão árdua em pleno calor do meio-dia, era espetáculo que me sabia bem à maldade do caráter e a que, de qualquer forma, não poderia deixar de assistir!...

[...].

Eu não me poderia furtar ao impulso vibratório que me arrojava na sondagem desse passado remoto, porque ali estavam, com suas vontades conjugadas piedosamente em meu favor, Epaminondas e seus auxiliares; e prossegui, então, na recapitulação deprimente.

Eis-me à frente do Pretório, em atitude hostil. Não houve insulto que **minha palavra felina deixasse de verberar contra o Nazareno**. Feroz na minha pertinácia, **acompanhei-o na jornada dolorosa gritando apupos e chalaças soezes**; e confesso que **só não o agredi a pedradas ou mesmo à força do meu braço assassino, por ser severo o policiamento em torno dele**. É que eu me sentia inferior e mesquinho em toda parte onde me levavam as aventuras. Nutria inveja e ódio a tudo o que soubesse ou considerasse superior a mim! Feio, hirsuto,

ignóbil, mutilado, pois faltava-me um braço, degenerado, ambicioso, de meu coração destilava o vírus da maldade. Eu maldizia e perseguia tudo, tudo o que reconhecesse belo e nobre, cômico da minha impossibilidade de alcançá-lo! (135)

Nesse seu mergulho no passado, o Espírito Camilo Castelo Branco, se vê participando do derradeiro momento final de Jesus aqui na Terra. Conta-nos que “um certo revolucionário, por nome Jesus de Nazaré, fora condenado à morte na cruz pelas autoridades de César”, confirmando, portanto, como sendo por motivo político que o Mestre de todos nós fora condenado a morrer crucificado.

Conclusão

A opção de que a salvação seja por meio das obras, quer dizer, pelas nossas ações, é, para nós, além de ser a única na qual a justiça e misericórdia de Deus se manifestam plenamente é a mais lógica. Também é a que não se depara com uma série de problemas, que aconteceria com qualquer uma outra opção.

Vejamos alguns problemas, que certamente, poderão ser estendidos por qualquer estudioso ou interessado em temas bíblicos:

a) não contradiz o critério justo de avaliar “*a cada um segundo suas obras*” (Mateus 16,27) ⁽¹³⁶⁾;

b) da mesma forma, não contradiz a determinação de que “*cada um será executado por causa do seu próprio crime*” (Deuteronômio 24,16) ⁽¹³⁷⁾;

c) as ações dos homens não atingem a Deus; porém, às suas leis:

“Se você pecar, que mal estará fazendo a Deus? Se você amontoa crimes, que danos está causando para ele? E se você é justo, o que é que está dando a ele? O que é que ele recebe de sua mão? Sua maldade só pode afetar outro homem igual a você. Sua justiça só atinge outro ser humano como você” (Jó 35,6-8)

Dessa forma, sendo Deus totalmente “imune”, ou seja, não se ofende com o que fazemos, logo não há que se falar em remissão ou mesmo perdão de pecados.

d) não se torna ilógico ao redimir pecados futuros, porquanto, os rituais de expiação de pecados praticados pelos hebreus eram todos expressamente pela “*violação cometida*” (Levítico 4,1-3; 13-15) e não para “*violações a cometer*”;

e) não ter seguido a ritualística de ofertas pelo sacrifício do povo, que era uma lei perpétua, quando pegavam dois bodes, um ofereciam a Deus, outro a Azazel, que supunham-no viver no deserto (Levítico 16,34);

f) outro ponto da ritualística não seguido é

quanto ao sangue da vítima que era espalhado pelo povo (Êxodo 24,4-8);

g) em consequência do item b, teremos que arrumar um segundo Cristo para morrer pelos pecados cometidos pela humanidade depois da morte do primeiro Cristo; procedimento que teria que ser feito, novamente, com um terceiro Cristo, quarto, quinto, etc.;

h) preferência divina pela misericórdia e não por sacrifícios (Marcos 12,33, ver também Oseias 6,6); que não eram do agrado de Deus (Salmo 51,7; Jeremias 6,20) e que nem mesmo foi instituído por Deus (Jeremias 7,22). Um passo que vem corroborar isso é:

Isaías 1,11-17: *“Que me interessa a quantidade dos seus sacrifícios? – diz Javé. **Estou farto dos holocaustos de carneiros e da gordura de novilhos. Não gosto do sangue de bois, carneiros e cabritos. [...] Parem de trazer ofertas inúteis. [...] Quando vocês erguem para mim as mãos, eu desvio o meu olhar; ainda que multipliquem as orações, eu não escutarei. As mãos de vocês estão cheias de sangue. Lavem-se,***

purifiquem-se, tirem da minha vista as maldades que vocês praticam. Parem de fazer o mal, aprendam a fazer o bem: busquem o direito, socorram o oprimido, façam justiça ao órfão, defendam a causa da viúva.”

i) que, para ser coerente com os próprios textos bíblicos, essa suposta remissão de pecados poderia ser, no máximo, acontecida “[...] **para o resgate das transgressões cometidas no regime da primeira aliança; [...].**” (Hebreus 9,15), o que nos remete ao item e;

j) **contrapondo ao item anterior temos que “Ele é a vítima de expiação pelos nossos pecados; e não só os nossos, mas também os pecados do mundo inteiro.”** (1 João 2,2), o que abrigaria até mesmo as pessoas que não estavam nem aí para a mensagem de Jesus;

k) temos como outras alternativas para a remissão dos pecados que não a morte de Jesus:

1ª) o batismo: **“Assim apareceu João, o Batista, no deserto, pregando o batismo de arrependimento para remissão dos pecados.”**

(Marcos 1,4);

2ª) o arrependimento: “e que em seu nome se pregasse **o arrependimento para remissão dos pecados**, a todas as nações, começando por *Jerusalém*.” (Lucas 24,47);

3ª) crer em Jesus: “A ele todos os profetas dão testemunho de que **todo o que nele crê receberá a remissão dos pecados pelo seu nome**”. (Atos 10,43)

l) se há predestinação não tem sentido em falar-se também em remissão de pecados, conforme outra proposta de Paulo:

Romanos 8,28-30: “Sabemos que todas as coisas concorrem para o bem dos que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o projeto dele. Aqueles que Deus antecipadamente conheceu, também os **predestinou** a serem conformes à imagem do seu Filho, para que este seja o primogênito entre muitos irmãos. E aqueles que Deus **predestinou**, também os chamou. E aos que chamou, também os tornou justos. E aos que tornou justos, também os glorificou.”

Eféσιο 1,5-6: “Ele nos **predestinou** para sermos seus filhos adotivos por meio de Jesus Cristo, conforme a benevolência de sua vontade, para o louvor da sua glória e da **graça que ele derramou abundantemente sobre nós** por meio de seu Filho querido.”

Efésius 1,11-12: “Em Cristo recebemos nossa parte na herança, conforme o projeto daquele que tudo conduz segundo a sua vontade: fomos **predestinados** a ser o louvor da sua glória, nós, que já antes esperávamos em Cristo.”

m) se é para se apoiar em Paulo, então é preciso definir qual dessas opções deve prevalecer para a salvação:

1ª) pelas obras:

“De fato, todos deveremos comparecer diante do tribunal de Cristo, a fim de que cada um receba a recompensa daquilo que tiver feito durante a sua vida no corpo, tanto para o bem, como para o mal.” (Gálatas 6,10)

2ª) pela aplicação do Evangelho:

“É pelo Evangelho que vocês serão salvos,

contanto que o guardem do modo como eu lhes anunciei; do contrário, vocês terão acreditado em vão.” (1 Coríntios 15,2)

3ª) pela morte de Jesus:

“[...] Cristo morreu por nossos pecados, conforme as Escrituras; ele foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, conforme as Escrituras; [...].” (1 Coríntios 15,3-4)

4ª) por crer na ressurreição de Jesus:

“Pois se você confessa com a sua boca que Jesus é o Senhor, e acredita com seu coração que Deus o ressuscitou dos mortos, você será salvo.” (Romanos 10,9)

5ª) pela fé em Jesus:

“Sabemos, entretanto, que o homem não se torna justo pelas obras da Lei, mas somente pela fé em Jesus Cristo. Nós também acreditamos em Jesus Cristo, a fim de nos tornarmos justos pela fé em Cristo e não pela observância da Lei, pois com a observância da Lei ninguém se tornará justo.” (Gálatas 2,16)

A mensagem central de Jesus está no amor

ao próximo, fora disso, ter-se-á um forte candidato a desilusão.

O pastor Brain D. McLaren, que citamos mais no início, fala algo que prova a visão ampliada que devemos ter dos ensinamentos de Jesus: “Gandhi – não identificado como cristão, mas alguém com maior clareza do que muitos cristãos.” (138), ou seja, ele reconhece um não-cristão mais cristão do que muitos que assim se denominam.

Além disso, também reconheceu como verdade o fato de que “alguns teólogos e estudiosos chegaram à conclusão de que – certa ou errada – a mensagem da Igreja cristã se tornou uma mensagem completamente diferente da mensagem de Jesus.” (139)

E afinal, onde podemos encontrar a síntese dos ensinamentos de Jesus: “O modelo mais condensado do ensino de Jesus se encontra em Mateus, capítulos 5 a 7, em uma passagem geralmente conhecida por Sermão do Monte.” (140) Apenas acrescentaríamos: Fora disso não há salvação!

Não podemos centrar nossa visão em Paulo; mas em Jesus que deixou bem claro que *“Nem todo aquele que me diz 'Senhor, Senhor', entrará no Reino do Céu. Só entrará aquele que põe em prática a vontade do meu Pai, que está no céu”*. (Mateus 7,21) e, para que não restasse nenhuma dúvida completou:

“Portanto, quem ouve essas minhas palavras e as põe em prática, é como o homem prudente que construiu sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enxurradas, os ventos sopraram com força contra a casa, mas a casa não caiu, porque fora construída sobre a rocha. Por outro lado, quem ouve essas minhas palavras e não as põe em prática, é como o homem sem juízo, que construiu sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, vieram as enxurradas, os ventos sopraram com força contra a casa, e a casa caiu, e a sua ruína foi completa!” (Mateus 7,24-27)

Sem precisar levar outras passagens em consideração, inclusive, as já citadas por nós, somente essa daria para concluir que a prática do amor ao próximo é a base de nossa salvação,

portanto, é algo relacionado com a nossa disposição íntima de agir a favor dele e não uma salvação de “graça”, pelo fato de alguém ter morrido na cruz, como querem muitos.

Finalizando, vamos ainda transcrever uma passagem bem interessante:

Lucas 18,18-24: *“Uma pessoa importante perguntou a Jesus: 'Bom Mestre, o que devo fazer para receber em herança a vida eterna?' Jesus respondeu: 'Por que você me chama de bom? Só Deus é bom, e ninguém mais. Você conhece os mandamentos: não cometa adultério; não mate; não roube; não levante falso testemunho; honre seu pai e sua mãe'. O homem disse: '**Desde jovem tenho observado todas essas coisas**'. Ouvindo isso, Jesus disse: '**Falta ainda uma coisa para você fazer: venda tudo o que você possui, distribua o dinheiro aos pobres**, e terá um tesouro no céu. Depois venha, e siga-me'. Quando ouviu isso, o homem ficou triste, porque era muito rico. Vendo isso, Jesus disse: 'Como é difícil para os ricos entrar no Reino de Deus! De fato, é mais fácil um camelo entrar pelo buraco de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus'.”*

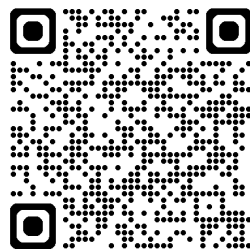
O interlocutor de Jesus afirma que cumpria todos os mandamentos, porém, o Mestre lhe disse que faltava mais uma coisa: vender tudo o que tinha para distribuir aos pobres, ou seja, que fosse desapegado dos seus bens, doando-os aos necessitados (= amor ao próximo), pois assim teria um tesouro no céu.

Não temos como entender de outra forma que não a de ser a prática do amor a base para a nossa salvação, como muitas outras passagens demonstram claramente isso.

Em nosso texto **O Que Efetivamente Nos Salva?** ⁽¹⁴¹⁾,

que além de desenvolver mais sobre este tema, também tentamos, na medida do possível,

ver Paulo com outros olhos; por considerar tal texto, de uma certa forma, como complemento do presente texto, por isso nós o recomendamos a todos que acabam de ler o atual.



Referências bibliográficas

A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

Bíblia Eletrônica 3.8.3, Rksof, (c) 2002.

Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia do Peregrino, ed. Brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada - NTLH. 1ª edição. Barueri (SP): SBB, 2000.

Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida (SP): Santuário, 1984.

Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave-Maria, 1989.

Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis (RJ): Vozes, 1989.

Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.

Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.

TORA, A Lei de Moisés. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.

ARIAS, J. **Jesus, Esse Grande Desconhecido**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

- BARRERA, J. T. **A Bíblia judaica e a Bíblia Cristã: introdução à história da Bíblia**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.
- BORG, M. G. e CROSSAN, J. D. **A Última Semana: Um Relato Detalhado dos Dias Finais de Jesus**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.
- CAMPBELL, J. **As Máscaras de Deus - Mitologia Oriental**. São Paulo: Palas Athane, 1995.
- CARPENTER, E. **Religiões Pagãs e Cristãs: Origens e Significados**. São Paulo: Tahyu, 2008.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo por Versículo - Vol. 1**. São Paulo: Hagnos, 2005.
- CHAMPLIN, R. N. **O Novo Testamento Interpretado Versículo a Versículo - Vol. 4**. São Paulo: Hagnos, 2005.
- CHEVITARESE, A., CORNELLI, G. e SELVATI, M. (orgs). **Jesus de Nazaré: Uma Outra História**. São Paulo: Annablume, 2006.
- CORNELLI, G. **A Magia de Jesus**. in: CHEVITARESE, A., CORNELLI, G. e SELVATI, M. (orgs). *Jesus de Nazaré: Uma Outra História*. São Paulo: Annablume, 2006, p. 83-100.
- CROSSAN, J. D. **O Jesus Histórico: a Vida de Um Camponês Judeu do Mediterrâneo**. Rio de Janeiro: Imago, 1994.
- CROSSAN, J. D. **Quem Matou Jesus? - As Raízes do Anti-semitismo na História Evangélica da Morte de Jesus**. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- DONINI, A. **Breve História das Religiões**. Rio de Janeiro: Civilização, 1965.
- EHRMAN, B. D. **Como Jesus se Tornou Deus**. São Paulo: LeYa, 2014a.

- EHRMAN, B. D. ***Jesus Existiu ou Não?*** Rio de Janeiro: Agir, 2014.
- EHRMAN, B. D. ***O Que Jesus Disse? O Que Jesus Não Disse?: Quem Mudou a Bíblia e Por Quê.*** São Paulo: Prestígio, 2006.
- EHRMAN, B. D. ***Quem Escreveu a Bíblia?*** Rio de Janeiro: Agir, 2013.
- EHRMAN, B. D. ***Quem Jesus Foi? Quem Jesus Não Foi? Mais Revelações Inéditas Sobre as Contradições da Bíblia.*** Rio de Janeiro: Ediouro, 2010.
- FLUSSER, D. ***O Judaísmo e as Origens do Cristianismo - Vol. 1.*** Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- FREKE, T. e GANDY, P. ***Os Mistérios de Jesus - Seria o Jesus Original Um Deus Pagão?*** Mem Martins, Portugal: Europa América, 2002.
- HASSANAIN, F. ***Jesus, a Verdade e a Vida.*** São Paulo: Madras, 1999 (?).
- JOHNSON, P. ***História do Cristianismo.*** Rio de Janeiro: IMAGO, 2001.
- JOSEFO, F. ***História dos Hebreus.*** Rio de Janeiro: CPAD, 7ª ed. 2003.
- KARDEC, A. ***O Evangelho Segundo Espiritismo.*** (trad. Herculano Pires) Capivari, SP: EME, 1996.
- KERSTEN, H. e GRUBER, E. R. ***O Buda Jesus - as Fontes Budistas do Cristianismo.*** São Paulo: Best Seller, s/d.
- KERSTEN, H. ***Jesus Viveu na Índia,*** São Paulo: Best Seller, 1988.
- MARCUS J. BORG e CROSSAN, J. D. ***A Última Semana.*** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

- MARQUES, L. A. ***História das Religiões e a Dialética do Sagrado***. São Paulo: Madras, 2005.
- MCLAREN, B. D. ***A Mensagem Secreta de Jesus***. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2007.
- PEREIRA, Y. A. ***Memórias de um Suicida***. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- PIRES, J. H. ***O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade***. São Paulo: 2016.
- POTTER, C. F. ***História das Religiões - Vol. I***. São Paulo: Edigraf, 1944(?).
- RODRÍGUEZ, P. ***Mentiras Fundamentais da Igreja Católica, Como a Bíblia Foi Manipulada***. Lisboa, Portugal: Terramar, 2007.
- ROHDEN, H. ***Jesus Nazareno***. São Paulo: Martin Claret, 2007.
- SOUZA, J. P. ***Mentiras Sobre Jesus: Desafio Para o Diálogo Religioso***. Fortaleza: Gráfica LCR, 2011.
- SOUZA, J. P. ***Mitos Cristãos: Desafios Para o Diálogo Religioso***. Divinópolis (MG): GEEC, 2007.
- TABOR, J. D. ***A Dinastia de Jesus: a História Secreta das Origens do Cristianismo***. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- TEMPLO ISRAELITA BRASILEIRO OHEL YAACOV. ***A Lei de Moisés TORA***. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.
- VASCONCELOS, Y.. ***O Homem Que Inventou Cristo***. in. *Superinteressante* nº 195. São Paulo: Abril, dez/2003, p. 56-64.
- VERMES, G. ***O Autêntico Evangelho de Jesus***. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- ZAHRNT, H. ***Jesus de Nazaré Uma Vida***. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

Periódico:

Superinteressante nº 195. São Paulo; Abril, dez/2003.

Internet:

BÍBLIA CATÓLICA (Online), disponível em:

<http://www.bibliacatolica.com.br/09/2/34.php#ixzz20i1fjOUZ>. Acesso em: 15 jul. 2012.

CANDEIA, *Memórias de um Suicida*, disponível em:

<https://www.candeia.com/memorias-de-um-suicida/p>. Acesso em: 24 dez. 2019.

CRISTO ENTRE OS LADRÕES, disponível em:

<https://orionitas.com.br/imagensSite/01-liturgia-da-via-sacra10.jpg>. Acesso em: 17 mar. 2018.

ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS, Cristo, disponível em:

<https://www.significados.com.br/jesus/>. Acesso em: 04 mar. 2018.

JESUS PERANTE PILATOS, disponível em.

<http://1.bp.blogspot.com/-nbQNb0KbAuk/VYCzCRhdh3I/AAAAAAAAAD4Q/-DpXBdmgl8/s400/ANTE%2BPONCIO%2BPILATOS.-JAMES%2BSEWARD.-S.%2BXX.jpg>. Acesso em: 17 mar. 2018.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *A Traição de Judas Uma História Mal Contada*, disponível em:

<https://paulosnetos.net/article/a-traicao-de-judas-uma-historia-mal-contada>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *O Que Efetivamente nos Salva?*, disponível em:

<https://paulosnetos.net/article/o-que-efetivamente-nos-salva>. Acesso em: 14 ago. 2024.

SILVA NETO SOBRINHO, P. *Os Profetas Previam Episódios da Vida de Jesus?*, disponível em: <https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>. Acesso em: 14 ago. 2024.

WIKIPÉDIA, *Paul Johnson*, disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Johnson. Acesso em: 15 mai. 2012.

WIKIPÉDIA, *Samuel*, disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Samuel_%28B%C3%Adblia%29. Acesso em: 22 jul. 2012.

Dados biográficos do autor



Paulo da Silva Neto Sobrinho é natural de Guanhães, MG. Formado em Ciências Contábeis e Administração de Empresas pela Universidade Católica (PUC-MG). Aposentou-se como Fiscal de Tributos pela Secretaria de Estado da Fazenda de Minas Gerais. Ingressou no movimento Espírita em Julho/87.

Participa do **GAE** - Grupo de Apologética Espírita (<https://apologiaespirita.com.br/>), desde o ano de 2004, quando de sua fundação.

Escreveu vários artigos que foram publicados em seu site **Paulo Neto** (<https://paulosnetos.net>) e alguns outros sites Espíritas na Web.

Livros publicados por Editoras:

a) impressos: 1) *A Bíblia à Moda da Casa*; 2) *Alma dos Animais: Estágio Anterior da Alma Humana?*; 3) *Espiritismo, Princípios, Práticas e Provas*; 4) *Os Espíritos Comunicam-se na Igreja Católica*; 5) *As Colônias Espirituais e a Codificação*; 6) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. I*; 7) *Espiritismo e Aborto*; e 8) *Chico Xavier: uma alma feminina*.

b) digitais: 1) *Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol.*

II, 2) Kardec & Chico: 2 Missionários. Vol. III; 3) Racismo em Kardec?; 4) Espírito de Verdade, Quem Seria Ele?; 5) A Reencarnação Tá na Bíblia; 6) Manifestações de Espírito de Pessoa Viva (Em Que Condições Elas Acontecem); 7) Homossexualidade, Kardec Já Falava Sobre Isso; 8) Os Nomes dos Títulos dos Evangelhos Designam Seus Autores?; 9) Apocalipse: Autoria, Advento e a Identificação da Besta; 10) Chico Xavier e Francisco de Assis Seriam o Mesmo Espírito?; 11) A Mulher na Bíblia; 12) Todos Nós Somos Médiuns?; 13) Os Seres do Invisível e as Provas Ainda Recusadas Pelos Cientistas; 14) O Perispírito e as Polêmicas a Seu Respeito; 15) O Fim dos Tempos Está Próximo?; 16) Obsessão, Processo de Cura de Casos Graves; 17) Umbral, Há Base Doutrinária Para Sustentá-lo?; 18) A Aura e os Chakras no Espiritismo; 19) Os Quatro Evangelhos, Obra Publicada por Roustaing, Seria a Revelação da Revelação?; 20) Espiritismo: Religião Sem Dúvida; 21) Allan Kardec e Suas Reencarnações; 22) Médiuns São Somente os Que Sentem a Influência dos Espíritos?; 23) EQM: Prova da Sobrevivência da Alma; 24) A Perturbação Durante a Vida Intrauterina; 25) Os Animais: Percepções, Manifestações e Evolução; 26) Reencarnação e as Pesquisas Científicas; 27) Reuniões de Desobsessão (Momento de Acolher Espíritos em Desarmonia); 28) Haveria Fetos Sem Espírito?; e 29) Trindade: O Mistério Imposto Por Um Leigo e Anuído Pelos Teólogos.

Belo Horizonte, MG.

e-mail: paulosnetos@gmail.com

- 1 BARRERA, *A Bíblia judaica e a Bíblia Cristã: introdução à história da Bíblia* p. 287-289.
- 2 MARQUES, *História das religiões e a dialética do sagrado*, p. 143.
- 3 TEMPLO ISRAELITA, *A Lei de Moisés TORA*, p. 266.
- 4 TEMPLO ISRAELITA, *A Lei de Moisés TORA*, p. 214.
- 5 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo: vol. 1*, p. 596.
- 6 Bíblia de Jerusalém, 2002, p. 1752.
- 7 Bíblia Sagrada Santuário, 1984, p. 1480.
- 8 Bíblia Sagrada Ave-Maria, 1989, p. 1317.
- 9 Bíblia Shedd, 2005, p. 1376.
- 10 Bíblia Sagrada Vozes, 1989, p. 1208.
- 11 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia?*, p. 218.
- 12 Bíblia de Jerusalém, p. 2083.
- 13 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo a versículo. Vol. 4*, p. 237.
- 14 POTTER, *História das Religiões. Vol. I*, p. 110.
- 15 EHRMAN, *Jesus existiu ou não?*, p. 164-165.
- 16 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a Bíblia foi manipulada*, p. 191.
- 17 Nota da Transcrição (N.T.): Não vamos reproduzir todos os textos do Velho Testamento que supostamente *profetizam* as correspondentes passagens dos Evangelhos; ver-nos-íamos obrigados a transcrever o contexto de cada um deles, o que seria tão incómodo quão absurdo. Não deixamos, no entanto, de recomendar a quem tiver dúvidas sobre o que afirmamos que pegue numa Bíblia e proceda por si às referidas comparações e verá com os seus próprios olhos como foi desavergonhada e infantil a fabricação de *profecias* bíblicas relativas à paixão de Jesus.
- 18 N.T.: Neste passo, não nos servimos do texto da Bíblia católica de Nácar-Colunga, que utilizamos em todo este

livro, por estar escandalosamente mal traduzido. A versão que apresenta é a seguinte: “Quando alguém cometeu um crime digno de morte, que seja morto pendurado num madeiro, e o seu cadáver não ficará no madeiro durante a noite, não deixareis de o enterrar no próprio dia, porque o enforcado é maldição de Deus, e não há-de manchar a terra que lavé, teu Deus, te deu em herança”; a palavra “enforcado”, com que se pretende criar uma distância entre este passo e o tipo de morte que sofreu Jesus, não só aparece em nenhuma tradução objectiva da Bíblia (seja ela católica ou independente) como, inclusivamente, está ausente de outras versões absolutamente católicas. É o caso, por exemplo, da que nos servimos neste passo (Cf. *Sagrada Bíblia*, traduzida por Félix Torres e Severiano del Páramo, Apostolado de la Prensa, Madrid, 1928, p. 349).

- 19 N.T.: Como o leitor poderá constatar por si próprio, é muito fácil encontrar *profecias* na Bíblia. Experimente fazer o que nós mesmos fizemos: ao abrirmos a Bíblia ao acaso, saíram-nos as páginas 704-705; quando começámos a ler, deparamos com este versículo: “Mesmo que se forme contra mim um exército, o meu coração manter-se-á firme. Mesmo que parta em guerra contra mim, não deixarei, mesmo então, de continuar tranquilo” (Sl 27, 3). A uma primeira leitura, é evidente que se trata de uma *profecia* claríssima de “Rambo” - especialmente do seu filme *O Encurralado*; ou talvez de um filme de James Bond; ou, melhor ainda, do líder sectário David Koresh, mortalmente cercado pelas forças especiais do FBI, no seu rancho de Waco; mas também pode estar a referir-se ao cerco final de Che Guevara em La Higuera pelo exército boliviano; ou, talvez seja uma descrição perfeita do comportamento do valente e honesto monsenhor Oscar Romero, assassinado em El Salvador; ou ainda pode estar a *profetizar* a detenção de Jesus de Nazaré por toda uma coorte do exército romano; ou, talvez...
- 20 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a bíblia foi manipulada*, p. 192-194.
- 21 HASSANAIN, *Jesus, a Verdade e a Vida*, p. 119.

- 22 SOUZA, *Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*, p. 134.
- 23 VASCONCELOS, *O homem que inventou Cristo*, p. 64.
- 24 N.T.: Wilh. Nestle, *Krisis des Christentums 1947*, p. 89.
- 25 N.T.: F. Overbeck, *Christentum und Kultur - aus dem Nachlas*, 1919.
- 26 KERSTEN, *Jesus viveu na Índia*, p. 34-35.
- 27 KERSTEN, *Jesus viveu na Índia*, p. 237.
- 28 Link: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Samuel_\(B%C3%ADblia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Samuel_(B%C3%ADblia))
- 29 VERMES, *O Autêntico Evangelho de Jesus*, p. 344-345.
- 30 SOUZA, *Mentiras sobre Jesus: desafio para o diálogo religioso*, p. 139.
- 31 EHRMAN, *O que Jesus disse? O que Jesus não disse?: quem mudou a Bíblia e por quê*, p. 175-176.
- 32 FLUSSER, *O Judaísmo e as origens do Cristianismo*, vol. 1, p. 227.
- 33 N.T.: Manuscritos do Mar Morto, *The Messianic Rule (1QS_a) 2.11-25*.
- 34 N.T.: *The Demotic Maginal Papyrus of London and Leiden 15.1-6*, em *The Greek Magical Papyri in Translation, including the Demotic Spells*, ed. Hans Dieter Betz (Chicago: University of Chicago Press, 1968).
- 35 N.T.: *Papyri graecae magicae 7.643ff*.
- 36 N.T.: Didache é pronunciado como *did-a-quei*.
- 37 N.T.: *Didache 9:1-3*, em Bart Ehrman, trad. *The Apostolic Fathers*, Loeb Classical Library 24, vol. 1 (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2003), p. 431.
- 38 TABOR, *A dinastia de Jesus: a história secreta das origens do cristianismo*, p. 215-219.
- 39 FREKE e GANDY, *Os mistérios de Jesus - seria o Jesus original um deus pagão?*, p. 11 e 52.
- 40 KERSTEN e GRUBER, *O Buda Jesus - as fontes budistas do cristianismo*, p. 316.

- 41 MCLAREN, *A mensagem secreta de Jesus*, p. 216-218.
- 42 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 120.
- 43 ARRIBAS, *O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade por J. Herculano Pires*, p. 130.
- 44 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 134.
- 45 KARDEC, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, página de rosto.
- 46 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 163-164.
- 47 MARTINS, *A formação do Novo Testamento*, p. 48.
- 48 BORG e CROSSAN, *A Última Semana*, p. 20.
- 49 BORG e CROSSAN, *A Última Semana*, p. 18.
- 50 Bíblia Sagrada Vozes, p. 277.
- 51 Bíblia de Jerusalém, p. 1675.
- 52 Bíblia do Peregrino, p. 2296.
- 53 EHRMAN, *Jesus existiu ou não?*, p. 159.
- 54 Link: <https://www.significados.com.br/cristo/>
- 55 EHRMAN, *Quem escreveu a Bíblia?*, p. 148-149.
- 56 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 227.
- 57 JOSEFO, *História dos Hebreus*, p. 418.
- 58 JOSEFO, *História dos hebreus*, p. 419-420.
- 59 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 165.
- 60 Link:
<http://1.bp.blogspot.com/-nbQNb0KbAuk/VYCzCRhdh3I/AAAAAAD4Q/-DpXBdmgl8/s400/ANTE%2BPONCIO%2BPILATOS.-JAMES%2BSEWARD.-S.%2BXX.jpg>
- 61 BORG e CROSSAN, *A Última Semana*, p. 44-45.
- 62 BORG e CROSSAN, *A Última Semana*, p. 172.
- 63 BORG e CROSSAN, *A Última Semana*, p. 173-174.
- 64 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 166-167.
- 65 Mateus 27,23, Marcos 15,14, Lucas 23,4 e João 19,4.

- 66 EHRMAN, *Quem Jesus foi? Quem Jesus não foi?*, p. 59.
- 67 Mateus 27,37, Marcos 15,26 e Lucas 23,38.
- 68 Mateus 27,15-26; Marcos 15,6-15; Lucas 23,17-25 e João 18,39-40.
- 69 CROSSAN, *Quem matou Jesus? - as raízes do anti-semitismo na história evangélica da morte de Jesus*, p. 135.
- 70 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*, vol. 1, p. 536.
- 71 Mateus 27,26; Marcos 15,15; Lucas 23,24-25 e João 19,16.
- 72 Link: <https://orionitas.com.br/imagensSite/01-liturgia-da-via-sacra10.jpg>
- 73 ROHDEN, *Jesus Nazareno*, p. 417-418.
- 74 Mateus 27,46 e Marcos 15,34.
- 75 EHRMAN, *Quem foi Jesus? Quem Jesus não foi?*, p. 81.
- 76 João 18,37, no teor da Bíblia Shedd, p. 1519.
- 77 Mateus 26,56 e Marcos 14,50.
- 78 Mateus 26,58; Marcos 14,54, Lucas 22,54 e João 18,15.
- 79 MCLAREN, *A mensagem secreta de Jesus*, contracapa.
- 80 MCLAREN, *A mensagem secreta de Jesus*, p. 190.
- 81 JOHNSON, *História do Cristianismo*, p. 42.
- 82 ARIAS, *Jesus, Esse Grande Desconhecido*, p. 31.
- 83 ARIAS, *Jesus, Esse Grande Desconhecido*, p. 93.
- 84 ARIAS, *Jesus, Esse Grande Desconhecido*, p. 98.
- 85 ARIAS, *Jesus, Esse Grande Desconhecido*, p. 100.
- 86 CHAMPLIN, *O Novo Testamento interpretado versículo por versículo*. vol. 1, p. 555.
- 87 N.T.: Sanhedrin, 43a, apud Smith (1978: 64, grifo nosso). Cf. também Ireneo di Lione (1997), *Contro le ereste e gli altri scritti*. A cura di Enzo Bellini e per la nouva edizione di Giorgio Maschio 32,3; e Giustino Martire (1983),

- Primeira Apologia*, 30, in *Le Due Apologie*.
- 88 CORNELLI, *A Magia de Jesus*. in *Jesus de Nazaré: Uma Outra História*, p. 84.
- 89 EHRMAN, *Como Jesus se tornou Deus*, p. 66.
- 90 BORG e CROSSAN, *A Última Semana*, p. 174.
- 91 EHRMAN, *Jesus existiu ou não?*, p. 143.
- 92 *Dicionário Barsa*, p. 176.
- 93 SILVA NETO SOBRINHO, *Os Profetas Previram Episódios da Vida de Jesus?*, Link: <https://paulosnetos.net/article/os-profetas-previram-episodios-da-vida-de-jesus-ebook>
- 94 EHRMAN, *Quem escreveu a bíblia?*, p. 147-148.
- 95 CROSSAN, *Quem matou Jesus? – as raízes do anti-semitismo na história evangélica da morte de Jesus*, p. 81.
- 96 CROSSAN, *Quem matou Jesus?*. p. 85-87.
- 97 Bíblia Sagrada – Anotada, p. 1229.
- 98 No original, repetiu-se o item quarto.
- 99 CROSSAN, *Quem matou Jesus?*, p. 96-98.
- 100 SILVA NETO SOBRINHO, *A Traição de Judas: Uma História Mal Contada*, link: <https://paulosnetos.net/article/a-traicao-de-judas-uma-historia-mal-contada>
- 101 SOUZA, *Mitos cristãos: desafios para o diálogo religioso*, p. 140.
- 102 Bíblia Anotada, p. 98.
- 103 Bíblia do Peregrino, p. 129.
- 104 Bíblia Sagrada Vozes, p. 95.
- 105 N.T.: Veja-se J. TOUTAIN, “L'idée religieuse de la rédemption” nos *Annales de l'École des Hautes Etudes, Section des Sciences Religieuses*, Paris, 1916-17.
- 106 N.T.: *Mateus*, XX, 28; *Marcos*, X, 45.
- 107 N.T.: “Eu sou Lipit-Istar, que trouxe a liberdade aos filhos e às filhas de Nippur, Ur e Isin; com os meus esforços

libertei da escravidão os filhos e as filhas de Súmer e da Acádia” etc. (cf. *Êxodo*, XX, 2: “Eu sou o senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão”).

- 108 N.T.: **É muito provável que se tenha estabelecido muito cedo entre o “salvador” masdeu e o “messias” judaico um processo de identificação.** Num comentário latino ao evangelho de Mateus, os “reis magos”, vindos do país de Zoroastro, procuram o *saoshyant* (V. BOUQUET, *Breve História das Religiões*, cit., introdução).
- 109 N.T.: *Jeremias*, XXXIV, 8-22.
- 110 N.T.: W. L. WESTERMANN, *The Slave system of Greek and Roman antiquity*, Filadélfia, 1955.
- 111 N.T.: “*Sensit deficiens sua praemia meque patronum Dixit ad internas liber iturus aquas* (Morrendo, teve a prova dos seus méritos e da minha generosidade, certo enfim de ir livre às águas infernais). Veja-se R. H. BARROW, *Slavery in the Roman Empire* (A escravidão no Império Romano), Londres, 1928, pág. 175.
- 112 DONINI, *Breve história das religiões*, p. 203-206.
- 113 BERG e CROSSAN, *A Última Semana*, p. 128.
- 114 BERG e CROSSAN, *A Última Semana*, p. 183.
- 115 BERG e CROSSAN, *A Última Semana*, p. 192.
- 116 N.T.: Baring Gould, em seu livro *Orig. Relig. Beliej*, I. 401, diz: “Entre os Hindus antigos, Soma era uma divindade; ele é chamado de Provedor da Vida e da Saúde... **Encarnou entre os homens, foi pego por eles, morto e triturado em um almofariz** (aparentemente um deus de cereal e vinho). Mas **ele ressuscitou das chamas e subiu ao céu para ser ‘Benfeitor do Mundo’** e o **‘Mediador entre Deus e o homem**. Por meio da comunhão com ele em seu sacrifício, o homem (que partilhava desse deus) tem uma confirmação de imortalidade, pois com esse sacramento obtém união com sua divindade’.”
- 117 Ver uma considerável lista no livro de Doane, *Bible Myths*,

- cap. XX.
- 118 N.T.: *Hist. Sanskrit Literature*, p. 80.
- 119 N.T.: Ver o livro de Kingsborough, *Mexican Antiquities*, vol. VI.
- 120 N.T.: Ver *Apologia*, de Tertúlio, c. 16; Ad aciones, c. XII.
- 121 N.T.: Cap. IX, V. 16.
- 122 N.T.: *Primitive Folk*, cap. VI.
- 123 CARPENTER, *Religiões pagãs e cristãs: origens e significados*, p. 89-91.
- 124 N.T.: Mateus 16:23; *Mahāparinibbana-Sūta* 61.
- 125 CAMPBELL, *As máscaras de Deus - Mitologia oriental*, p. 203-205.
- 126 JOHNSON, *História do Cristianismo*, p. 50-51.
- 127 ZHRNT, *Jesus de Nazaré uma vida*, p. 27.
- 128 EHRMAN, *Jesus existiu ou não?*, p. 159.
- 129 M = Mateus, L = Lucas, segundo Ehrman, às p. 86-87.
- 130 EHRMAN, *Jesus existiu ou não?*, p. 236.
- 131 N.T.: Vohu-Manah, a exemplo de Hórus e de outros deuses-filhos, entre os quais se deve situar Jesus Cristo, tinha um papel fundamental, no contexto “Juízo Final”, como intermediário entre os humanos e o deus-pai. Acreditava-se que, quando uma alma chegava ao céu, Vohu-Manah se levantava do seu trono, a pegava pela mão e a conduzia até à presença do grande deus Ahura-Mazda e da sua corte celestial.
- 132 RODRÍGUEZ, *Mentiras fundamentais da Igreja Católica, como a bíblia foi manipulada*, p. 117-118.
- 133 PIRES, *O Evangelho de Jesus em Espírito e Verdade*, p. 216.
- 134 CANDEIA, *Memórias de um Suicida*, disponível em: <https://www.candeia.com/memorias-de-um-suicida/p>
- 135 PEREIRA, *Memórias de um Suicida*, p. 492-495.
- 136 Ver também Jó 34,11; Salmo 28,4; 62,12; Provérbio

12,14; 24,12; Eclesiástico 16,13; Jeremias 17,10; Lamentação 3,64; Ezequiel 24,14; 33,20; Oseias 12,3, 2; Timóteo 4,14; Apocalipse 2,23.

137 Ver também Jeremias 31,29-30; Ezequiel 18,20.

138 MCLAREN, *A mensagem secreta de Jesus*, p. 92.

139 MCLAREN, *A mensagem secreta de Jesus*, p. 117.

140 MCLAREN, *A mensagem secreta de Jesus*, p. 147.

141 SILVA NETO SOBRINHO, *O Que Efetivamente nos Salva?*,
link: <https://paulosnetos.net/article/o-que-efetivamente-nos-salva>